

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

LAVINY VITÓRIA BRAGA VICENTE

**PADRÕES MICROCONSTRUCIONAIS COM *LOGO* NO PORTUGUÊS
BRASILEIRO: UMA INVESTIGAÇÃO A PARTIR DA LINGUÍSTICA FUNCIONAL
CENTRADA NO USO**

JUIZ DE FORA

2025

LAVINY VITÓRIA BRAGA VICENTE

**PADRÕES MICROCONSTRUCIONAIS COM *LOGO* NO PORTUGUÊS
BRASILEIRO: UMA INVESTIGAÇÃO A PARTIR DA LINGUÍSTICA FUNCIONAL
CENTRADA NO USO**

Dissertação de Mestrado apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em Linguística
da Faculdade de Letras da Universidade
Federal de Juiz de Fora como requisito
parcial à obtenção do título de Mestre em
Linguística.

Orientadora: Profa. Dra. Patrícia Fabiane Amaral da Cunha Lacerda.

Juiz de Fora

2025

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Vitória Braga Vicente, Laviny.

PADRÕES MICROCONSTRUCIONAIS COM LOGO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO: UMA INVESTIGAÇÃO A PARTIR DA LINGUÍSTICA FUNCIONAL CENTRADA NO USO / Laviny Vitória Braga Vicente. -- 2025.

124 f. : il.

Orientadora: Patrícia Fabiane Amaral da Cunha Lacerda
Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Letras. Programa de Pós-Graduação em Linguística, 2025.

1. Linguística Funcional Centrada no Uso. 2. Abordagem construcional. 3. Microconstruções com logo. I. Fabiane Amaral da Cunha Lacerda, Patrícia , orient. II. Título.

Laviny Vitória Braga Vicente

Padrões microconstrucionais com *logo* no português brasileiro: uma investigação a partir da Linguística Funcional Centrada no Uso

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à obtenção do título de mestra em Linguística. Área de concentração: Linguística.

Aprovada em 12 de agosto de 2025.

BANCA EXAMINADORA

Profª Drª Patrícia Fabiane Amaral da Cunha Lacerda - Orientadora

Universidade Federal de Juiz de Fora

Profª Drª Lauriê Ferreira Martins Dall'Orto

Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof. Dr. Edvaldo Balduino Bispo

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Juiz de Fora, 11/07/2025.



Documento assinado eletronicamente por **Patricia Fabiane Amaral da Cunha Lacerda, Professor(a)**, em 12/08/2025, às 17:24, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Lauriê Ferreira Martins Dall" Orto, Professor(a)**, em 12/08/2025, às 20:08, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Edvaldo Balduino Bispo, Usuário Externo**, em 19/08/2025, às 22:39, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no Portal do SEI-Ufjf (www2.ufjf.br/SEI) através do ícone Conferência de Documentos, informando o código verificador **2497490** e o código CRC **A8901666**.

AGRADECIMENTOS

A Linguística é uma área que, desde o início da minha graduação em Letras, em 2017, conquistou meu coração. Ao longo da minha trajetória acadêmica, tive contato com diversas subáreas da Linguística, e a Linguística Cognitiva me fascinou por completo. Desde o desenvolvimento do meu TCC, tive a certeza de que essa seria a área que eu queria seguir. Concluir o mestrado sob essa perspectiva me proporciona uma profunda sensação de realização pessoal e profissional, que vai além da academia, tornando-me mais consciente, humana e preparada como professora de línguas. Serei eternamente grata a todos que fizeram parte dessa caminho

No contexto da pós-graduação, agradeço aos professores do programa, que proporcionaram uma formação sólida e consistente. Registro também minha gratidão à coordenação e à secretaria do PPG, cujo comprometimento e profissionalismo tornaram meu percurso acadêmico mais organizado e tranquilo. Agradeço, ainda, à CAPES pelo apoio financeiro, que possibilitou a realização desta pesquisa com plena dedicação e responsabilidade.

Às professoras e aos professores que participaram das bancas de qualificação e de defesa, registro minha profunda gratidão. Pela banca de qualificação, agradeço à Profa. Dra. Lauriê Dall'Orto e à Profa. Dra. Sandra Almeida; pela banca de defesa, agradeço à Profa. Dra. Lauriê Dall'Orto, ao Prof. Dr. Edvaldo Balduino Bispo e à Profa. Dra. Sandra Almeida. Sou muito grata pelo interesse, pela disponibilidade em ler meu trabalho e pelas valiosas contribuições para minha pesquisa.

Agradeço com todo respeito, admiração e carinho à minha querida orientadora, Profa. Dra. Patrícia Fabiane. Esta jornada foi longa, e sei que exigiu de você muita paciência e dedicação. Sou imensamente grata por seu profissionalismo, sua compreensão, seu incentivo e sua amizade ao longo de todo o percurso. Obrigada por me mostrar o quanto a Linguística pode ser fascinante e inspiradora e por transmitir, com tanto entusiasmo, a paixão pelo seu objeto de estudo. É uma

grande inspiração ver como você combina comprometimento, seriedade e amor pelo que faz.

Ao meu noivo, João Pedro, que me incentivou desde o processo seletivo, mesmo quando eu hesitei em tentar, e que permaneceu ao meu lado durante toda a jornada. À minha mãe, que sempre esteve presente em todos os momentos, oferecendo apoio incondicional. Às minhas avós, Diva e Conceição, que são fundamentais na formação da pessoa que sou hoje. Ao meu pai, pelo carinho constante, e ao meu irmão, que é um verdadeiro pilar em minha vida.

Às minhas amigas Karla, Isabella e Layla, pelo apoio profissional e pessoal ao longo desta caminhada, permanecendo ao meu lado até o fim do mestrado. Ao meu amigo Hilen, pelo companheirismo e presença constante. À minha colega de turma, Taís, por toda a troca e parceria ao longo das aulas e durante o período de redação.

À educação pública, que me proporcionou e continua proporcionando oportunidades que eu jamais imaginei, permitindo-me aprimorar minhas habilidades de pesquisa e, acima de tudo, meu desenvolvimento acadêmico.

RESUMO

O objetivo deste trabalho é investigar as microconstruções com *logo* no português brasileiro, delimitando o pareamento forma-função que caracteriza cada padrão microconstrucional identificado. Alguns exemplos de construções com *logo* seriam *logo mais*; *logo logo*; *logo eu* etc.. Para isso, baseamo-nos nos pressupostos fundamentais da Linguística Funcional Centrada no Uso (Furtado da Cunha *et al.*, 2013; Rosário; Oliveira, 2016; Bispo; Silva, 2016) e, mais especificamente, na abordagem construcional da mudança (Traugott; Trousdale, 2013). Do ponto de vista metodológico, assumimos o método misto nos termos de Cunha Lacerda (2016), que considera que a coadunação entre a análise qualitativa e a análise quantitativa pode fornecer evidências empíricas sobre a ocorrência de processos de construcionalização. Para a realização desta pesquisa, utilizamos o *corpus* compilado por Martins (2021), o qual é constituído por dez perfis da rede social X – antigo *Twitter* –, perfazendo aproximadamente 1.700.000 palavras. Como resultado, foram identificados doze padrões microconstrucionais com *logo*, os quais seriam distribuídos em um *continuum* de intersubjetividade.

Palavras-chave: linguística funcional centrada no uso; abordagem construcional; microconstruções com *logo*.

ABSTRACT

The aim of this study is to investigate micro-constructions with *logo* in Brazilian Portuguese, outlining the form-function pairings that characterize each identified micro-constructional pattern. Some examples of constructions with *logo* include *logo mais*, *logo logo*, *logo eu*, among others. This research is grounded in the theoretical framework of Usage-Based Functional Linguistics (Furtado da Cunha et al., 2013; Rosário; Oliveira, 2016; Bispo; Silva, 2016) and, more specifically, on the constructional approach to language change (Traugott; Trousdale, 2013). From a methodological perspective, we adopt a mixed-methods approach as proposed by Cunha Lacerda (2016), which holds that the combination of qualitative and quantitative analyses can provide empirical evidence for the occurrence of constructionalization processes. For the development of this research, we used the corpus compiled by Martins (2021), which consists of ten profiles from the social media platform *X* – formerly *Twitter* – totaling approximately 1,700,000 words. As a result, twelve micro-constructional patterns with *logo* were identified, which are distributed along an intersubjectivity *continuum*.

Keywords: usage-based functional linguistics; constructional approach; micro-constructions with *logo*.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Descrição das porcentagens dos padrões com <i>logo</i> no <i>corpus</i> analisado...	110
---	-----

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Exemplo 1 de construção com <i>logo</i>	14
Figura 2 – Exemplo 2 de construção com <i>logo</i>	15
Figura 3 – Exemplo 3 de construção com <i>logo</i>	16
Figura 4 – Exemplo 4 de construção com <i>logo</i>	16
Figura 5 - Representação interna de uma construção.....	24
Figura 6 – Exemplo 1 de ocorrência da microconstrução 1.....	57
Figura 7 – Exemplo 2 de ocorrência da microconstrução 1.....	58
Figura 8 – Exemplo 1 de ocorrência da microconstrução 2.....	61
Figura 9 – Exemplo 2 de ocorrência da microconstrução 2.....	62
Figura 10 – Exemplo 3 de ocorrência da microconstrução 2.....	64
Figura 11 – Exemplo 1 de ocorrência da microconstrução 3.....	67
Figura 12 – Exemplo 2 de ocorrência da microconstrução 3.....	68
Figura 13 – Exemplo 3 de ocorrência da microconstrução 3.....	69
Figura 14 – Exemplo 1 de ocorrência da microconstrução 4.....	72
Figura 15 – Exemplo 2 de ocorrência da microconstrução 4.....	73
Figura 16 – Exemplo 3 de ocorrência da microconstrução 4.....	74
Figura 17 – Exemplo 1 de ocorrência da microconstrução 5.....	76
Figura 18 – Exemplo 2 de ocorrência da microconstrução 5.....	76
Figura 19 – Exemplo 3 de ocorrência da microconstrução 5.....	77
Figura 20 – Exemplo 1 de ocorrência da microconstrução 6.....	80
Figura 21 – Exemplo 2 de ocorrência da microconstrução 6.....	80
Figura 22 – Exemplo 3 de ocorrência da microconstrução 6.....	82
Figura 23 – Exemplo 1 de ocorrência da microconstrução 7.....	84
Figura 24 – Exemplo 2 de ocorrência da microconstrução 7.....	85
Figura 25 – Exemplo 3 de ocorrência da microconstrução 7.....	86
Figura 26 – Exemplo 1 de ocorrência da microconstrução 8.....	88
Figura 27 – Exemplo 2 de ocorrência da microconstrução 8.....	89
Figura 28 – Exemplo 3 de ocorrência da microconstrução 8.....	91
Figura 29 – Exemplo 1 de ocorrência da microconstrução 9.....	93
Figura 30 – Exemplo 2 de ocorrência da microconstrução 9.....	94
Figura 31 – Exemplo 3 de ocorrência da microconstrução 9.....	95
Figura 32 – Exemplo 1 de ocorrência da microconstrução 10.....	98
Figura 33 – Exemplo 2 de ocorrência da microconstrução 10.....	99
Figura 34 – Exemplo 1 de ocorrência da microconstrução 11.....	103
Figura 35 – Exemplo 3 de ocorrência da microconstrução 11.....	104
Figura 36 - Exemplo 1 de ocorrência da microconstrução 12.....	107
Figura 37 - Exemplo 2 de ocorrência da microconstrução 12.....	107
Figura 38 - Exemplo 3 de ocorrência da microconstrução 12.....	108

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Proposta de caminho direcional apresentado por <i>logo</i>	13
Quadro 2 - Esquematicidade, produtividade e composicionalidade na construcionalização gramatical e lexical (reproduzido de Traugott e Trousdale, 2013, p. 193, tradução nossa).....	33
Quadro 3 - Trajetória temporal advérbio > conjunção.....	44
Quadro 4 – Descrição do pareamento forma-função da microconstrução proximidade espacial.....	56
Quadro 5 – Descrição do pareamento forma-função da microconstrução de demarcação de ponto inicial temporal.....	60
Quadro 6 – Descrição do pareamento forma-função da microconstrução de delimitação temporal.....	66
Quadro 7 – Descrição do pareamento forma-função da microconstrução indicação de tempo imediato.....	70
Quadro 8 – Descrição do pareamento forma-função da microconstrução integralidade temporal.....	75
Quadro 9 – Descrição do pareamento forma-função da microconstrução de encadeamento temporal.....	78
Quadro 10 – Descrição do pareamento forma-função da microconstrução de sucessão temporal.....	84
Quadro 11 – Descrição do pareamento forma-função da microconstrução de proximidade temporal.....	87
Quadro 12 – Descrição do pareamento forma-função da microconstrução maior proximidade temporal.....	92
Quadro 13 – Descrição do pareamento forma-função da microconstrução proximidade temporal envolvendo um descomprometimento do falante.....	96
Quadro 14 – Descrição do pareamento forma-função da microconstrução conclusivo.	101
Quadro 15 – Descrição do pareamento forma-função da microconstrução contraexpectativa.....	105
Quadro 16 - Proposta de continuum de intersubjetividade dos padrões de <i>logo</i>	114

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 CAPÍTULO I.....	18
LINGUÍSTICA FUNCIONAL CENTRADA NO USO:.....	18
PRESSUPOSTOS FUNDAMENTAIS.....	18
1. Linguística Funcional Centrada no Uso: pressupostos gerais.....	19
1.1 Modelos da Gramática de Construções.....	24
1.2 Modelo de Traugott e Trousdale (2013).....	28
2. Mecanismos da Mudança.....	34
3. (Inter)subjetividade e o posicionamento avaliativo do falante.....	38
4. Conclusões.....	40
3 CAPÍTULO II.....	42
LOGO: UMA BREVE REVISÃO.....	42
2.1 Logo: uma revisão geral.....	42
2.2 Logo: uma revisão no âmbito do Funcionalismo Linguístico.....	45
2.3 Conclusões.....	49
4 CAPÍTULO III.....	50
PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	50
3.1 Caracterização do <i>corpus</i>	50
3.2 O método misto.....	51
3.3 Procedimentos de análise.....	53
5 CAPÍTULO IV.....	55
ANÁLISE DE DADOS.....	55
4.1 Padrões microconstrucionais com logo no corpus analisado.....	55
4.1.1 Padrão microconstrucional de proximidade espacial.....	56
4.1.2 Padrão microconstrucional de demarcação de ponto inicial temporal... 60	
4.1.4 Padrão microconstrucional de indicação de tempo imediato.....	70
4.1.5 Padrão microconstrucional de integralidade temporal.....	75
4.1.6 Padrão microconstrucional de indicação de encadeamento temporal... 78	
4.1.7 Padrão microconstrucional de indicação de sucessão temporal.....	83
4.1.8 Padrão microconstrucional de indicação de proximidade temporal.....	87
4.1.9 Padrão microconstrucional de indicação de maior proximidade temporal.	92
4.1.11 Padrão microconstrucional de conclusão.....	101
4.1.12 Padrão microconstrucional de contraexpectativa.....	105
4.2 Conclusões do capítulo.....	109
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	116
REFERÊNCIAS.....	119

1 INTRODUÇÃO

Nesta pesquisa, adotamos uma concepção de língua fundamentada e pautada no uso. Nesse sentido, compreendemos a língua como uma estrutura flexível, em constante transformação, moldada pelas diferentes situações e pelos contextos comunicativos vivenciados pelos falantes. Essa característica mutável permite que a língua se adapte às finalidades e exigências comunicativas de seus usuários. Nesse cenário, as transformações linguísticas decorrem do uso efetivo da língua, ou seja, ocorrem à medida que ela é empregada. A pesquisa, portanto, apoia-se em uma perspectiva de língua baseada no uso, com respaldo na Linguística Funcional Centrada no Uso – doravante, também LFCU – (Furtado da Cunha *et al.*, 2013; Rosário; Oliveira, 2014; Bispo; Silva 2016) e, de forma mais específica, na abordagem construcional da mudança, conforme proposta por Traugott e Trousdale (2013).

Para a LFCU, a unidade básica da língua é a construção (Goldberg, 1995, 2006, 2016). Segundo Goldberg (2016), as construções surgem a partir do pareamento entre forma e função. Nesse sentido, a língua é composta por esses padrões, que estabelecem novas relações e combinações significativas entre si, constituindo nós, que serão posteriormente organizados em redes. Portanto, na abordagem da LFCU, a língua é organizada em extensas redes construcionais taxonômicas, que têm a microconstrução como sendo o nível mais básico. Nesse contexto, assumimos os postulados de Traugott e Trousdale (2013) para este trabalho, uma vez que os autores propuseram um modelo descritivo para a mudança linguística sob uma perspectiva construcional.

Vale destacar que esta pesquisa foi realizada no âmbito do NUPACT – Núcleo de Pesquisa em Abordagem Construcional e Tradução –, o qual é coordenado pela Profa. Dra. Patrícia Fabiane Amaral da Cunha Lacerda na Universidade Federal de Juiz de Fora. Também vale ressaltar que há dois trabalhos anteriores, desenvolvidos por Durço (2019) e Fernandes (2025), que apresentam resultados, de certo modo, muito próximos aos que foram obtidos na presente pesquisa. Em síntese, Durço (2019), em sua tese de doutorado, comprovou que as microconstruções com *então*

se distribuem em um *continuum* de intersubjetividade a partir de um aumento de escopo a partir da seguinte distribuição direcional: espaço → texto → discurso. De igual modo, Fernandes (2025), em sua dissertação de mestrado, que tem como objetivo mapear e descrever os padrões microconstrucionais com *assim*, comprovou que as microconstruções identificadas também se distribuem em um *continuum* de intersubjetividade a partir, igualmente, da distribuição direcional tempo → texto → discurso.

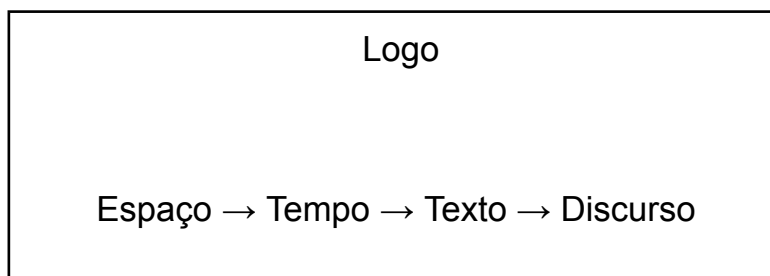
Diante do exposto, e com base nos fundamentos teóricos previamente apresentados, este trabalho tem como objetivo central descrever os padrões microconstrucionais envolvendo *logo* no português brasileiro, considerando a produtividade observada nesses padrões. Portanto, esta pesquisa tem como objetivo investigar o funcionamento de construções com *logo* no contexto do uso espontâneo da língua na plataforma X – antigo *Twitter* –, levando em conta seu potencial de expressar diferentes graus de intersubjetividade. Para tanto, estabelecemos os seguintes objetivos específicos: (i) identificar e descrever os padrões microconstrucionais com *logo* no *corpus* selecionado, evidenciando suas características formais e funcionais; (ii) analisar os padrões microconstrucionais identificados a partir de um *continuum* de intersubjetividade.

Partimos da hipótese de que as construções com *logo* identificadas neste trabalho refletem o seu uso real, sendo decorrentes de processos de expansão semântico-pragmática em virtude de um aumento de escopo, que se refere à extensão do domínio semântico de um elemento. Para Traugott e Dasher (2005), o aumento de escopo ocorre quando elementos passam de significados em nível proposicional – como advérbios, por exemplo –, a significados relacionados à proposição – como marcadores discursivos. Junto ao aumento de escopo, incorpora-se a noção de intersubjetividade, que, ainda segundo Traugott e Dasher (2005), possui um caráter interpessoal e tem ligação com a dêixis social. Isso significa que, a partir da interação entre os falantes, eles expressam atitudes em relação ao *status* da proposição, podendo afetar a sua autoimagem ou sua face, nos termos de Goffman (1967).

Com base no exposto e nos objetivos apontados, formulamos, portanto, a hipótese inicial de que as construções com *logo* se distribuem a partir de um *continuum* de intersubjetividade, que envolve um processo de expansão

semântico-pragmática, o qual, por sua vez, está relacionado a um aumento de escopo, no qual, inclusive, se verificam sentidos mais concretos e menos intersubjetivos que levam a sentidos mais abstratos e intersubjetivos, como discutido por Traugott e Dasher (2005). Desse modo, à medida que os falantes interagem, surge a necessidade de manifestarem suas ideias por meio de enunciados cada vez mais expressivos, *logo* passa por um aumento de escopo e de intersubjetividade, ou seja, passa de sentidos de cunho adverbial a sentidos mais pautados no texto e no discurso. Isso evidenciaria que *logo*, ao longo do tempo, teria passado por um processo de expansão semântico-pragmático, tendo envolvido a direcionalidade espaço → tempo → texto → discurso, como na imagem abaixo.

Quadro 1 - Proposta de caminho direcional apresentado por *logo*



Fonte: Elaborado pela autora (2025)

Ademais, tecemos essa hipótese a partir dos resultados das pesquisas de Durço (2019) e Fernandes (2025). Conforme sinalizado acima, as autoras, em sua tese de doutorado e em sua dissertação de mestrado, respectivamente, comprovaram empiricamente que, tanto em relação às microconstruções com *então* quanto em relação às microconstruções com *assim*, evidencia-se um percurso de direcionalidade pautado em tempo → texto → discurso.

No mais, vale ressaltar que, embora haja outras pesquisas que objetivam tratar de *logo* no português brasileiro, conforme será discutido no Capítulo II desta pesquisa, tais trabalhos se realizaram a partir de diferentes abordagens e recortes, não assumindo, contudo, a perspectiva teórica adotada nesta dissertação de mestrado. Além disso, a escolha do objeto de estudo foi orientada pelos poucos

estudos encontrados que abordam especificamente o uso de *logo* no português brasileiro — temática que será retomada no Capítulo II.

Por sua vez, do ponto de vista metodológico, para a consecução desta pesquisa, utilizamo-nos de um *corpus* representativo da modalidade escrita, compilado por Martins (2021), cujos dados foram retirados da rede social X, antigo *Twitter*. Para confeccionar o *corpus*, a autora contou com a utilização de dez perfis dessa rede social, com amostras pertencentes aos anos de 2017, 2018, 2019 e 2020, totalizando 1.677.627 palavras. Para o cumprimento dos objetivos, pautamo-nos no método misto, que, de acordo com Cunha Lacerda (2016), integra procedimentos quantitativos e qualitativos, valendo-se da análise de frequência e da descrição interpretativa das construções observadas.

A fim de ilustrar nosso objeto de análise, valemo-nos abaixo de três dados extraídos do *corpus*:

Figura 1 – Exemplo 1 de construção com *logo*



Fonte: X – antigo *Twitter* (2020)

A primeira ocorrência representativa de *logo* apresenta um significado vinculado a uma delimitação espacial, uma vez que o locutor, ao enunciar *logo na entrada*, reportando-se à casa do programa *Big Brother Brasil* no ano de 2020, destaca que a referida calçada da fama se posiciona em um lugar muito próximo à

entrada, demarcando, portanto, uma pequena distância espacial entre a entrada da casa e a posição em que a calçada da fama se encontra.

Figura 2 – Exemplo 2 de construção com *logo*



Fonte: X – antigo *Twitter* (2017)

Na segunda ocorrência, temos *logo* expressando tempo a partir do *chunk logo logo*, com sentido temporal. Nesse caso, conforme será explicado no Capítulo de análise, este tipo de uso indica uma brevidade em relação ao tempo. Neste caso específico, o locutor, ao enunciar *É HOJE, logo logo começam as promoções especiais*, evidencia uma maior expressividade em relação ao uso isolado de *logo*. Para Bybee (2010, p. 34), “um *chunk* (ou 'unidade de informação') é uma estrutura

de organização da memória, formada pela integração de *chunks* pré-existentes em um bloco cognitivo de maior escala”¹, isto é, trata-se de um mecanismo de agrupamento linguístico em que eles se transformam em unidades holísticas não podendo ser quebradas para o entendimento ou interpretação de seu significado, devendo ser consideradas em blocos. Ainda segundo Bybee (2010), os *chunks* são a matéria-prima para a criação de novos padrões gramaticais.

Figura 3 – Exemplo 3 de construção com *logo*

Fonte: X – antigo *Twitter* (2017)

Terceiro e eu O preocupada com vestibular e viagem de formatura, logo, parece um ano qualquer.

[Translate post](#)

1:13 AM · Feb 4, 2019

Fonte: X – antigo *Twitter* (2019)

Na terceira ocorrência representativa, temos *logo* atuando de maneira textual, em que apresenta um sentido de conclusão. Quando o falante diz que está no terceiro ano do Ensino Médio, mas que não está preocupado com as formalidades que geralmente acontecem nessas datas, então parece ser um ano qualquer.

Figura 4 – Exemplo 4 de construção com *logo*

Logo ela ne,tão politizada, empoderada dona de si os cliques cheios de críticas ! Pra vc que não conhecemos ninguém mesmo!

[Translate post](#)

2:33 AM · Dec 5, 2017



Fonte: X – antigo *Twitter* (2017)

¹ Cf.: “[...] a chunk is a unit of memory organization, formed by bringing together a set of already formed chunks in memory and welding them together into a larger unit. (Bybee, 2010, p.34).

Por fim, temos o último exemplo em que *logo* atua como recurso avaliativo e de contraexpectativa. *Logo* aqui evidencia uma quebra de expectativa, resultante do desvio em relação ao que se esperava, as quais não são, entretanto, cumpridas. Quando o locutor enuncia *Logo ela ne, tão politizada, empoderada dona de si os cliques cheios de críticas*, temos a indicação de uma atitude inesperada por parte da pessoa a que ele se refere.

A partir dos exemplos trazidos, podemos perceber que *logo* é um elemento que integra padrões estruturais diferentes, o que poderia embasar a nossa hipótese inicial de que o aumento de intersubjetividade estaria relacionado a um aumento de escopo, o qual, por sua vez, iria de contextos mais concretos a contextos cada vez mais abstratos, podendo sinalizar o caminho direcional espaço → tempo → texto → discurso. Ressalta-se que os dados acima representam apenas algumas ocorrências entre as que foram identificadas ao longo desta pesquisa, as quais serão analisadas individualmente, a partir da noção de microconstrução (Traugott; Trousdale, 2013), no Capítulo IV deste trabalho.

Com o intuito de alcançar os objetivos propostos, esta pesquisa se estrutura da seguinte maneira: (i) no Capítulo I, abordamos o aporte teórico que embasa este trabalho, tratando dos pressupostos fundamentais da LFCU, dos modelos da Gramática de Construções e, mais especificamente, do modelo de Traugott e Trousdale (2013) e de suas especificidades; (ii) no Capítulo II, realizamos uma breve revisão de literatura acerca de *logo* e de alguns trabalhos prévios a respeito do nosso objeto de estudo; (iii) no Capítulo III, descrevemos o *corpus* analisado, caracterizamos o método de pesquisa adotado e delimitamos os procedimentos metodológicos para a análise dos dados levantados; (iv) no Capítulo IV, analisaremos as microconstruções mapeadas, com a descrição detalhada de suas formas e funções, visando à caracterização de cada padrão construcional identificado; finalmente, na seção dedicada às Considerações Finais, procedemos à sistematização das principais conclusões alcançadas ao longo da pesquisa.

2 CAPÍTULO I

LINGUÍSTICA FUNCIONAL CENTRADA NO USO: PRESSUPOSTOS FUNDAMENTAIS

Este capítulo tem por objetivo apresentar e discutir os pressupostos fundamentais da Linguística Funcional Centrada no Uso, abordagem teórica assumida nesta pesquisa. Neste trabalho, trataremos das microconstruções com *logo* no português do Brasil, em que *logo* se conecta a diversos elementos, constituindo padrões construcionais. Alguns exemplos de coadunações com *logo* seriam *logo* mais; *logo logo*; *logo* eu etc.. Por isso, utilizamos os pressupostos da Linguística Funcional Centrada no Uso – doravante, também LFCU – (Furtado da Cunha et al., 2013; Rosário; Oliveira, 2016; Bispo; Silva, 2016) e, mais especificamente, da abordagem construcional da mudança (Traugott; Trousdale, 2013) para tratar de construções como as supracitadas visando a compreender as construções e seus padrões construcionais com *logo* na língua.

De acordo com Goldberg (1995), construção é o pareamento entre forma-significado, em que cada construção é única e possui sua própria especificidade. Dessa forma, pretendemos mapear as microconstruções com *logo* do português brasileiro a fim de observar e analisar que, conforme os falantes utilizam tais construções, elas sofrem mudanças, e os variados contextos de uso permitem que tais construções estejam presentes em ambientes discursivos e gêneros variados. Para Goldberg (1995, 2016), elas se organizam hierarquicamente, moldando níveis de abstração na mente do falante que permitem utilizá-las para além de significados únicos.

Para cumprir os objetivos do capítulo, trataremos, na primeira seção, dos pressupostos gerais da LFCU, aprofundando algumas das ideias já esboçadas anteriormente; na subseção 1.1, discutiremos os modelos da Gramática de Construções que trazem contribuições para a Linguística Funcional Centrada no

Uso; na subseção 1.2, abordaremos o modelo construcional proposto por Traugott e Trousdale (2013); na segunda seção, trataremos das propriedades da mudança, a saber: esquematicidade, produtividade e composicionalidade; na terceira seção, consideramos os dois tipos de mudanças e os mecanismos que levam a ela, os quais serão abordados nas subseções 1.1, 1.2 e 1.3; na quarta seção, discutiremos o conceito de (inter)subjetividade e o papel do posicionamento do falante no discurso; por fim, na última seção, sistematizaremos as conclusões deste capítulo.

1. Linguística Funcional Centrada no Uso: pressupostos gerais

A Linguística Funcional Centrada no Uso constitui uma versão contemporânea do funcionalismo, sendo uma abordagem teórica que se pauta na coadunação entre fundamentos teóricos da Gramática de Construções, de cunho cognitivista, e fundamentos teóricos do Funcionalismo Clássico norte-americano. Embora a mudança linguística não seja o único foco da LFCU e a consideração do uso não seja exclusiva dessa abordagem funcionalista, a LFCU se distingue por propor o estudo das transformações linguísticas a partir da língua em uso. É por essa ênfase na experiência e no contexto comunicativo que a abordagem recebe, em inglês, a denominação *Usage-Based Linguistics*, destacando seu compromisso em analisar como o uso real da língua influencia o surgimento de novas construções e padrões gramaticais. Entretanto, no Brasil, segundo Rosário (2022), buscou-se uma tradução não literal, pois, para que fosse enfatizado o papel central do uso, o termo “baseado” não abarcaria tal característica. Nesse sentido, optou-se, no contexto brasileiro, pelo termo “centrada”, o que tem levado à utilização de Linguística Funcional Centrada no Uso. A abordagem rompe com a análise pura do item, muito comum nos estudos em gramaticalização e lexicalização² no âmbito do Funcionalismo clássico norte-americano.

² Os estudos sobre gramaticalização e lexicalização são, essencialmente, investigações sobre mudança linguística. Neles, os elementos linguísticos são analisados a partir de seus deslocamentos de função: da forma lexical para a gramatical (no caso da gramaticalização) ou da forma gramatical para a lexical (no caso da lexicalização) (Heine; Kuteva, 2007).

O Funcionalismo clássico norte-americano, segundo Rosário e Oliveira (2016), assume a correlação forma x função, também compreendendo os estudos em gramaticalização e lexicalização dos itens linguísticos. Isso significa que, nessa abordagem, o pareamento forma x função dos itens era priorizado, evidenciando suas características da passagem do item lexical para gramatical ou de gramatical para mais gramatical. No entanto, no contexto da LFCU, de acordo com Oliveira e Arena (2016), a relação entre forma e função foi atualizada para forma <> função, ou seja, assume-se a correspondência de igual importância para ambas as partes de uma construção, e não mais uma em detrimento da outra. A respeito da Gramática de Construções, diversas foram as suas contribuições para a LFCU, porém uma das mais evidentes foi o conceito de construção.

Para Goldberg (1995, 2006), a construção é a unidade básica da língua, constituindo-se a partir do pareamento entre forma e significado. Para Bybee (2010), é no discurso que novas construções emergem e é na mente dos falantes que elas se organizam em redes hierarquicamente estabelecidas, afinal, possuímos, em nossa cognição, a capacidade de categorização, uma vez que, a partir de exemplares preexistentes na língua, novas construções surgem. De acordo com Goldberg (1995), não há divisão entre o léxico e a gramática, e essa premissa constitui-se como uma das mais importantes contemporaneamente para a LFCU. Segundo Goldberg (1995, p. 7, tradução nossa), “nenhuma divisão estrita é assumida entre o léxico e a sintaxe³”.

Dito isso, a abordagem construcional da mudança desenvolveu-se, principalmente, a partir da publicação do livro *Constructionalization and Constructional Changes*, de Traugott e Trousdale (2013). Essa abordagem assume a centralidade do contexto e do cotexto para o surgimento de novos elementos linguísticos. Isso quer dizer que o discurso e a interação possuem papéis fundamentais para fomentar a mudança linguística a partir de processos cognitivos, culturais, históricos, entre outros. É também o discurso e o contexto que permitem a mudança e a transformação da gramática e do léxico, trazendo a noção de que a língua está sempre em construção e nunca finalizada. Para Langacker (1987, p. 457, tradução nossa):

³ Cf.: “[...] no strict division is assumed between the lexicon and syntax” (Goldberg, 1995, p. 7).

[...] discurso é onde estrutura, uso e aquisição se encontram. A linguagem é aprendida através de seu uso interativo em contextos sociais. Sua emergência do uso e da interação social é, portanto, um fator chave na descrição da estrutura linguística⁴.

A partir da noção de língua em constante mudança e reestruturação, podemos delimitar os três pilares essenciais da pesquisa e da investigação na LFCU, que é uma herança dos estudos realizados no Funcionalismo Clássico norte-americano, a saber: (i) o uso permite a construção constante da gramática; (ii) a investigação simultânea da gramática e do discurso, sem enfoque em uma em detrimento do outro; (iii) a relação de bidirecionalidade entre forma linguística e sua função.

No que se refere ao último elemento, é importante ressaltar que, nos estudos do Funcionalismo Clássico norte-americano, as formas linguísticas possuíam um maior enfoque, havendo uma análise atomística do item, pautada na relação forma e significado. Já na LFCU, essa ideia foi reformulada para a bidirecionalidade forma <> função, que indica que tanto a forma quanto a função são igualmente importantes. Portanto, a bidirecionalidade forma <> função expressa bem a via de mão dupla que permeia as investigações na LFCU. É importante destacar que na Linguística Funcional, assume-se a prioridade da função sobre a forma, o que implica que a análise não pode se restringir apenas aos elementos isolados da língua. Em segundo lugar, a referência à análise atomística remete aos estudos iniciais sobre mudança linguística via gramaticalização, nos quais os itens eram considerados de forma isolada, sem levar em conta a interação entre forma, função e contexto de uso. Dessa forma, é necessário adotar uma perspectiva mais integrada e contextualizada, capaz de capturar a dinâmica real da língua em operação.

Por sua vez, uma herança advinda da Gramática de Construções é o conceito de construção, considerada a unidade básica da língua nos termos de Goldberg (1995, 2006), Langacker (2008) e Croft (2001). As construções têm por característica fundamental a junção de uma forma a um significado específicos e,

⁴ Cf.: Discourse is where structure, use, and acquisition come together. Language is learned through its interactive use in social contexts. Its emergence from usage and social interaction is thus a key factor in describing linguistic structure. (Langacker, 1987, p. 457).

nesse caso, o conjunto de construções de uma língua compõe o inventário linguístico, que é organizado em redes hierarquicamente constituídas a partir de níveis de esquematicidade.

Vale ressaltar que Goldberg (2016), mais recentemente, reformulou o conceito de construção, assumindo que, em vez de forma e significado, sua constituição seria forma e função, uma vez que o termo função parte também da centralidade da pragmática e do discurso na construção, o que já não aconteceria apenas a partir do termo significado, que acaba estando ancorado primordialmente em uma dimensão apenas de natureza semântica.

Para Langacker (1987), a língua é formada por uma grande rede conectada por nós ligados por elos. Esses nós, por sua vez, possuem relações de herança mediadas por processos simbólicos e cognitivos instanciados na mente do falante, que se dão a partir do uso da língua em contexto. Para Langacker (1987, p. 237, tradução nossa),

[...] uma característica geral da organização linguística é a existência de categorias complexas, nas quais múltiplas variantes estão ligadas em redes. Os nós individuais em tal rede podem ser estruturas de qualquer tamanho ou tipo. Em um caso especial, cada nó consiste em um conjunto simbólico completo. A rede, então, define uma categoria cujos membros são construções relacionadas. Categorias complexas desse tipo são importantes para descrever tanto o léxico quanto a gramática, que podem ser vistos como formando um contínuo⁵.

Com isso, entendemos que a língua é organizada em redes hierarquicamente instanciadas por nós e por tipos de herança. Para a LFCU, essa noção vinda da Linguística Cognitiva também é fundamental, afinal, para Traugott e Trousdale (2013), a língua está em constante reestruturação a partir do uso pelos falantes. Para eles, a língua também é dinâmica, e a gramática é moldada a partir do discurso, assim como é para Langacker (1987). Segundo o autor,

⁵ Cf.: “A general feature of linguistic organization is the existence of complex categories, in which multiple variants are linked in networks. The individual nodes in such a network can be structures of any size or any kind. As a special case, each node consists of an entire symbolic assembly. The network then defines a category whose members are related constructions. Complex categories of this sort are important in describing both lexicon and grammar, which can be seen as forming a continuum”. (Langacker, 1987, p. 237).

[...] o discurso é o uso da linguagem. Por outro lado, uma língua reside em padrões convencionais de uso. Esses padrões, aprendidos a partir de inúmeras ocorrências em contextos de discurso, são posteriormente aplicados na produção e compreensão de novos discursos⁶. (Langacker, 1987, p. 457, tradução nossa).

Ou seja, é a partir do uso que novas instanciações são criadas, e elas são utilizadas a todo momento pelos falantes.

No que se refere à construção, de acordo com Croft (2001), ela é constituída por forma e significado, igualmente conectados por uma correspondência simbólica. De acordo com o autor,

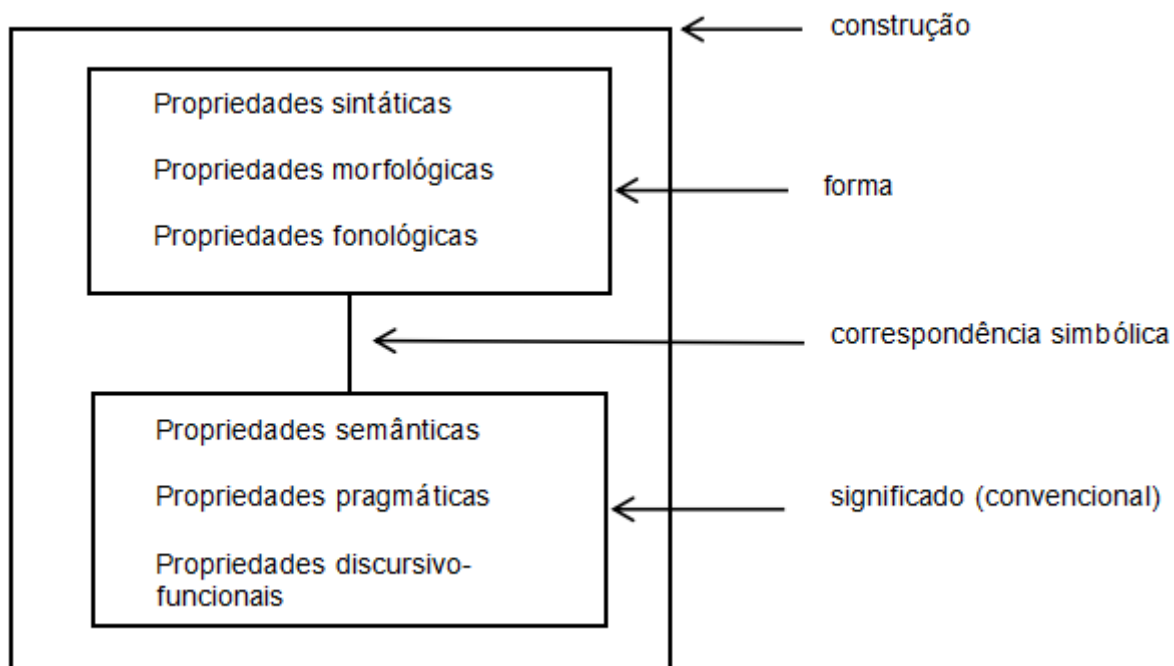
[...] qualquer construção com propriedades morfológicas, sintáticas, lexicais, semânticas, pragmáticas ou discursivo-funcionais únicas e idiossincráticas deve ser representada como um nó independente na rede de construções, a fim de captar o conhecimento que um falante tem de sua língua (Croft, 2001, p. 25, tradução nossa).⁷

Para Croft (2001), a representação de uma construção seria da seguinte forma:

⁶ Cf.: "Discourse is the use of language. Conversely, a language resides in conventional patterns of usage. These patterns, learned from countless instances of use in discourse contexts, are subsequently applied in producing and understanding further discourse". (Langacker, 1987, p. 457).

⁷ Cf.: "Any construction with unique, idiosyncratic morphological, syntactic, lexical, semantic, pragmatic, or discourse-functional properties must be represented as an independent node in the constructional network in order to capture a speaker's knowledge of their language." (Croft, 2001, p. 25).

Figura 5 - Representação interna de uma construção



Fonte: adaptado de Croft (2001, p. 18)

Essa concepção também faz parte dos pressupostos da LFCU, ou seja, a bidirecionalidade entre forma <> função prevê que não há um enfoque unilateral. Quando uma nova construção emerge na língua por meio do uso, consequentemente um novo pareamento forma <> função é constituído. Isso significa que cada construção é única e constitui um nó na rede hierárquica que foi formada a partir do discurso e também de processos cognitivos.

Na próxima subseção, considerando a importância da noção de construção para a LFCU, apontaremos os modelos de Gramática de Construções existentes, destacando principalmente aqueles em que se baseia a Linguística Funcional Centrada no Uso.

1.1 Modelos da Gramática de Construções

Como discutido na subseção anterior, a Gramática de Construções é uma das abordagens teóricas que têm servido de base para o Funcionalismo contemporâneo.

Nesta subseção, abordaremos os modelos da Gramática de Construções que trazem contribuições para a Linguística Funcional Centrada no Uso.

A Gramática de Construções constitui um modelo de gramática pautado na Linguística Cognitiva, tendo como principais representantes Lakoff e Johnson (1980), Fauconier (1985), Fillmore (1982), Fillmore *et al.* (2003) e Croft e Cruse (2004). Ela é formulada no contexto da Linguística Cognitiva e pressupõe que, sincronicamente, a língua é formada por construções – a partir do pareamento entre forma-significado – organizadas em redes hierarquicamente constituídas (Goldberg, 1995, 2006; Langacker, 2008; Croft, 2001).

Para Furtado da Cunha e Cunha Lacerda (2017, p. 3), “as abordagens construcionistas enfatizam que as línguas naturais são aprendidas, ou seja, elas são construídas com base no *input* juntamente com pressões gerais cognitivas, pragmáticas e de processamento”. Isso quer dizer que as construções permeiam todos os níveis gramaticais passíveis de análise linguística, como os morfemas, as palavras, as expressões linguísticas etc.. Afinal, a Gramática de Construções surgiu em um contexto de insatisfação com as regras, buscando entender as exceções, como é o caso das expressões idiomáticas. Para Croft (2001), a ideia de construção é aplicável a qualquer estrutura gramatical ou lexical, abrangendo tanto sua forma quanto seu sentido.

Como discutido na subseção anterior, a Linguística Funcional Centrada no uso consiste na coadunação entre fundamentos da Gramática de Construções e fundamentos do Funcionalismo Clássico norte-americano. Hoffman e Trousdale (2013) compilaram os sete modelos constituintes da Gramática de Construções no livro *The Oxford Handbook of Construction Grammar*. A Linguística Funcional Centrada no Uso, ao assumir a centralidade da noção de construção assume epistemologicamente os pressupostos de três modelos da Gramática de Construções de modo particular, a saber: (i) a Gramática de Construções Cognitiva, de Goldberg (1995, 2006, 2016); (ii) a Gramática de Construções Radical, de Croft (2001); e (iii) a Gramática Cognitiva, de Langacker (1987, 1991), os quais serão comentados a seguir.

Apesar de cada um dos sete modelos possuir um objetivo investigativo específico, eles apresentam similaridades entre si. Segundo Goldberg (2013), é possível elencar alguns pontos de convergência entre eles, a saber: (i) a construção é a unidade básica da língua e da gramática (Lakoff, 1987; Goldberg, 1995, 2006); (ii) a estrutura semântica é mapeada diretamente na estrutura sintática superficial (Goldberg, 2006); (iii) a língua, assim como outros sistemas cognitivos – como a visão, o olfato, a lógica e a música, por exemplo – é organizada hierarquicamente a partir de nós conectados entre si (Langacker 1987); (iv) a variação entre línguas pode ser explicada por meio de processos cognitivos de domínio geral. Dentre os sete modelos, apenas três deles possuem um princípio em comum: a estrutura linguística é moldada pelo uso.

Em relação àqueles modelos que se baseiam no princípio da moldagem da língua pelo uso, temos que a gramática é uma estrutura holística, e não nuclear, já que nenhum nível gramatical é autônomo, pois a semântica, a morfossintaxe, a fonologia e a pragmática atuam conjuntamente em uma construção. Para Furtado da Cunha e Cunha Lacerda (2017, p.4), “[...] em uma construção, semântica, morfossintaxe, fonologia e pragmática funcionam articuladamente”. Se, antes, os estudos linguísticos enfatizavam a análise atomística do item, aqui temos um movimento divergente em relação a essa concepção: é o uso que molda a gramática. São os falantes que dispõem de estratégias cognitivas que moldam e modificam a língua. Toda essa dinâmica permite que novas estruturas linguísticas emergjam no uso cotidiano da língua. Eles defendem que é, a partir da experiência dos indivíduos, que essas construções surgem e se reformulam, e não o contrário.

A Gramática de Construções Cognitiva, muito cara nas investigações da LFCU, tem por objetivo fornecer explicações acerca dos elementos linguísticos baseando-se na cognição humana. Essa abordagem observa os processos cognitivos de domínio geral utilizados pelos falantes, que estruturam a rede de construções linguísticas. Outra premissa é a de que as formas das construções são moldadas por seus significados. Nesse sentido, temos Goldberg (2006) como principal representante desse modelo. Além disso, a interação das múltiplas redes de construções, bem como as relações de herança e hierarquia, juntamente ao papel da frequência e da produtividade são preocupações atribuídas ao modelo da *Gramática de Construções Cognitiva*. Vale destacar que sua maior contribuição foi

em relação à bidirecionalidade entre forma e função (Goldberg, 2016), destacando estatuto de igual importância entre ambas. Como contribuição para a LFCU, temos principalmente a noção de construção como sendo a unidade básica da língua. Para Goldberg (2006), na *Gramática de Construções*, não há divisão estrita entre léxico e sintaxe, afinal, construções sintáticas e lexicais diferem apenas no que diz respeito à complexidade interna, dependendo da fonologia para sua especificação. Porém, essencialmente, léxico e sintaxe não possuem divisão estrita: ambos têm o pareamento forma-significado, ou seja, ambos detêm-se na construção como unidade básica. Apesar disso, não se negam as restrições que pode haver entre gramática e léxico, mas a construção é uma semelhança básica entre elas.

Por sua vez, a Gramática de Construções Radical surgiu a partir dos estudos de William Croft no que diz respeito às tipologias gramaticais (Croft, 2001). Para ele, as categorias gramaticais são específicas a cada construção; por isso, tanto as construções quanto as categorias são definidas especificamente na língua (Trousedale; Hoffman, 2013). Portanto, esse modelo leva em consideração a estrutura interna de uma construção, analisando, de forma detalhada, os elementos que a compõem e descrevendo como ela se estrutura e se comporta. Além disso, a noção de rede construcional é muito importante para a LFCU, afinal, os elementos linguísticos não se instanciam de forma isolada, e sim são organizados hierarquicamente em redes, com cada construção formando um nó nessa rede. Além disso, há a preocupação na identificação da estrutura interna de uma construção, sendo o pólo da forma constituído pelos aspectos fonéticos, morfológicos e sintáticos, e o pólo do significado pelos aspectos semânticos, pragmáticos e discursivos.

Por fim, o último modelo da Gramática de Construções a partir do qual opera a LFCU é a Gramática Cognitiva (Langacker, 1987, 1991). Nos termos de Trousedale e Hoffman (2013), esse modelo tem como princípio que a língua é fundamentada a partir da experiência humana e moldada a partir de processos cognitivos independentes da linguagem como associação, esquematização, categorização, entre outros. Isso quer dizer que Langacker (1987, 1991) rejeita a noção da existência de um subcomponente sintático, sendo a sintaxe ausente neste modelo. A língua, sob essa perspectiva, incorporaria mecanismos já utilizados pelo cérebro humano, como o de categorização, que é um processo natural que já concebemos

em outras áreas que não a linguagem. As construções têm um papel central nesse modelo, pois, para essa vertente, a língua é inerentemente significativa. Por isso, o pareamento forma-significado tem papel central. As construções, então, são bipolares, constituindo-se de um pólo semântico e um pólo fonológico. Nesse sentido, vale destacar que as principais contribuições da *Gramática Cognitiva* para a LFCU é a ideia de que a língua é moldada pelo uso e de que os princípios da frequência, da categorização por protótipos e dos esquemas, que representam os níveis de abstração na mente do falante, são fundamentais.

Dito isso, passemos agora aos pressupostos fundamentais tratados pela Linguística Funcional Centrada no Uso a partir da discussão assumida por Traugott e Trousdale (2013) na obra *Constructionalization and Constructional Changes*.

1.2 Modelo de Traugott e Trousdale (2013)

Nesta subseção, abordaremos os princípios basilares do modelo proposto por Traugott e Trousdale no livro *Constructionalization and Constructional Changes* (2013). Nessa obra, há o enfoque central no que diz respeito à mudança linguística.

Em sua obra, os autores propõem-se, nesse sentido, a explicar a mudança linguística sob o viés construcional tanto no que se refere à gramática quanto ao léxico. Nesse modelo, assume-se também, como unidade básica da língua, a construção. Nesse caso, os autores, a partir de Croft (2001), também consideram que as construções representam nós em extensas redes construcionais.

Podemos depreender, portanto, com base em Furtado da Cunha e Cunha Lacerda (2017), que há três grandes contribuições na obra de Traugott e Trousdale (2013), a saber: (i) o tratamento exclusivo da mudança linguística a partir de construções hierarquicamente organizadas; (ii) a proposição de um modelo que compreende a mudança linguística a partir das dimensões da mudança construcional e da construcionalização; (iii) a proposição de um modelo que objetiva analisar não só a gramática, mas também o léxico de maneira sistemática.

Por ser baseada no uso, a LFCU se propõe a responder como a experiência age junto ao contexto, dando as bases necessárias para o surgimento de novas

construções gramaticais e lexicais. No que tange à mudança linguística, ela pode se dar a partir de duas dimensões, a saber: (i) mudança construcional; e (ii) construcionalização. Nos termos de Traugott e Trousdale (2013, p. 57), a construcionalização configura-se como a criação de um pareamento forma (nova)-significado(novo). Isso significa que há o desenvolvimento de um novo pareamento forma-significado. Já no que se refere às mudanças construcionais, constata-se a presença de mudanças pontuais em quaisquer um dos níveis que compõem o pólo da forma – níveis fonológico, morfológico e sintático – ou o pólo do significado – níveis semântico, pragmático e discursivo –, sem que haja necessariamente a emergência de um novo padrão construcional. Nesse sentido, para Traugott e Trousdale (2013, p. 26), “a construcionalização gradual é precedida e seguida por uma sucessão de passos incrementais convencionalizados, que denominamos mudanças construcionais⁸”. É importante salientar, novamente, que essas mudanças ocorrem tanto na gramática quanto no léxico, pois, nessa perspectiva teórica, não há separação entre gramática e léxico, como ocorre no Funcionalismo clássico, com a gramaticalização e a lexicalização, já que há um contínuo entre as duas instâncias na abordagem construcional proposta por Traugott e Trousdale (2013).

Embora a mudança linguística seja tradicionalmente compreendida como um processo de natureza diacrônica, a abordagem sincrônica mostra-se igualmente relevante, pois permite observar como certas construções se reorganizam e ganham novos contornos no uso atual da língua. Assim, mesmo propostas teóricas elaboradas com foco no estudo histórico, como a de Traugott e Trousdale (2013), podem ser mobilizadas para análises sincrônicas, considerando que a língua Bybee, 2010). De acordo com Martins Dall’Orto, Durço e Lacerda (2020), esse olhar sincrônico torna possível perceber os micropassos de mudança e as neoanálises sucessivas, o que evidencia que as transformações não se limitam a um resgate retrospectivo, mas podem ser identificadas na dinâmica interacional do presente.

A partir da visão de língua organizada em redes taxonômicas hierarquicamente constituídas, temos, segundo os autores, que, na abordagem

⁸ Cf.: “Gradual constructionalization is preceded and followed by a succession of conventionalized incremental steps, which we call constructional changes.” (Traugott e Trousdale, 2013, p.26).

construcional da mudança, há três níveis de esquematicidade, a saber: i) microconstrução, que representa os pareamentos de forma e significado identificados; ii) subesquema, que ocupa uma posição mais hierárquica que o nível anterior, constituindo um conjunto de similaridades que é observável entre microconstruções diversas; e iii) esquema, que diz respeito ao nível mais hierárquico, podendo apresentar *slots* – categorias com possibilidades diversas de preenchimento. É notório observar que, quanto maior o nível hierárquico, mais abstrata é essa construção na mente dos falantes. É importante destacar que, considerando os níveis de esquematicidade mencionados, esta pesquisa se restringe ao nível da microconstrução, a partir da investigação de ocorrências empiricamente atestadas – construtos – no *corpus* analisado. Assim, não abordaremos, neste trabalho, os níveis superiores na hierarquia – subesquema e esquema.

Além dos diferentes níveis esquemáticos que caracterizam as construções, os autores promovem ainda a categorização de três propriedades envolvidas no processo de mudança linguística, quais sejam: composicionalidade, produtividade e esquematicidade (Traugott; Trousdale, 2013).

A composicionalidade, nos termos dos autores, diz respeito ao grau de transparência da ligação entre forma e significado de uma construção. Temos que, quanto maior for a composicionalidade de uma construção, maiores as chances de um falante a reconhecer como uma unidade significativa a partir do significado dos elementos que a compõem. Essa é uma propriedade comumente semântica, pois há o significado da parte pelo todo, e sintática, pois expressões maiores e mais complexas são geradas a partir de expressões menores. Por sua vez, em uma expressão como *dar zebra*, observamos um menor grau de decomponibilidade e um maior grau de idiomatidade, já que a expressão em questão é interpretada como uma unidade.

Por sua vez, a produtividade está intimamente ligada à frequência. Para Bybee (2003, 2011), a frequência pode ser *token* e *type*. A frequência *token* diz respeito aos construtos reais identificados em *corpora*, tendo relação com a quantidade de vezes que a mesma unidade aparece nos dados a partir de ocorrências empiricamente atestadas. Do outro lado, temos a frequência *type*, que

representa os tipos de construção individual, ou seja, o número de diferentes tipos que um padrão particular possui. Dessa forma, quanto maior for a produtividade de uma construção, maior possibilidade de ser usada em diversos contextos comunicativos ela possui.

Já esquematicidade constitui, segundo Traugott e Trousdale (2013), “a propriedade de categorização que crucialmente envolve abstração” (Traugott; Trousdale, 2013 p. 13)⁹. A noção de esquematicidade está, segundo os autores, intrinsecamente relacionada à noção de rede construcional, uma vez que as mudanças linguísticas seriam interligadas, e as construções da língua estariam relacionadas a partir do estabelecimento de redes taxonômicas hierarquicamente organizadas. Podemos pensar em uma espécie de pirâmide, em que os níveis mais altos são mais abstratos que os níveis mais baixos. Quanto maior for o grau de abstração de uma construção, mais esquemática ela é. Na base, temos as construções propriamente ditas. Em um nível intermediário, temos os subesquemas, que ligam as construções aos seus respectivos esquemas. E, no nível mais acima, temos o esquema propriamente dito, que corresponde à abstração na mente do falante. Portanto, a mudança não ocorre de forma isolada, uma vez que ela precisa estar interligada a outros elementos da rede à qual pertence. Dessa forma, nos termos de Cunha Lacerda (2018), a esquematicidade compreende a extensão em que padrões construcionais mais gerais são recrutados por meio de uma série de construções mais específicas.

As três propriedades mencionadas acima atuam mutuamente no processo de mudança linguística. Dessa forma, para Traugott e Trousdale (2013), a propriedade da produtividade está intimamente ligada à propriedade da esquematicidade, uma vez que a frequência de uso de uma construção acarretará um maior ou menor grau de extensibilidade dessa construção. Isso significa que, quanto mais produtiva e frequente uma construção é, a subesquemas e esquemas mais abstratos ela estará vinculada. A frequência de uso implicará, portanto, o aumento da produtividade de uma construção, constituindo um mecanismo de mudança na interação comunicativa e incorporando novas construções na língua. Como podemos observar, as

⁹ Cf.: “Schematicity is a property of categorization which crucially involves abstraction.” (Traugott; Trousdale, 2013, p. 13).

propriedades atuam de maneira conjunta, concorrendo para a ocorrência da mudança linguística.

Neste trabalho, na análise centrada nas microconstruções, utilizaremos os conceitos de produtividade e composicionalidade. O primeiro é mobilizado por partirmos da hipótese inicial de que *logo* demonstra produtividade no *corpus* analisado, configurando diferentes padrões microconstrucionais, o que reforça uma alta frequência do tipo *type*, nos termos de Bybee (2003, 2001), conforme discutido anteriormente. O segundo, a composicionalidade, é considerado porque, também com base em nossa hipótese, haveria um aumento de escopo, à medida que os padrões transitam de funções mais concretas para funções cada vez mais abstratas.

Para Traugott e Trousdale (2013), essas propriedades da mudança linguística acontecem tanto no nível gramatical quanto no nível lexical, confirmando, portanto, a relação de continuidade entre gramática e léxico (Goldberg, 1995). Abaixo, temos uma representação da relação entre a mudança tanto de natureza gramatical quanto lexical.

Quadro 2 - Esquematicidade, produtividade e composicionalidade na construcionalização gramatical e lexical (reproduzido de Traugott e Trousdale, 2013, p. 193, tradução nossa)

Esquematicidade, produtividade e composicionalidade na construcionalização gramatical e lexical		
	Construcionalização lexical	Construcionalização gramatical
Esquematicidade	<p>Ampliação do esquema: aumento de esquematicidade</p> <p>Redução do esquema: diminuição de esquematicidade</p>	Aumento de esquematicidade
Produtividade	<p>Ampliação do esquema: aumento de produtividade</p> <p>Redução do esquema: diminuição de produtividade</p>	Aumento de produtividade
Composicionalidade	Redução de composicionalidade	Redução de composicionalidade

Fonte: Traugott e Trousdale (2013)

De acordo com o quadro acima, podemos depreender que o levantamento da frequência atesta o grau de produtividade de uma construção. No que tange à relação entre produtividade e esquematicidade, quando uma nova construção é atraída para um (sub)esquema, ela pode se tornar um membro mais marginal

ou prototípico desse (sub)esquema, o que atesta que, quanto mais produtiva, mais central essa construção é nesse (sub)esquema. Nesse caso, a produtividade se dará a partir da frequência de uso dessa construção. Com isso, a produtividade de frequência do tipo *type* se relaciona à propriedade da esquematicidade, pois os (sub)esquemas podem se expandir e passar a abarcar novos membros na rede construcional.

Na construcionalização gramatical, temos o aumento da esquematicidade e da produtividade, porém ocorre a redução da composicionalidade. Isso quer dizer que, quanto mais produtiva e mais esquemática, menores as chances de um membro de uma comunidade linguística reconhecer uma construção, afinal, seu uso e sua frequência foram altos o suficiente para perder seu grau de transparência. Já no que se refere à construcionalização lexical, as propriedades da esquematicidade e da produtividade aumentam ou diminuem de acordo com o grau de extensibilidade do esquema. E assim como na construcionalização gramatical, também há perda de composicionalidade.

Para entender melhor como essas propriedades atuam na construção no que diz respeito à mudança linguística, Traugott e Trousdale (2013) tratam dos mecanismos da mudança linguística, os quais serão brevemente discutidos na seção seguinte.

2. Mecanismos da Mudança

Para Traugott e Trousdale (2013), é necessário que façamos uma diferenciação entre mecanismos de mudança e motivações da mudança para que observemos, de maneira eficiente, como as expressões são processadas na mente do falante ao longo do tempo. As motivações compreendem as razões pelas quais as mudanças acontecem. Por outro lado, os mecanismos de mudança envolvem as formas pelas quais essas mudanças ocorrem, sendo utilizadas no discurso pelos falantes dentro de uma comunidade.

Ainda nos termos dos autores, é importante que se pense na diferença entre pensamento analógico e mudança analógica, afinal, segundo Traugott (2011), como

seres humanos, é parte de nossa natureza a utilização do pensamento analógico, ou seja, a maneira pela qual processamos o mundo. Por isso, a analogia está presente em nossas vidas não só no que se refere à língua, mas também no que tange a outros domínios cognitivos. Dessa forma, a analogia poderia ser uma motivação para a mudança.

No entanto, nem todo pensamento analógico necessariamente acarreta uma mudança linguística, ou seja, para Traugott (2011) e Traugott e Trousdale (2013), nem toda analogia resulta em inovação dentro de uma comunidade de fala, afinal, esse processo é um dos mecanismos que implementa a mudança.

Tendo em vista esses conceitos iniciais sobre os mecanismos da mudança, Traugott e Trousdale (2013) apontam que dois processos estão na base da mudança linguística: a analogização e a neoanálise.

Como destacado anteriormente, a analogia é um processo natural dos seres humanos, uma vez que a utilizamos em diversas situações e experiências ao longo da vida. Para Fischer (2011), a analogia diz respeito a um processo cognitivo natural de nossa espécie. Por isso, esse mecanismo pode ser pensado como instanciador de novas construções na língua, como pontuam Traugott e Trousdale (2013). Para eles e para Traugott (2011), a analogização é o próprio mecanismo de mudança linguística, responsável pelo surgimento de novos pareamentos forma-função. Isso se dá a partir de associações entre redes construcionais preexistentes que criam bases a partir de características formais e funcionais de outras construções, instanciando novos pareamentos. Para Traugott e Trousdale (2013), a analogização implica reconfiguração interna das dimensões de uma construção, afinal, esse processo envolve alinhamento de novas construções como base em padrões construcionais fixos a partir de bases formais e funcionais de um padrão pregresso.

Segundo Traugott e Trousdale (2013), toda analogização envolve neoanálise, que é o mecanismo da mudança que atua no âmbito interno das propriedades de uma construção – essas propriedades internas abarcam os aspectos fonológicos, morfológicos, sintáticos, semânticos, pragmáticos e/ou discursivos. É importante salientar que pode haver neoanálise sem analogização, no entanto, os autores apontam que a neoanálise seria o ponto inicial do mecanismo de mudança.

O termo neoanálise pode soar recente, mas seu conceito foi introduzido por Meillet, em 1912, ao abordar a analogia no processo de gramaticalização. Contudo, foi apenas nos anos 1970 que Langacker (1977) propôs o termo reanálise. Nesse sentido, ele o define como a reinterpretação de formas e/ou funções em contextos comunicativos específicos, destacando que a reanálise envolve uma mudança estrutural em uma expressão ou grupo de expressões, sem necessariamente resultar em alterações imediatas ou evidentes em sua forma superficial.

Embora o conceito de reanálise seja utilizado por Traugott e Trousdale (2013), ele foi revisado, pois, se uma construção ainda não foi internalizada, não é possível reinterpretá-la. Assim, o falante analisa essa construção de uma maneira nova e diferente. Por esse motivo, os autores adotaram o conceito de neoanálise, uma vez que esse termo compreende, de forma mais adequada, o uso inovador de uma construção pelo falante na língua.

Para Traugott Trousdale (2013), a neoanálise compreende as etapas graduais em uma transformação construcional. Ela abrange a capacidade humana de simbolizar e categorizar. Essa simbolização é imediata, pois ela cria uma nova representação na mente do falante. Portanto, este mecanismo corresponde a uma nova interpretação de um padrão construcional já existente, compreendendo uma nova combinação de forma e função.

Por sua vez, a analogização, que é a atração a partir de exemplares existentes, toma como base padrões prévios e cristalizados para que outros padrões se realinhem com base nele. Ela se manifesta a partir da metaforização, afinal, a interpretação de um domínio em termos de outro facilita que esse alinhamento entre padrões aconteça. Essa mudança ocorre no eixo paradigmático e permite que o falante faça uma neoanálise de uma construção já existente, que é mais concreta, para a criação de uma construção nova, que é mais abstrata.

Se no eixo paradigmático temos a atuação da metaforização no processo da mudança, no eixo sintagmático há a presença da metonimização. Ambos os mecanismos estão interligados por serem de natureza similar. O segundo mecanismo, nos termos de Traugott e Dasher (2005), caracteriza-se como um dispositivo conceptual em que há a presença das inferências sugeridas, as quais

são semantizadas por meio da associação e contiguidade. Diferentemente da metaforização, que atua entre domínios conceituais distintos, a metonimização age no mesmo domínio, sendo responsável pela seleção por parte do falante entre um termo e não outro, a partir da relação parte pelo todo, para que a máxima da quantidade não seja violada.

Nessa perspectiva, quanto mais diversas forem as necessidades comunicativas, mais expressivo o falante busca ser para transmitir seu pensamento. Dessa forma, a comunicação é uma ação intersubjetiva, pois a relação entre locutor e interlocutor é considerada para a seleção de enunciados cada vez mais expressivos.

Com o passar do tempo, o que antes era considerado apenas uma inferência passa a ser encarado como referência. Nesse contexto, Traugott e Dasher (2005) explicam esse fenômeno por meio da inferência sugerida, em que a perda de significado é irregular e não prevista no modelo. Dessa maneira, os autores apontam que a inferência sugerida, ou o processo de metonimização, é capaz de fornecer um material mais apropriado para o entendimento da motivação das mudanças semânticas em seus estágios iniciais.

De acordo com a Teoria da Inferência Sugerida, proposta por Traugott e Dasher (2005), os novos sentidos da língua surgem espontaneamente em uma comunidade de fala. Inicialmente ela acontece no nível individual e se, esse novo pareamento forma-função se espalha por outros falantes da mesma comunidade, essa construção nova é aceita e reproduzida em uma maior escala em contextos diversos. Assim, ela pode ganhar força pragmática caso seu uso se expanda e obtenha valor social e destaque entre a comunidade. Isso ocorre porque o falante ativa implicaturas conversacionais e, por meio da metaforização, da metonimização (neoanálise e analogização) e também de exemplares já existentes, um novo pareamento é criado. Portanto, é o contexto de fala que permite a existência das inferências sugeridas, que dão base para o início de uma mudança linguística.

3. (Inter)subjetividade e o posicionamento avaliativo do falante

Traugott e Dasher (2005) destacam a importância da subjetividade e da intersubjetividade para compreender a mudança semântica. Para os autores, a subjetividade está relacionada à imagem (*self*) do locutor, ao passo que a intersubjetividade está direcionada para a preocupação do locutor com a imagem (*self*) do interlocutor. Dessa forma, a intersubjetividade direciona a atenção do locutor em relação a seu interlocutor, considerando-o ativo no evento comunicativo.

A (inter)subjetividade é, portanto, caracterizada pela relação entre falante e interlocutor, na qual ambos se posicionam durante a interação comunicativa, identificando-se como "eu" e "você", respectivamente. Baseando-se nisso, Traugott e Dasher (2005) distinguem subjetividade de (inter)subjetividade. A subjetividade, por um lado, envolve o falante impondo-se no discurso para expressar seu ponto de vista, revelando um posicionamento pessoal. Por outro lado, a intersubjetividade refere-se à codificação linguística que demonstra a preocupação do falante com a imagem e os sentimentos de seu interlocutor, marcando um posicionamento interpessoal.

Nos termos de Goffman (1967), a intersubjetividade envolve a dêixis social, ou seja, abarca a noção de face e considera como o locutor tem a tendência em protegê-la. Nessa visão, o interlocutor não somente recebe a mensagem que está sendo passada por seu locutor, mas também age ativamente nesse contexto de fala. Nesse contexto, a subjetividade é pré-requisito para a intersubjetividade, e a intersubjetividade é própria da interpessoalidade. Esse fenômeno emerge da interação, e não é considerado um componente cognitivo, segundo Traugott e Dasher (2005). Portanto, para eles, a mudança ocorre por pressões pragmáticas que surgem na situação comunicativa, podendo ser interpretada como mudança semântico-pragmática.

Nos estudos em gramaticalização, a subjetividade é definida como expressão gramaticalmente estabelecida a partir de crenças e atitudes do falante acerca do que ele diz. Ainda nesses estudos, a subjetivização é vista como expansão pragmática. De acordo com Traugott e Dasher (2005), a (inte)rsubjetivização, por sua vez, consiste no processo gradiente pelo qual as construções, que inicialmente

expressariam significados mais objetivos (lexicais), passariam, por meio das interações, a expressar significados mais abstratos (gramaticais) baseados nas crenças do falante.

Ainda no que refere à (inter)subjetividade, Traugott e Dasher (2005) afirmam que a metonimização é fundamental para o processamento desse mecanismo, pois o falante sempre busca ressaltar seu posicionamento por meio de instanciações de enunciados cada vez mais expressivos. Dessa forma, para os autores, novos padrões vão surgindo na medida em que esses posicionamentos vão sendo utilizados. Nesse sentido, novas construções vão surgindo a partir de um *continuum* expansivo, o que, para Traugott (2010), representa a (inter)subjetivização, ou seja, uma relação entre forma e função evoluiria, ao longo do tempo, de significados mais subjetivos – ligados às crenças e atitudes pessoais do falante – para significados mais intersubjetivos, ou seja, voltados para a preocupação do falante com a percepção que os outros têm dele.

No que tange ao conceito de (inter)subjetividade, temos o conceito de avaliação. Sob essa perspectiva, White (2003) propõe a teoria *Appraisal*, a qual serve de base para os estudos sobre avaliação do falante. Ela diz respeito aos recursos linguísticos dos quais os falantes dispõem para a negociação no contexto comunicativo. Nesse sentido, há a naturalização de posições específicas no âmbito intersubjetivo e, em última instância, de âmbito ideológico.

Segundo White (2003), a teoria *Appraisal* se divide em três sistemas, a saber: o engajamento, a gradação e a atitude. O engajamento é o enunciado emitido por meio da voz do locutor ou autor em que o falante reconhece ou não os variados pontos de vista colocados em risco, não havendo uma negociação para o espaço interpessoal das diversas posições colocadas nas proposições. Já a gradação se refere aos valores que os falantes graduem, sejam eles altos ou baixos dentro desse impacto interpessoal, uma vez que eles destacam ou se tornam mais proeminentes à medida que os enunciados ocorrem. Por fim, a atitude diz respeito ao julgamento que os falantes fazem diante de uma proposição, envolvendo quais respostas, emocionais ou afetivas, esses participantes demonstrarão.

O sistema que esbarra com a subjetividade é o da atitude, que pode ser dividido em três categorias: afeto, apreciação e julgamento. Para White (2003), a atitude diz respeito aos significados pelos quais os textos e os falantes atribuem valores intersubjetivos ou avaliativos diante de uma proposição. Para ele, a avaliação por afeto está ligada à apreciação feita pelo falante por meio das emoções e sentimentos do próprio falante; por sua vez, a avaliação por apreciação atribui referência a princípios estéticos e de valor social; já a avaliação por julgamento é regida por meio de normas sociais e comportamentos humanos, seguindo um valor moral.

Portanto, para Traugott (2010), as novas construções se estabelecem por meio de um *continuum* crescente de (inter)subjetivização, que faz com que os falantes, na finalidade de terem meios para se expressarem cada vez mais subjetivamente, criem enunciados cada vez mais abstratos, baseando-se em avaliações. Esse processo, como demonstraremos no Capítulo IV, ocorre com as construções instanciadas com *logo*, no português brasileiro, a partir do *corpus* analisado.

4. Conclusões

Neste capítulo, discutimos brevemente alguns dos princípios basilares da Linguística Funcional Centrada no Uso e, mais especificamente, da abordagem construcional da mundança. Assumimos, nos termos de Goldberg (1995, 2006, 2016), que a construção é a unidade básica da língua e, nos termos de Croft (2001), que a língua se organiza hierarquicamente em redes extensas ligadas por nós.

A fim de cumprir os objetivos do capítulo, na seção 1, abordamos brevemente os pressupostos gerais que regem a LFCU, apontando os modelos que contribuíram substancialmente para o surgimento dessa abordagem nos termos de Traugott e Trousdale (2013), que tratam da mudança linguística a partir da língua em uso, assumindo uma perspectiva construcional.

Por sua vez, na seção 2, tratamos das propriedades envolvidas na mudança, a saber: a composicionalidade, a esquematicidade e a produtividade. Essas

propriedades operam conjuntamente no surgimento de uma nova construção, embora não seja o foco de nossa análise.

Já na seção 3, discutimos os mecanismos da mudança, ou seja, tratamos da analogização e da neoanálise. Como discutimos, a analogização diz respeito à comparação mental que o falante faz, de maneira inconsciente, durante o surgimento de um novo pareamento forma-função, ou seja, ele busca padrões similares a partir das inferências sugeridas. Já a neoanálise diz respeito aos novos significados atribuídos a pareamentos forma-função já existentes, até que a nova construção seja totalmente consolidada. Esses mecanismos são acionados porque os falantes buscam maior expressividade linguística, sendo cada vez mais intersubjetivos. Dessa forma, os falantes, ao acionarem esses mecanismos, possuem as ferramentas necessárias para interpretar a nova construção instanciada na língua.

Na seção 4, tratamos do conceito de (inter)subjetividade nos termos de Traugott e Trousdale (2013), o qual tem relação com a avaliação do falante (White, 2003). Discutimos, nesse sentido, como esse fenômeno ocorre entre os falantes na busca de maior expressividade nas situações comunicativas, concorrendo para a criação de novos padrões construcionais na língua.

A partir das discussões realizadas neste capítulo, consideramos, para a análise de construções com *logo*, que: i) as construções são unidades básicas da língua, se organizando em redes construções hierarquicamente dispostas; ii) a mudança linguística ocorre ao longo do tempo por meio dos mecanismos de mudança, o que quer dizer que, ao surgir um novo pareamento forma-função, há a emergência de um novo nó na rede; iii) as construções formadas a partir de *logo* configuram novas construções; iv) tais construções apresentam características dispostas em um *continuum* de (inter)subjetividade no contexto comunicativo.

3 CAPÍTULO II

LOGO: UMA BREVE REVISÃO

Apresentaremos, neste capítulo, algumas discussões acerca do vocábulo *logo* presentes na literatura. Ao longo das seções e subseções, trataremos de algumas das pesquisas já realizadas. Destacamos aqui, inclusive, que, após pesquisa ampla e sistemática, foram identificados poucos trabalhos que tratam, de modo específico, de *logo* no português brasileiro. Desse modo, os trabalhos identificados são revistados teoricamente neste capítulo.

A fim de cumprir os objetivos do capítulo, na seção 2.1, trataremos da revisão geral da literatura, ou seja, apresentaremos, de forma mais ampla, um pouco das discussões acerca de *logo* a partir das investigações de autores como, por exemplo, Said Ali (1971), Cunha (2010) e Bechara (2019). Na seção 2.2, exploraremos como *logo* é investigado no âmbito do Funcionalismo Linguístico a partir dos estudos de Gonçalves *et al.* (2007) e Floret (2022); nesse caso, observaremos como *logo* é abordado a partir dos estudos em gramaticalização com base na pesquisa de Gonçalves *et al.* (2007) acerca das conjunções conclusivas. Por fim, na seção 2.3, sistematizaremos as questões abordadas no capítulo.

2.1 Logo: uma revisão geral

Segundo Cunha (2010), o vocábulo *logo* se origina do latim *loco*, ablativo *locus*, e é classificado como advérbio, com sentido de “imediatamente”. Para Said Ali (1971, p. 194), *logo* também é classificado como advérbio, porém, é um advérbio pleonástico, que, para o autor, “ocorre às vezes acrescido de outra locução adverbial de sentido equivalente, tendo êste reforço por fim dar ao advérbio mais vigor e ênfase.” (Said Ali, 1971, p. 194). Dessa forma, para ele, *logo* é advérbio que dá ênfase ao que está sendo dito. É relevante notar que Said Ali (1971) menciona que expressões como *logo logo*, *logo no mesmo instante*, *logo no mesmo dia* etc., são recentes, não possuindo essa função de enfatizar.

De modo similar, Bechara (2019) também trata brevemente de *logo* em sua gramática. O autor defende que *logo* constitui uma unidade adverbial, propondo, assim, um tipo de reclassificação, visto que, tradicionalmente, há uma tendência de categorização de *logo* como uma conjunção coordenativa. Ele argumenta que a gramática normativa, influenciada por uma aproximação semântica, frequentemente inclui certos advérbios em categorias que não condizem com seu real funcionamento textual. Nesse sentido, *logo* e outros termos com valor semântico semelhante não exercem, segundo ele, a função de conectar orações de forma estrutural, como fazem as conjunções coordenativas, mas sim de marcar relações no nível textual ou discursivo, sem interferir na organização sintática das orações. Nesse sentido, o autor trata dessa linha tênue entre advérbios e conjunções coordenativas.

Por sua vez, para Pezatti (2001), “*logo* é considerado uma conjunção conclusiva por excelência, o conectivo prototípico desse tipo de relação.” (Pezatti, 2001 *apud* Santos; Antônio, 2019, p. 16). Dessa forma, podemos perceber o caráter conclusivo do elemento gramatical. Para Cunha e Cintra (2016), *logo* é classificado como conjunção conclusiva: “[...] que serve para ligar à anterior uma oração que exprime conclusão, consequência. São: *logo, pois, portanto, por conseguinte, por isso, assim, etc.*” (Cunha; Cintra, 2016, p. 595).

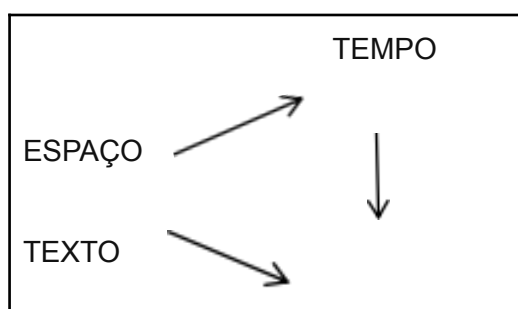
De acordo com Floret (2022), *logo* já se gramaticalizou como conjunção coordenativa. Para a autora, esse conector surgiu no português e sofreu mudanças a partir de elementos adverbiais ou a partir de sintagmas preposicionais com valores de advérbio. Além disso, em sua pesquisa, ela aponta que *logo* como conector conclusivo surgiu a partir de seu uso como advérbio temporal. Essa sua herança como advérbio seria advinda do latim *locus*, que significava lugar ou espaço físico, e tempo em alguns contextos. Ainda segundo Floret (2022), no século XV, há ocorrências em que *logo* demonstra uma ambiguidade, podendo ser encontrado tanto como advérbio, quanto conector conclusivo. Para Floret (2022), em sua pesquisa de cunho diacrônico, *logo* sofreu as seguintes mudanças:

O contexto de ambiguidade que teria levado à reinterpretação de *logo* advérbio para *logo* conjunção, conforme aponta Longhin-Thomazi (op.cit), é aquele em que o item pode ser interpretado tanto como advérbio, com sentido de *em seguida*, quanto como conjunção conclusiva. Dados como esse evidenciam a fluidez entre a categoria de advérbio e a de conjunção. (Floret, 2022, p. 51).

O termo era utilizado para marcar a sequência temporal de acontecimentos no mundo, tendo passado a indicar a ordem entre eventos no texto. Conforme observado pela autora, o desenvolvimento do uso de *logo* na língua reflete uma abstração de significado, que evolui de uma ideia temporal (como advérbio) para uma relação de conclusão (como conjunção). Esse processo exemplifica a formação de categorias mais gramaticais a partir de categorias menos gramaticais.

Silvério e Pante (2014, p. 2), por sua vez, objetivam “[...] tecer comentários acerca da trajetória histórica do vocábulo *logo*, esclarecendo como se deu seu processo de gramaticalização como conjunção, buscando seus possíveis significados [...]”. Para os autores, a trajetória de alteração, que propicia um advérbio de lugar assumir *status* de conjunção, possui um intermeio de valor temporal, de acordo com o esquema abaixo.

Quadro 3 - Trajetória temporal advérbio > conjunção.



Fonte: Silvério e Pante (2014, p. 6).

Já Lopes (1999) trata dos valores temporais, argumentativos e discursivos de *logo*, evidenciando a polissemia desse item e sua trajetória de gramaticalização. A autora propõe uma análise detalhada de suas ocorrências no português europeu, identificando usos como advérbio temporal dêitico, marcador anafórico de contiguidade, conector conclusivo e partícula focalizadora. A autora destaca, nesse sentido, que *logo* possui múltiplas funções, indo além do seu uso clássico como advérbio temporal para incluir valores argumentativos, como conector conclusivo, e funções discursivas relacionadas à marcação de foco e saliência informativa. A autora também aponta que o valor temporal de *logo* está associado à localização de

um intervalo de tempo posterior ao momento da enunciação, podendo ainda atuar de forma anafórica, relacionando eventos em sequência imediata em contextos textuais variados. Já o uso argumentativo, embora presente, seria menos frequente na oralidade, indicando a conclusão de um raciocínio baseado em uma premissa subentendida. Por fim, o advérbio *logo* atua também como marcador discursivo de foco, destacando elementos informacionais específicos e contribuindo para a organização e ênfase no discurso. O estudo evidencia a complexidade e a polissemia do advérbio, além de sugerir uma possível evolução semântico-pragmática que vincula seu uso temporal originário a funções mais cognitivas e interativas no discurso.

2.2 *Logo*: uma revisão no âmbito do Funcionalismo Linguístico

Gonçalves *et al.* (2007) dedicam-se a uma detalhada pesquisa acerca de *logo* e afirmam que conjunções como *logo* são constituídas a partir de usos adverbiais, afinal, devido à renovação linguística, esse campo tem se demonstrado demasiadamente fértil para os estudos em gramaticalização, segundo eles. De acordo com os autores, há uma ligação estreita entre advérbio e conjunção. Gonçalves *et al.* (2007), em sua pesquisa, assim como Floret (2022), utilizam-se de pesquisadores que defendiam que a derivação das conjunções advém de advérbios ou de alguns pronomes conjuncionais, que já exerciam uma função de ligação entre orações antes de sua consolidação como conjunção propriamente dita.

Existe ainda, de acordo com Gonçalves *et al.* (2007), o ponto de vista argumentativo, em que *logo* opera num sentido de implicação como “P *logo* Q”, estabelecendo uma relação de consequência em que P atua como um fato definitivo e Q como fatos que foram estabelecidos pela comunidade. Vejamos o exemplo abaixo:

(1) *Ela não quer trabalhar, **logo** não insista.*

Como se pode observar, há uma relação de consequência entre “Ela não quer trabalhar” e “não insista” interligado por *logo* que indica causa-efeito para Maingueneau (1997 *apud* Gonçalves *et al.*, 2007).

Ainda do ponto de vista dos autores, quando *logo* era empregado no latim *locus*, havia alguns sentidos como espaciais, temporais, como já visto anteriormente, mas também sentidos de “situação social, emprego, ponto, questão, matéria, assunto e capítulo” (Gonçalves *et al.*, 2007, p. 94). Porém, quando *logo* foi incorporado ao português arcaico, havia somente as funções de substantivo e de advérbio, com sentido de sucessão temporal e espacial. Essa pesquisa realizada pelos autores aponta que pode ter havido um afunilamento das possibilidades semânticas durante a transição de *logo* para o português.

Ao ser empregado como substantivo, Gonçalves *et al.* (2007) afirmam que *logo* aparece com sentido de “lugar” que sinaliza posição social e física com o acréscimo da noção de deslocamento. Já quando se emprega *logo* como advérbio, nota-se uma relação de posteridade, como “em seguida” que, ancorada à situação comunicativa, possui uma noção de imediatismo. É importante salientar que Gonçalves *et al.* (2007) pontuam que a segunda forma de *logo* é a mais comum e recorrente no *corpus* analisado. Além disso, para os autores, *logo* também possui uma função anafórica, já que também recupera um item no próprio texto, indicando sucessão temporal.

Para explicar a ambiguidade de *logo*, Gonçalves *et al.* (2007) utilizam-se do exemplo abaixo:

(2) “(...) e he chamado mar morto, porque nem pexes, nem aves nom vivem em ele, nem pode em ele andar navio, nem outra matéria nenhua, senon for bitumada, e se algua cousa morta hi lançarem, **logo** se afonda, e se for cousa viva, **logosaae** a cima pero seja amerguda per força (14BMP, 40) [...] e se alguma coisa morta lança- rem ali, logo afunda, e se for coisa viva, logo sai para cima].” (Gonçalves *et al.*, 2007, p. 95).

De acordo com os autores, o exemplo acima demonstra que o contexto favoreceu a reinterpretação de *logo* como advérbio para conjunção, estabelecendo uma ambiguidade, afinal, tem-se uma relação temporal, de posterioridade – podendo ser parafraseado por *em seguida* –, que, porém, devido ao contexto contíguo, há também uma relação condicional baseada na crença do falante, uma vez que, ao lançar uma coisa morta, implica afundar e, ao lançar uma coisa viva, implica “sair acima”. Para os autores “[...] nessa condição híbrida, logo revela a fluidez categorial

entre o advérbio de tempo e a conjunção conclusiva, isto é, a face não discreta da mudança” (Gonçalves *et al.*, 2007, p. 96).

Para Gonçalves *et al.* (2007), ocorrências em que *logo* aparece com sentido conjuncional surgiram no *corpus* a partir do século XVII, de acordo com sua pesquisa. O tipo de estrutura encontrada foi “C1. Logo C2”, em que a interpretação de C2 depende de C1, estabelecendo uma relação de dependência entre tema e comentário. De acordo com os autores, “[...] C2 acrescenta um pensamento, uma avaliação conclusiva acerca de C1, evidenciando assim a relação de sentido, que é a condição para a coordenação” (Gonçalves *et al.*, 2007, p. 95). O exemplo abaixo, demonstrado pelos autores, ilustra essa relação:

(3) “*Para hum homem se ver a si mesmo, são necessariastres cousas: olhos, espelho, & luz. Se tem espelho, &he cego; não se pode ver por falta de olhos: se tem espelho, & olhos, &he de noyte; não se póde ver por falta de luz. Logoha mister luz, ha mister espelho, & ha mister olhos (17SS, 18).*” (Gonçalves *et al.* 2007, p. 95).

A partir do exemplo acima, temos *Logo* unindo duas sentenças do tipo “C1. Logo, C2”, sendo C1 “*Para hum homem se ver a si mesmo, são necessarias tres cousas: olhos, espelho, & luz. Se tem espelho, &he cego; não se pode ver por falta de olhos: se tem espelho, & olhos, &he de noyte; não se póde ver por falta de luz.*” e C2 “*ha mister luz, ha mister espelho, & ha mister olhos.*”, tendo *logo* como partícula que une ambas as sentenças.

A conclusão que os autores levantam é a de que o embrião de *logo* como conjunção conclusiva é o uso mais referencial, ou seja, *logo* como dêitico temporal, que teria passado a ser utilizado em diversos contextos como item de coesão textual, sendo empregado como retomada anafórica. Dessa maneira, há a transição de *logo* como marcador de sucessão temporal no mundo real para uma função mais abstrata como conjunção conclusiva. Inicialmente, *logo* indicava posteridade temporal, sinalizando eventos subsequentes na linha do tempo. Entretanto, sua natureza pronominal e a interação com contextos discursivos teriam favorecido uma mudança semântica gradual.

Por meio dessa transformação, teria havido uma reinterpretação metafórica desse sentido inicial de posteridade de *logo*, que teria sido abstratizado e pragmatizado, passando a ser relacionado com sucessão temporal no discurso. De acordo com Gonçalves *et al.* (2007, p. 97), “aquilo que vem depois no tempo foi projetado para designar aquilo que vem depois no discurso, a saber, tempo um efeito ou uma conclusão.”. Essa projeção não teria se dado de forma abrupta, mas sim na linha temporal, considerando-se os contextos contíguos que teriam propiciado essa abstratização e metaforização. Assim, sua força como advérbio teria contribuído para que gradualmente adquirisse estatuto conjuncional, resultado de uma transferência metafórica e de interpretações contextuais.

Outros autores também se debruçaram sobre o funcionamento de *logo*, ainda que não de forma exclusiva, mas dentro de estudos mais amplos sobre processos que envolvem elementos similares. É o caso de Santos (2019) e Araújo (2021). A primeira concentra-se em construções envolvendo o pronome relativo *que*, analisando como, a partir da perspectiva da neoanálise, novos signos passariam a ser constituídos na língua por meio de novos pareamentos entre forma e função. Nessa perspectiva, a construcionalização gradual permite mudanças sintáticas e semânticas que favorecem a vinculação de advérbios ao pronome *que*, o que resulta em novas construções do tipo *X que*. Embora seu foco não seja especificamente a expressão *logo que*, ela menciona que fenômenos semelhantes ocorrem também nesse tipo construcional, reforçando seu interesse pelos advérbios de modo mais geral.

Já Araújo (2021) dedica-se, de forma mais específica, às construções com *logo X*, atribuindo a elas um valor semântico de contraste e uma função pragmática de foco. A autora adota abordagens teóricas distintas das utilizadas neste trabalho, o que contribui para ampliar a compreensão do comportamento multifuncional de *logo* em diferentes contextos.

De modo similar, Dias, Araújo e Pacheco (2020) se dedicaram ao estudo da construção *logo eu/tu*, analisando seu funcionamento discursivo, especialmente em contextos de negação de inferência e de oposição. Para os autores, essa construção atua como um recurso de focalização contrastiva, frequentemente associado a tons de ironia, surpresa ou frustração. Ao se debruçarem sobre essas ocorrências a partir

de dados reais de interação, os autores contribuem para a consolidação da construção *logo eu/tu* como uma unidade significativa no português contemporâneo, ampliando a compreensão sobre sua produtividade, seus valores pragmáticos e sua inserção em *frames* socioculturais compartilhados.

Dessa forma, tais pesquisas reforçam a importância de se observar o uso efetivo da língua para descrever e compreender fenômenos emergentes que, embora recorrentes na fala cotidiana, carecem de sistematização teórica mais ampla na literatura.

2.3 Conclusões

Como podemos observar, a classificação de *logo* pode se revelar complexa – assim como outras conjunções conclusivas – devido a sua ambiguidade semântica, uma vez que *logo*, diacronicamente, teria sofrido transformações no discurso sem abandonar seu significado inicial. No âmbito dos estudos linguísticos, há posições divergentes em relação à categorização de *logo*, podendo ser considerado advérbio ou conjunção, a depender da abordagem adotada. A partir das reinterpretações e das metaforizações, *logo* teria sofrido mudanças pragmáticas que fizeram com que seu sentido inicial não fosse abandonado, criando uma diversidade de significados que teriam contribuído para esse debate, para o qual, até nos dias atuais, não há uma conclusão efetiva.

Como contribuição desta pesquisa, propomos a investigação de *logo* sob o viés da LFCU a partir da noção de microconstrução, afinal, acreditamos que, a partir da necessidade de os falantes serem cada vez mais expressivos, as neoanálises e metaforizações entram em cena para criar novas construções. Com isso, acreditamos que a mudança linguística não se dê de forma linear, tampouco acreditamos que essa discussão acerca da classificação exata de *logo* seja fundamental para a LFCU, pois, para nós, as construções coexistem e seus significados se expandem constantemente na linha temporal, a partir das propriedades da mudança, como explanadas no capítulo anterior.

4 CAPÍTULO III

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo, trataremos dos procedimentos metodológicos adotados nesta pesquisa. Para tanto, na seção 3.1, descreveremos o *corpus* sincrônico constituído para a análise das construções com [/logo [X]]. Na seção 3.2, abordaremos o método de pesquisa adotado para a análise dos dados. Na seção 3.3, apresentaremos, brevemente, o *software AntConc*, o qual foi utilizado para a compilação dos dados com /logo no *corpus* analisado. Por fim, na seção 3.4, apontamos os procedimentos adotados na análise dos dados no Capítulo IV desta dissertação.

3.1 Caracterização do *corpus*

A análise dos dados, apresentada no Capítulo IV desta dissertação, leva em consideração uma perspectiva sincrônica da língua, pautando-se em um *corpus* escrito retirado da antiga rede social *Twitter*, atual X. Foram consideradas amostras dos anos de 2017, 2018, 2019 e 2020 em um total de 10 perfis diferentes da plataforma. O *corpus* é constituído por 1.677.627 palavras e foi levantado por Martins (2021). Desse modo, as amostras com /logo foram extraídas desse *corpus* robusto a partir dos pressupostos teóricos da Linguística Funcional Centrada no Uso (Furtado da Cunha *et al.*, 2013; Rosário; Oliveira, 2016; Bispo; Silva, 2016) e da abordagem construcional da mudança (Traugott; Trousdale, 2013).

Considerando que a forma e a função das construções foram investigadas a partir de padrões construcionais recentes, baseamo-nos no tratamento dos dados a partir da sincronia atual. Dessa forma, nossa análise não se pauta em uma perspectiva diacrônica, e os dados não terão essa descrição sob o ponto de vista da trajetória da mudança na linha temporal. Nesse sentido, a correspondência de construções com /logo na sincronia atual será o foco desta pesquisa.

Como já mencionado, os dados foram extraídos da rede social X (antigo *Twitter*), a qual possui um caráter extremamente informal, uma vez que seus

usuários limitam-se a compartilhar seus pensamentos em 240 caracteres para membros básicos e 4.000 caracteres para aqueles que assinam o *X Blue*. Os assinantes da plataforma não têm a limitação que os mesmos usuários sem assinatura possuem, sendo possível compartilhar desde vídeos, fotos, *gifs* até artigos e textos sem limite, o que flexibiliza a experiência na rede social, já que esse recurso é relativamente recente após a plataforma ser vendida. É importante salientar que, à época do levantamento do *corpus* por Martins (2021), o X ainda era o *Twitter*, e os textos compartilhados eram limitados a 140 caracteres. Dessa maneira, o *website* era mais parecido com *microblogs*, em que os *tweets* – nome dado ao texto utilizado na rede social –, postados em uma conta, eram recebidos por outros internautas. Isso gerava engajamento e respostas, caracterizando uma conversa ou uma maneira de expor pensamentos, opiniões e ideias. Quando a limitação de um *tweet* ainda era de 140 caracteres, os internautas precisavam ser muito concisos, o que, para nós, torna-se um ambiente favorável para o surgimento de novas construções, devido ao fato de os usuários terem de ser concisos, buscando um maior grau de expressividade. Tudo isso, facilita e eleva a possibilidade de se ter construções inovadoras e em processo de mudança no léxico e na gramática da língua. No entanto, Martins (2021, p. 59) chama a atenção para o fato de que, apesar da busca por uma maior representatividade linguística – tendo em vista os perfis analisados, recobrindo amostras representativas dos anos 2017, 2018, 2019 e 2020 –, o *corpus* constituído configura apenas um recorte da língua, e não sua totalidade.

Na próxima seção, abordaremos os métodos quantitativo e qualitativo e exploraremos as vantagens que a integração dessas abordagens – o chamado método misto – pode trazer no contexto da abordagem construcional da mudança.

3.2 O método misto

A partir dos objetivos deste trabalho, que são (i) identificar as microconstruções formadas a partir de *logo* e seus pareamentos forma-função, com base em atributos da intersubjetividade e (ii) e descrever essas construções compostas por *logo* e seus pareamentos, relacionamos a análise qualitativa dos

dados à consideração da frequência de uso. Para isso, trabalharemos com o método misto, que, para Cunha Lacerda (2016), trata-se de uma metodologia capaz de ajudar na compreensão da constância das inovações que emergem na língua dentro da abordagem construcional. De acordo com Cunha Lacerda (2016, p. 88), “[...] aliar a análise qualitativa à análise quantitativa pode fornecer evidências empíricas sobre a ocorrência de processos de construcionalização.”.

Desse modo, para Bryman (1998), o método qualitativo estabelece uma interpretação a partir da perspectiva do autor sobre o objeto. Nesse sentido, esse método permite que o pesquisador descreva, aponte e analise detalhadamente suas observações no que tange aos dados coletados com base no contexto em que foram investigados. Dessa forma, para o autor, a preocupação do pesquisador são as que se seguem: (i) descrever minuciosamente o objeto em estudo; (ii) entender o contexto no qual esse objeto se manifesta; (iii) considerar como os conceitos emergem dos dados, em vez de serem estabelecidos previamente.

Em contrapartida, o método quantitativo baseia-se, de acordo com Diehl (2004), na quantificação dos dados para que sejam evitadas possíveis distorções. Para isso, é necessário o uso de cálculos estatísticos para levantamento e análise dos dados. Portanto, o método quantitativo caracteriza-se pela objetividade na coleta e análise de dados, utilizando técnicas estatísticas para medir e interpretar fenômenos. Ele busca padrões, relações e generalizações, priorizando a quantificação dos resultados para garantir precisão e replicabilidade na pesquisa.

Sendo assim, Cunha Lacerda (2016) define o método misto como uma abordagem que combina elementos quantitativos e qualitativos em uma mesma pesquisa. O objetivo é aproveitar as vantagens de ambos os métodos, proporcionando uma compreensão mais completa do fenômeno estudado no âmbito da abordagem construcional da mudança. Essa abordagem possibilita maior profundidade na análise e uma visão mais equilibrada entre objetividade e subjetividade.

No âmbito dos estudos da mudança linguística, a análise quantitativa tem sido utilizada como recurso para fins explicativos e demonstrativos no que tange à ocorrência da mudança, afinal, de acordo com Cunha Lacerda (2016), o cálculo da

frequência possibilita identificar padrões de uso e a extensão dos níveis esquemáticos, como propõe Traugott e Trousdale (2013). Já a análise qualitativa atuaria na complementação da análise quantitativa.

Alguns autores como Bybee (2003) também são a favor da análise quantitativa para observação da frequência de uso, já que a repetição seria um dos propulsores para a mudança linguística, pois ela deriva da produção do locutor. Nesse sentido, Traugott (2011) argumenta que a frequência atua como um dos mecanismos responsáveis pela mudança linguística, assim como a neoanálise e a analogização, conforme também apontado por Traugott e Trousdale (2013).

Diante disso, de acordo com os objetivos deste trabalho, também adotaremos o método misto em nossa análise dos dados, pois também partimos do pressuposto de que alinhar a análise qualitativa à análise quantitativa pode proporcionar um olhar holístico, completo e mais aprofundado acerca das microconstruções com *logo*. Portanto, compreendemos que a abordagem metodológica do método misto está alinhada às proposições teóricas que foram adotadas nesta pesquisa.

3.3 Procedimentos de análise

Nesta seção, descreveremos os procedimentos de análise empregados neste trabalho. Para isso, abordamos desde a seleção do objeto de estudo até a metodologia adotada para analisar microconstruções com *logo*.

A escolha do objeto de análise para este trabalho se deve ao fato da crescente necessidade de se observar o *continuum* de intersubjetividade em construções com *logo* no português brasileiro. Apesar de já haver estudos sobre *logo*, como o de Floret (2022), conforme já discutido no Capítulo II, não encontramos trabalhos que tratem especificamente desse objeto em uma perspectiva construcional no âmbito da Linguística Funcional Centrada no Uso. Dessa forma, pretendemos compreender de que forma as microconstruções com *logo* se comportam no *corpus* analisado, levando em consideração sua forma e sua função.

A fim de cumprir esse objetivo, o ponto de partida foi a identificação e a compilação de ocorrências com *logo* no *corpus* organizado por Martins (2021) –

como explicitado anteriormente –, composto por dados reais e escritos retirados de dez perfis na rede social *X* (antigo *Twitter*). Após tal curadoria, analisamos individualmente todos os dados e os categorizamos e os agrupamos a partir de seu pareamento forma-função.

Para a descrição dos padrões microconstrucionais identificados – os quais totalizam 12 –, apresentaremos, ao longo do capítulo de análise, idealmente, 3 ocorrências representativas para cada padrão¹⁰. Haverá casos, entretanto, em que o número de ocorrências será menor em virtude do número de ocorrências identificado para o padrão em questão – em alguns casos, a frequência de uso identificada foi inferior a 3 ocorrências empiricamente atestadas. Além disso, realizaremos uma descrição detalhada do contexto de uso das ocorrências analisadas no que tange, principalmente, ao conceito de intersubjetividade, nos termos assumidos e propostos por Traugott e Dasher (2005).

¹⁰ Vale destacar que alguns dos padrões microconstrucionais identificados e analisados sistematicamente, no próximo capítulo, não apresentaram uma frequência *token* de, no mínimo, 3 ocorrências. Nesse caso, apresentaremos as ocorrências encontradas no *corpus* analisado em sua integralidade.

5 CAPÍTULO IV

ANÁLISE DE DADOS

Neste capítulo, apresentamos a análise dos dados coletados no *corpus* do X – antigo Twitter –, o qual representa a modalidade escrita, como observado no capítulo anterior. Especificamente neste trabalho, analisamos como as microconstruções com *logo* ocorrem, tornando-se convencionalizadas na língua. Dessa forma, as amostras extraídas do *corpus* representam os padrões microconstrucionais identificados e categorizados por nós nesta pesquisa a partir dos pressupostos assumidos pela Linguística Funcional Centrada no Uso (Furtado da Cunha *et al.*, 2013; Rosário e Oliveira, 2016; Bispo e Silva, 2016) e, mais especificamente, pela abordagem construcional da mudança (Traugott; Trousdale, 2013), conforme exposto anteriormente.

Nesse sentido, o objetivo principal deste capítulo de análise de dados é a descrição e a análise dos pareamentos forma-função dos padrões microconstrucionais com *logo*. Para alcançarmos esse objetivo, a subseção 4.1 se encontra dividida em doze subseções, cada uma representativa de um padrão microconstrucional identificado; na seção 4.2, sistematizaremos algumas considerações acerca da análise; e, por fim, na seção 4.3, apresentaremos as conclusões do capítulo.

4.1 Padrões microconstrucionais com *logo* no *corpus* analisado

Conforme discutido no Capítulo I deste trabalho, para Traugott e Trousdale (2013), as microconstruções são definidas como ocorrências *type*. Isso significa que tais ocorrências são as construções propriamente ditas, as quais foram empiricamente atestadas no *corpus* analisado, por meio de ocorrências *token*. Desse modo, conforme já sinalizado no capítulo anterior, cada microconstrução com

logo será analisada separadamente, em cada uma das subseções subsequentes, no que tange ao seu pareamento forma-função.

4.1.1 Padrão microconstrucional de proximidade espacial

O primeiro padrão microconstrucional identificado com *logo* é o que indica proximidade espacial. Neste padrão, *logo* se encontra coadunado a um advérbio de lugar ou a uma locução adverbial de lugar. No *corpus* analisado, foram atestadas 2 ocorrências para esse padrão, totalizando, assim, 1,20% dos dados desse *corpus*. Esse padrão tem por característica a proximidade espacial. Vejamos, no quadro a seguir, a descrição da forma e da função desta microconstrução:

Quadro 4 – Descrição do pareamento forma-função da microconstrução proximidade espacial

Microconstrução 1 - Proximidade Espacial	
Forma	[[porção do discurso ¹¹] + [LOGO X ^{adv. lugar/locução adverbial}] + (porção do discurso)]
Função	Indicar proximidade espacial

Fonte: elaborado pela autora (2025)

A descrição dessa microconstrução se dá a partir da [[porção do discurso] + [LOGO X^{adv. lugar/locução adverbial}] + (porção do discurso)], em que a primeira porção do discurso, entre colchetes, é obrigatória. Após essa primeira porção do discurso, há a presença de *logo* X, em que X é um *slot* a ser preenchido por um advérbio de lugar ou de um locução adverbial, como, por exemplo, em *logo na entrada* e *logo aqui*, que indicam uma proximidade espacial do falante em relação à construção expressa, instanciado a indicação de espacialidade. Já a segunda porção do discurso, entre parênteses, é opcional. Para Araújo (2021), *logo* X, ao incluir *slots* preenchidos por advérbios de tempo ou lugar, preserva o significado prototípico de

¹¹ Neste trabalho, concebemos a porção do discurso como sendo a porção textual que precede e que também sucede o padrão microconstrucional analisado.

logo e pode evidenciar a evolução sincrônica da construção, na qual há tanto a focalização quanto a expressão de significados temporais ou espaciais. Dessa forma, podemos evidenciar a característica prototípica que *logo* X apresenta, em que X é um indicador espacial, que está próximo do sentido prototípico de *logo*.

A seguir, descrevemos duas amostras do padrão microconstrucional proximidade espacial retiradas do *corpus* do X – antigo *Twitter*.

Figura 6 – Exemplo 1 de ocorrência da microconstrução 1



Fonte: X – antigo *Twitter* (2020)

Na ocorrência acima, o locutor expõe como está a configuração da casa do programa Big Brother Brasil em 2020, ensejando as características que explicam o porquê de tal configuração para o programa daquele ano.

Em relação à forma, temos que, segundo exposto no quadro 6, a primeira porção do discurso expressa entre colchetes é obrigatória, representada por “*Tem aquela calçada da fama*”, afinal, precisa haver tal porção antes da construção *logo* X, em que X foi preenchido por *na entrada*, locução adverbial de lugar. Ainda de acordo com o quadro 6, podemos perceber que a segunda porção do discurso não obrigatória não esteve presente nessa construção representativa.

Em relação à função, ao mencionar que há uma calçada da fama *logo na entrada*, o locutor indica a proximidade espacial que existe entre a calçada e a entrada da casa do programa. Essa ocorrência evidencia uma característica da microconstrução em questão: a de expressar relações de proximidade espacial entre dois lugares ou elementos.

Figura 7 – Exemplo 2 de ocorrência da microconstrução 1



Fonte: X – antigo *Twitter* (2018)

Neste exemplo representativo da microconstrução 1, temos o locutor apresentando seu desenho artístico acerca de uma pessoa. Aparentemente, ele está orgulhoso de seu trabalho, demonstrando ter se encontrado nesse tipo de traço e arte e utilizando, inclusive, o termo – em inglês – *fan art*.

Em relação à forma, temos, novamente, a primeira porção do discurso expressa por *eu acho que me encontrei*. Podemos concluir que essa porção de discurso inicial é obrigatória para esses casos de microconstruções com *logo* e

indicadores espaciais. Após, temos a coadunação entre *logo* e *nessa fanart*, em que *nessa fanart* representa uma espacialidade. Novamente, a segunda porção de discurso não esteve presente nesse caso.

Já em relação à função, a construção *logo nessa fanart* indica uma proximidade espacial do locutor em relação à essa modalidade artística, pois ele expressa que se encontrou artisticamente nesse tipo de arte. O pronome *nessa* nos ajuda a identificar a proximidade espacial do locutor tanto em relação ao desenho, recurso visual mostrado na figura 3, quanto em relação à *fanart* em questão trazida por ele.

Além disso, nessa ocorrência específica, observamos o uso metafórico do espaço. Quando o falante afirma que *se encontrou nessa fanart*, o espaço mencionado não se refere a um local físico, mas sim a um espaço conceitual e abstrato. De acordo com Lakoff e Johnson (1980), a nossa compreensão de conceitos abstratos, como o de pertencimento ou identificação, é moldada a partir da nossa experiência corporal e espacial. Assim, a noção de espaço físico é projetada metaforicamente para domínios mais abstratos. Podemos dizer que, por meio de processos de analogização e neoanálise, o falante estrutura esse espaço simbólico — não material, mas construído cognitivamente — como um ambiente compartilhado com outras pessoas que apreciam o mesmo tipo de arte, ou seja, trata-se de um lugar retratado como situação interacional e discursiva, compartilhada entre indivíduos que se identificam com o mesmo tipo de arte.

Dessa forma, os advérbios e locuções adverbiais de lugar possuem funções diversas desde apontar o espaço propriamente dito ou, até mesmo, indicar outras funções discursivas. Quando coadunados a *logo*, tais elementos podem potencializar, portanto, os significados prototípicos emanados por eles. Nesse sentido, de acordo com a visão de Martelotta (1993), certos advérbios têm seu uso condicionado, principalmente, por fatores pragmático-discursivos. Além disso, mesmo os que costumam exercer função circunstancial — como tempo, lugar, modo, causa e intensidade —, frequentemente são empregados para orientar a interpretação do interlocutor, organizar as informações no discurso e desempenhar outras funções relacionadas ao contexto comunicativo.

4.1.2 Padrão microconstrucional de demarcação de ponto inicial temporal

O segundo padrão microconstrucional identificado foi o de demarcação do ponto inicial temporal, para o qual foram atestados 4 *tokens*, correspondendo a 2,20%. Fundamentalmente, como veremos no quadro abaixo, esta microconstrução possui como característica apontar o ponto inicial de um evento em relação ao tempo. Vejamos:

Quadro 5 – Descrição do pareamento forma-função da microconstrução de demarcação de ponto inicial temporal

Microconstrução 2 - Demarcação de Ponto Inicial Temporal	
Forma	[[porção do discurso] + [LOGO X ^{delimitação temporal}]+ (porção do discurso)]
Função	Indicar o ponto inicial de um evento em relação ao tempo

Fonte: elaborado pela autora (2025)

Essa microconstrução apresenta a forma [[porção do discurso] + [LOGO X^{delimitação temporal}] + (porção do discurso)], em que, obrigatoriamente, entre colchetes, temos a porção do discurso antecedendo a construção *logo X* temporal. Após, temos a construção mais pontualmente analisada, que está representada por [LOGO X^{delimitação temporal}], em que X é um *slot* que pode ser preenchido por um elemento delimitador temporal. Posteriormente a *logo X*, temos, de maneira opcional, outra porção do discurso.

Sua função se estabelece na indicação do ponto inicial de um evento em relação ao tempo. De acordo com Sá e Cezario (2022), esses elementos que se coadunam a *logo* possuem o nome de circunstanciais temporais. Como veremos nas ocorrências a seguir, *logo*, quando coadunado a esses usos circunstanciais, apresenta uma parte de sua semântica de localizador temporal, atribuindo mais expressividade para a construção.

Para Sá e Cezario (2022), as locuções adverbiais ou circunstanciais são de difícil classificação devido ao fato de os adverbiais possuírem construções de diferentes naturezas, desempenhando múltiplas funções e podendo ocupar diversas posições na oração, o que torna sua classificação mais complexa. No entanto, elas podem desempenhar diversos papéis – para o objetivo deste trabalho, o papel de localizador ou marcador temporal é o mais relevante. Para as autoras, os elementos circunstanciais situam um evento em um ponto preciso do tempo, atribuindo maior valor temporal ao circunstancial.

Além disso, é importante salientar a noção de aspecto incoativo ou ingressivo, que, para Travaglia (2014), se trata da indicação do momento inicial de uma situação ou evento, caracterizada pela sinalização explícita da transição para um novo estado ou condição. Essa indicação marca o ponto de partida a partir do qual ocorre a mudança, evidenciando a passagem de um estado anterior para uma nova fase. Esse aspecto configura-se como elemento fundamental na organização temporal do discurso, pois ele pontua o início da ação ou acontecimento, possibilitando a compreensão da progressão e da estrutura temporal do enunciado.

Figura 8 – Exemplo 1 de ocorrência da microconstrução 2

Já faz alguns meses que eu venho falando mais sobre cuidados com a pele no meu canal, nesse tempo a sallve apareceu e entrou na minha rotina pra ficar! Senti uma melhora real na textura do meu rosto logo na primeira... [instagram.com/p/B039vjXnaSJ/...](https://www.instagram.com/p/B039vjXnaSJ/)

[Translate post](#)

4:26 PM · Aug 7, 2019 from Rio de Janeiro, Brazil

Fonte: X – antigo *Twitter* (2019)

Ao retratar sua experiência com os cuidados com a pele, utilizando produtos de uma determinada marca, o locutor compartilha um pouco dos pontos positivos observados desde os primeiros usos do produto.

No que se refere a sua forma, temos a primeira porção do discurso ensejada por *senti uma melhora real na textura do meu rosto*, havendo uma obrigatoriedade

dessa porção que antecede *logo* X. Após, temos *logo na primeira semana*¹², em que, em [LOGO X^{delimitação temporal}], X foi preenchido por *na primeira semana*. Há, neste caso, a segunda porção do discurso separada por vírgulas.

Em relação a sua função, *logo na primeira semana* possui um caráter localizador, afinal, está indicando o ponto inicial em que o falante começou a observar as melhorias em sua pele desde o início do uso do produto. Como podemos observar, *logo* acrescenta o significado em um *continuum* de intersubjetividade em relação ao padrão anterior, uma vez que, de acordo com Traugott e Dasher (2005), é a partir das inferências sugeridas que o ouvinte ou leitor deduz significados que não estão explicitamente expressos no enunciado, a partir do contexto, do conhecimento prévio e das pistas linguísticas fornecidas pelo falante. No caso, nas construções como *logo*, o sentido mais literal de espaço passa a um sentido mais temporal, exigindo que o receptor faça uma inferência além do que foi dito. Assim, a inferência sugerida evidencia como o contexto e a experiência do falante são essenciais para a construção de novos significados na interação comunicativa.

Figura 9 – Exemplo 2 de ocorrência da microconstrução 2

Bidaaa, saudades do seu pão caseiroooo 🇧🇷 Gente, a foi uma fã
que fomos na casa dela logo no começo do Diva, isso no Rio, foi
maraaaa 🇧🇷

[Translate post](#)

Aug 4, 2019

Replying to

Bebendo um belo café expresso e curtindo o friozinho em casa com o
maridão!!

8:09 PM · Aug 4, 2019

Fonte: X – antigo *Twitter* (2019)

¹² O post retirado do X (antigo *Twitter*) foi compartilhado na rede social Instagram e duplicado para o X. Por isso, o *post* está cortado, mas, indo ao *Instagram* por meio do *link* disponível, podemos ver que o resto da frase inclui a palavra *semana*, ou seja, *logo na primeira semana*.

Na segunda ocorrência representativa da microconstrução 2, temos uma citação em relação a um *post* inicial, já que o locutor publica sobre o que ele está fazendo em um dia livre – ele está bebendo café e curtindo o frio com o marido. O segundo locutor faz referência a este *post* inicial, contando um pouco sobre quem é a pessoa em questão e sinalizando que ela é uma fã – nesse caso, o canal do Diva Depressão pôde ir à sua casa fazer amizade no início de seus trabalhos.

Como podemos observar, em relação à forma, temos a porção do discurso inicial obrigatória expressa por *fomos na casa dela*, que antecede *logo no começo*. Nesse caso, podemos observar que temos uma porção do discurso subsequente à construção, expressa por *do Diva*. Podemos concluir que a segunda porção do discurso, neste caso, acrescentou mais significado, já que poderia ficar sem sentido caso não houvesse. De acordo com Arena e Sá (2020), existe uma tradição gramatical em que o papel da preposição na estrutura dos circunstanciais temporais é enfatizado. Isso significa que a preposição possui um papel muito importante para a marcação do início de um evento em relação ao tempo, que, neste caso, está elencado por *no começo*.

No que tange a sua função, as noções temporais e aspectuais não se excluem. Para Neves (2011), a noção de aspecto está presente nesses marcadores circunstanciais. Além disso, para Martelotta (2012), as locuções adverbiais, como nesse caso, *no começo*, possuem mais expressões aspectuais que advérbios simples. De acordo com Travaglia (2014, p.41), “o aspecto é uma categoria verbal ligada ao ‘TEMPO’”, pois, “ele indica o espaço temporal ocupado pela situação em seu desenvolvimento, marcando a sua duração, isto é, o tempo gasto pela situação em sua realização.” (Travaglia, 2014, p.42).

Tendo em vista tais considerações, podemos observar que a função de *logo no começo* enfatiza o início da ação. Novamente, *logo* faz com que haja uma maior expressividade por parte do falante, já que, ao se coadunar a *no começo*, há uma indicação de que a amizade foi feita, quase que imediatamente, no início do canal do locutor. Portanto, *logo* enfatiza esse sentido de a ação ter sido quase que imediata, junto ao marcador circunstancial temporal e aspectual de *no começo*.

Figura 10 – Exemplo 3 de ocorrência da microconstrução 2

Vcs pediram essa meta, bora bater... 100mil conseguimos logo no comecinho, lembram [#MPN](#) [#LarissaManoela](#) [#LarissaManoelaIG](#) [#FalaSerioMae](#)

[Translate post](#)

· Oct 22, 2018

Meta da semana: 100 mil comentarios nesse tweet usando as tags ate quarta feira [#MPN](#) [#LarissaManoela](#) [#LarissaManoelaIG](#) [#FalaSerioMae](#)

3:13 PM · Oct 24, 2018

Fonte: X – antigo *Twitter* (2018)

Na última ocorrência representativa do segundo padrão microconstrucional, temos o locutor chamando seus usuários para baterem a meta de comentários no *post* em questão para engajar sobre o filme *Fala Sério Mãe*. Essa é uma estratégia muito comum usada nas redes sociais para artistas engajarem seu público e os converterem em compras, bilheterias etc..

Em se tratando da forma, podemos depreender a porção do discurso inicial, representada por *100 mil conseguimos*. Após, temos *logo no comecinho*, em que *logo* se coaduna a outro circunstancial temporal – nesse exemplo, temos a presença do diminutivo *no comecinho*. Nessa ocorrência, a segunda porção do discurso não esteve presente, já que temos apenas um vocativo para terminar o *post*.

Em relação a sua forma, temos a coadunação entre *logo* e *no comecinho*. Apesar de *no comecinho* também ser um circunstancial de tempo, como os outros dois exemplos trazidos anteriormente, aqui, temos um caso de maior intersubjetividade, ou seja, o falante enfatiza, por meio do sufixo *-inho*, que a ação foi feita em um início mais preciso, anterior, demarcando a temporalidade dessa coadunação e tornando-a mais expressiva.

Santos (2023) ressalta a importância do contexto para uma compreensão mais precisa e global do diminutivo, o que nos leva à observação mais detalhada

dessa construção. De acordo com Traugott e Dasher (2005), essa motivação ocorre por meio da metonimização, na qual o falante procura formular enunciados que expressam seu posicionamento, criando novos padrões construcionais com diferentes formas e funções.

Traugott (1995 *apud* Cuyckens *et al.*, 2010) assume que há uma motivação por parte dos falantes, que acontece por meio da metonimização, ao se criarem enunciados cada vez mais intersubjetivos, isto é, o falante exerce sua preocupação com a dinâmica da interação com o interlocutor. A (inter)subjetividade se manifesta na relação entre falante e ouvinte, na qual os indivíduos assumem posições durante a comunicação, reconhecendo-se como "eu" e atribuindo ao outro a identidade de "você".

No entanto, Traugott e Dasher (2005) diferenciam subjetividade e intersubjetividade, sendo a primeira a imposição que o locutor assume diante de seu discurso, exprimindo seu ponto de vista pessoal. Já a segunda diz respeito à preocupação do locutor em relação ao *self* do interlocutor, sinalizando um posicionamento interpessoal. Nesse contexto, o surgimento de novas construções ocorre ao longo de um *continuum* crescente de (inter)subjetividade (Traugott, 2010), em que a relação entre forma e função evolui, ao longo do tempo, de significados [+ subjetivos] – relacionados às crenças e atitudes do falante – para significados [+ intersubjetivos] – refletindo a preocupação do falante com a imagem do interlocutor.

Dessa forma, quando o locutor enuncia que ele já havia conseguido 100 mil comentários *logo no comecinho*, temos um enunciado mais intersubjetivo, afinal, ao se dizer que algo aconteceu *no comecinho* é mais intersubjetivo do que dizer que algo aconteceu *no começo*. Nesse sentido, para indicar o início de um evento em relação ao tempo, enunciar *no comecinho* representaria um começo mais próximo ao ponto inicial, tornando, assim, o enunciado mais intersubjetivo.

Ademais, com base na análise traçada nesse segundo padrão, podemos retomar o conceito de neoanálise, que se refere à reinterpretação interna de uma construção linguística, sem que haja, num primeiro momento, alteração formal visível. Ou seja, a forma se mantém, mas seu funcionamento interno é reconfigurado. Para Andersen (2001) e Traugott e Trousdale (2013), a neoanálise é

um passo muito importante no que se refere ao passo inicial da mudança linguística. Observando os padrões 4.1.1 e 4.1.2, temos uma nova interpretação do uso de *logo*: no primeiro, temos um sentido voltado para a espacialidade e, no segundo, voltado para a temporalidade, demarcando o ponto inicial de uma ação. Esse mecanismo é observado à medida que há um aumento de escopo que leva ao aumento da intersubjetividade no *continuum* atestado nesta pesquisa. Se antes havia uma interpretação de *logo* como espaço – físico ou não –, agora há uma nova interpretação – ou neoanálise – do mesmo elemento direcionado para um caráter de temporalidade.

4.1.3 Padrão microconstrucional de delimitação temporal

O terceiro padrão identificado tem por finalidade delimitar temporalmente um evento em relação a outro. Para esse padrão, foram encontradas 16 ocorrências que correspondem a 9,58% do *corpus* analisado. No quadro abaixo, temos a descrição de sua forma e de sua função.

Quadro 6 – Descrição do pareamento forma-função da microconstrução de delimitação temporal

Microconstrução 3 - Delimitação Temporal	
Forma	[(porção do discurso) + [LOGO X] ^{temporal} + (porção do discurso)]
Função	Delimitar temporalmente um evento em relação a outro

Fonte: elaborado pela autora (2025)

De acordo com o quadro acima, a forma se manifesta por meio de [(porção do discurso) + [LOGO X]^{temporal} + (porção do discurso)], em que a porção do discurso que precede e sucede [LOGO X]^{temporal} pode ou não estar presente, uma vez que aparece entre parênteses. Além disso, [LOGO X]^{temporal} é sucedido por um elemento com valor temporal, tais como *depois*, *mais*, *cedo etc.*.

Sua função se caracteriza a partir da delimitação temporal entre dois eventos em que há o estabelecimento do momento em que um deles ocorre em relação ao

outro — seja antes, depois ou ao mesmo tempo. De acordo com Rocha Lima (2011), *logo, depois, após e cedo* são advérbios de tempo, enquanto *mais* é advérbio de intensidade. Nesse padrão, podemos observar uma coadunação entre *logo* e os elementos citados, os quais podem se apresentar de maneira mais intersubjetiva, ou mais expressiva, afinal, enunciarmos que *logo mais ou logo depois nos encontramos* é mais intersubjetivo do que dizermos apenas *logo nos encontramos*, utilizando *logo* isoladamente.

A seguir, passamos à análise das três ocorrências representativas desse padrão.

Figura 11 – Exemplo 1 de ocorrência da microconstrução 3



Fonte: X – antigo *Twitter* (2018)

Na figura acima, uma influenciadora relembra seus seguidores, por meio do seu *post*, do horário do evento *Superbonita*.

Na ocorrência acima, a forma é representada por $[[\text{LOGO X}]^{\text{temporal}} + (\text{porção do discurso})]$. Nesse caso, em $[\text{LOGO X}]$, X é preenchido por *mais*, seguido da

porção do discurso *às 22h30 tem o Superbonita*. Dessa maneira, podemos observar que houve a coadunação entre *logo* e o elemento *mais*, com valor temporal, havendo a delimitação temporal entre o horário do evento *Superbonita* – às 22h30 – e o momento da enunciação, ou da postagem.

A função de *logo mais*, nesta ocorrência, portanto, é a de indicar que a transmissão do programa *Superbonita* ocorreria algumas horas após o momento da postagem. Trata-se, dessa forma, de uma expressão que delimita temporalmente dois eventos: o horário do *post* e o início do programa.

Figura 12 – Exemplo 2 de ocorrência da microconstrução 3

Votei logo cedo peguei o celular da minha mãe e do meu irmão só pra votar 😂💜

[Translate post](#)

12:17 AM · Dec 23, 2019

Fonte: X – antigo *Twitter* (2018)

A ocorrência seguinte apresenta um internauta respondendo a um seguidor e informando que já havia votado nele. O voto em questão refere-se a um prêmio de melhor atriz coadjuvante promovido por uma emissora de televisão brasileira.

A forma é expressa por [(porção do discurso) + [LOGO X]^{temporal} + (porção do discurso)], em que a porção do discurso inicial é evidenciada pelo verbo *votei*. Em seguida, temos [LOGO X]^{temporal}, em que *X* é preenchido por *cedo*. Após, temos a segunda porção do discurso encabeçada por *peguei o celular da minha mãe e do meu irmão só pra votar*.

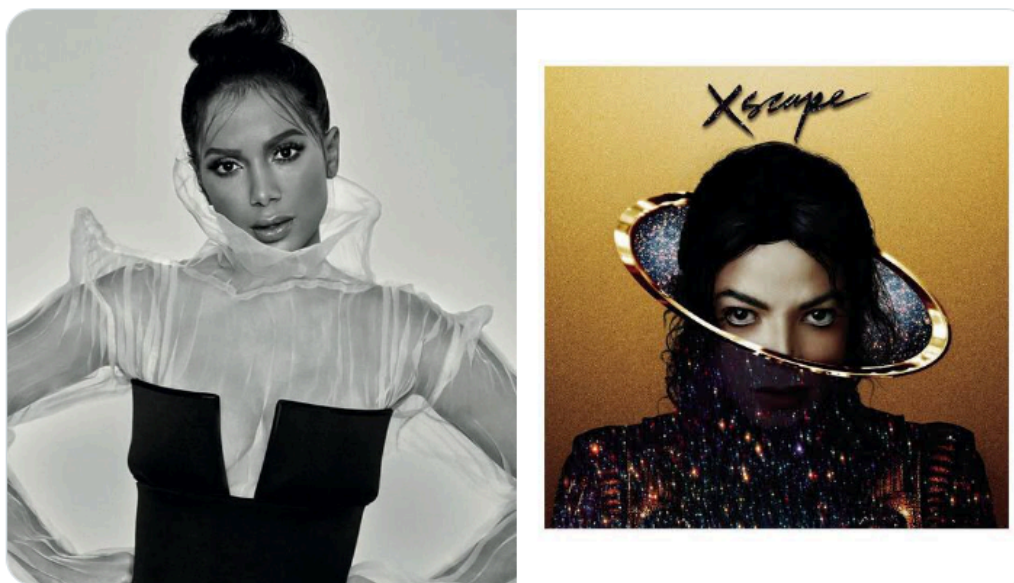
A função evidencia o caráter delimitativo temporal de [LOGO X]^{temporal}, pois há uma demarcação entre os eventos *votar* e *logo cedo*, evidenciando a urgência em que o internauta se encontrava para realizar a votação ainda pela manhã. Portanto, podemos atestar que, em [LOGO X]^{temporal}, há a coadunação de *logo* a outro

advérbio de tempo, nesse caso, *cedo*, demonstrando uma expressividade mais elevada que o uso isolado de *logo* revelaria.

Figura 13 – Exemplo 3 de ocorrência da microconstrução 3

Só eu que achei que a Anitta ficou parecida com a capa que a Sony fez no álbum logo após a morte do Michael Jackson ?

[Translate post](#)



8:37 PM · Jan 3, 2019

Fonte: X – antigo Twitter (2018)

Na última ocorrência representativa deste padrão, temos um internauta realizando uma comparação entre a foto da cantora brasileira Anitta – à esquerda – e a capa do álbum póstumo de Michael Jackson – à direita, evidenciando a semelhança entre ambas, em sua opinião.

A forma consiste em [(porção do discurso) + [LOGO X]^{temporal} + (porção do discurso)], em que a porção do discurso inicial é encabeçada por *Só eu que achei que a Anitta ficou parecida com a capa que a Sony fez no álbum*, seguida de [LOGO X]^{temporal}, em que *logo* se coaduna ao elemento *após*. Em sequência, temos a segunda porção do discurso, expressa por *após a morte do Michael Jackson?*

A função de *logo após*, nesta ocorrência, é a de indicar que a foto da cantora Anitta se compara à arte utilizada no álbum póstumo do cantor Michael Jackson pouco tempo depois de sua morte, já que se trata de um álbum póstumo. Dessa forma, há o estabelecimento de uma relação temporal entre duas situações: a comparação da Anitta a Michael Jackson *logo após* o lançamento de seu álbum póstumo, evidenciando as similaridades entre eles.

À luz do exposto, podemos concluir que as construções *logo mais*, *logo cedo* e *logo após*, exploradas nesta subseção, marcam uma delimitação temporal, situando um evento em relação ao outro.

4.1.4 Padrão microconstrucional de indicação de tempo imediato

O quarto padrão identificado é o de indicação de tempo imediato, ou seja, há a indicação do desejo do falante de o tempo passar mais rápido, ou seja, o falante almeja que algo se realize em um curto espaço de tempo, mais rapidamente. Além disso, esse é o segundo padrão mais frequente, com 38 ocorrências, o que representa 22,75% dos dados totais encontrados no *corpus*. Abaixo temos a descrição do nono padrão.

Quadro 7 – Descrição do pareamento forma-função da microconstrução indicação de tempo imediato

Microconstrução 4 - Indicação de tempo imediato	
Forma	[(porção do discurso) + V _{imperativo/infinitivo} + LOGO (DE) + (porção do discurso)]
Função	Indicar, ao modificar o verbo, o desejo do falante de que algo se realize em um curto espaço de tempo

Fonte: elaborado pela autora (2025)

De acordo com o quadro acima, podemos observar que a forma é representada pela seguinte notação: [(porção do discurso) + V_{imperativo/infinitivo} + LOGO (DE) + (porção do discurso)], em que pode ocorrer a porção do discurso inicial ou não, seguida por um verbo no imperativo ou no infinitivo, de forma obrigatória. Após,

temos a presença de *logo*, que pode ser seguido ou não pela preposição *de*, podendo ou não ser seguido por uma porção de discurso final.

A função é a de indicar, ao modificar o verbo, o desejo do falante de que algo se realize em um curto espaço de tempo. Isto é, *logo*, neste padrão, funciona como a demonstração do desejo do falante de que o tempo passe mais rapidamente, estabelecendo o imediatismo da ação. Como já exploramos anteriormente, a modalização, para Koch (2009), funciona como um recurso linguístico que sinaliza a argumentação, podendo ser realizada por diversos elementos lexicais. Para ela, entre alguns desses elementos modalizadores, estão os advérbios.

Além disso, para Palmer (2001), existem subtipos de modalização. Entre elas está a volitiva – *wishes* –, que está intimamente ligada a atitudes em relação a proposições cujo *status* factual não é conhecido, podendo ocorrer proposições que se referem a eventos não realizados. Seriam, portanto, “parcialmente deônticas, parcialmente epistêmicas (Palmer, 2001, p. 13)¹³. Dessa forma, esse padrão evidencia a natureza do desejo que parte do falante em relação ao tempo ou à ação, sendo modificada por um advérbio, em que também há a presença de verbos no modo subjuntivo ou imperativo. Nesse sentido, Palmer (2001) indica que esse tipo de configuração seria comum, nesse tipo de sentença, em línguas latinas.

A partir disso, apresentamos, a seguir, as três ocorrências representativas desse padrão construcional.

¹³ Cf.: [...] attitudes towards propositions whose factual status is not known or propositions that relate to unrealized events. They are thus partly deontic, partly epistemic. (Palmer, 2001, p. 13).

Figura 14 – Exemplo 1 de ocorrência da microconstrução 4



Fonte: X – antigo *Twitter* (2018)

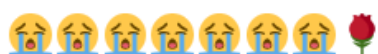
Na primeira ocorrência, temos o locutor respondendo a um seguidor sobre a importância de ir ao médico em caso de se notar algo diferente no corpo, como sentir dores, desconfortos etc.. Ele explica que esperar nem sempre é a melhor saída, pois, ao fazê-lo, o problema pode não ser resolvido. Nesse sentido, às vezes, ir ao médico e tomar a medicação é o mais funcional e eficaz.

A forma é evidenciada por [(porção do discurso) + $V_{\text{imperativo/infinitivo}}$ + LOGO (DE) + (porção do discurso)], em que temos a primeira porção do discurso sendo preenchida por *num da certo soh remédio funciona*, seguida por um verbo no imperativo, preenchido por *vai*, seguido, por sua vez, por *logo*, não havendo a segunda porção do discurso nesse caso.

A função de *logo*, nesta ocorrência, é adverbial, pois ele está modificando o verbo *vai*, indicando o desejo do locutor de que o seguidor procure um médico o mais rápido possível em caso de dores ou de desconfortos. Essa indicação tem por objetivo mostrar preocupação por parte do falante, mas, além disso, indicar o desejo de que a ação seja concluída ou iniciada em um menor espaço de tempo possível.

Figura 15 – Exemplo 2 de ocorrência da microconstrução 4

Meu sonho minha transição capilar acabar logo e meu cabelo ficar assim



[Translate post](#)



11:31 PM · Sep 28, 2019

Fonte: X – antigo *Twitter* (2018)

Na segunda ocorrência representativa deste padrão, o falante expressa o desejo de que sua transição capilar seja concluída em um curto período de tempo.

A forma é evidenciada por [(porção do discurso) + $V_{\text{imperativo/infinitivo}}$ + LOGO + (porção do discurso)], em que a porção do discurso inicial é preenchida por *meu sonho minha transição capilar*, seguida pelo verbo *acabar* no infinitivo. Em sequência, temos a presença de *logo*, que é sucedida por e *meu cabelo ficar assim*.

A função é indicar o desejo de que a transição capilar se conclua em um futuro muito próximo, já que o falante manifesta a vontade de ter um cabelo

semelhante ao da cantora mencionada no vídeo. Além disso, temos os elementos não visuais – *emojis* – de carinha chorando, o que mostra essa necessidade de o tempo passar mais rápido para que a transição seja concluída. É importante salientar que, apesar de o padrão indicar uma necessidade de o tempo passar mais rápido, implicitamente, há um enfoque na completude de um evento por parte do falante em um futuro próximo.

Figura 16 – Exemplo 3 de ocorrência da microconstrução 4

Te amo meu bb sdds doida volta logo pra eu me preocupar com vc de perto

[Translate post](#)

8:08 PM · Nov 18, 2019

Fonte: X – antigo *Twitter* (2019)

Na terceira e última ocorrência representativa desse padrão, o locutor responde a uma pessoa próxima, expressando afeto e indicando o quanto deseja sua presença em um futuro próximo.

A forma é representada por [(porção do discurso) + V^{imperativo/infinitivo} + LOGO (DE) + (porção do discurso)], em que há a primeira porção do discurso expressa em *te amo meu bb sdds doida*. Após, ocorre o verbo no imperativo *volta*, seguido por *logo* e pela segunda porção do discurso, encabeçada por *pra eu me preocupar com vc de perto*.

A função é a de evidenciar o desejo do locutor de que a pessoa com quem se comunica retorne em um futuro próximo. Mais uma vez, observa-se a expressão de uma volição, representando o desejo de que a ação se concretize em um curto espaço de tempo.

4.1.5 Padrão microconstrucional de integralidade temporal

O quinto padrão mapeado é o de integralidade temporal. Ele indica a ideia de completude, ou seja, de uma ação realizada integralmente, de uma só vez. Inclusive, a construção pode ser interpretada como evocando a noção de totalidade ou de ação concluída em um único momento, aproximando-se do sentido expresso por *de uma vez só*, a depender do contexto de uso e dos efeitos de sentido mobilizados no enunciado. Em relação a sua frequência, foram encontradas nove ocorrências, o que representa 5,39% de todo o *corpus*.

Abaixo, temos a descrição de sua forma e de sua função.

Quadro 8 – Descrição do pareamento forma-função da microconstrução integralidade temporal

Microconstrução 5 - Integralidade temporal	
Forma	[(porção do discurso) + V + (porção do discurso) + LOGO (DE) + (porção do discurso)]
Função	Indicar ideia de completude em relação ao tempo

Fonte: elaborado pela autora (2025).

Como podemos observar no quadro acima, a forma é expressa por [(porção do discurso) + V + (porção do discurso) + LOGO (DE) + (porção do discurso)], em que pode haver ou não uma porção do discurso inicial. Após, ocorre a obrigatoriedade de um verbo, podendo ser seguido ou não por uma outra porção do discurso. Temos a presença de *logo*, podendo ou não ser seguido pela preposição *de*. Finalmente, *logo* pode ser seguido ou não por mais uma porção do discurso final.

A função é a de indicar uma ideia de completude em relação ao tempo. Isso significa que as ocorrências, nesse padrão, possuem uma característica de expressar uma totalidade da ação, seja a totalidade de se comer uma refeição por inteira, seja a totalidade de se assistir a um filme por completo, por exemplo.

A seguir, apresentaremos três ocorrências representativas desse padrão.

Figura 17 – Exemplo 1 de ocorrência da microconstrução 5

Mandei p dentro logo arroz, feijão, saladinha; batata frita e ovo frito..
amo

[Translate post](#)

12:47 PM · Nov 29, 2019

 58

 70

 4.1K

 11



Fonte: X – antigo *Twitter* (2019)

Na ocorrência acima, observamos que o locutor compartilha com seus seguidores o cardápio do almoço — arroz, feijão, salada, batata e ovo fritos — e ainda expressa seu apreço por essa combinação.

A forma é representada por [(porção do discurso) + V + (porção do discurso) + LOGO (DE) + (porção do discurso)], em que há uma porção do discurso antecedendo o verbo, pois a sentença se inicia por ele, que é o verbo *mandei*, sendo seguido por *p dentro*. Após, temos *logo*, sendo seguido de outra porção do discurso expressa por *arroz, feijão, saladinha, batata frita e ovo frito amo*.

A função evidencia a completude da ação do locutor ter consumido um prato cheio, completo com os alimentos de sua preferência, ressaltando a totalidade da refeição. Portanto, *logo* evidencia essa totalidade ou completude da ação de se alimentar de uma refeição integralmente.

Figura 18 – Exemplo 2 de ocorrência da microconstrução 5

Frio ok, pipoquinha ok, coberta ok, Netflix tá ok, bota em [#ModoAvião](#) e vai assistir logo de uma vez

[Translate post](#)

10:06 PM · Jan 23, 2020

Fonte: X – antigo *Twitter* (2020)

Na segunda ocorrência representativa, temos o locutor fazendo uma espécie de *checklist* do que seria um cenário perfeito para se assistir a um filme – intitulado *Modo Avião* –, convidando os seus seguidores para fazerem o mesmo.

A forma é expressa por [(porção do discurso) + V + LOGO (DE) + (porção do discurso)], em que a porção do discurso inicial é preenchida por *frio ok, pipoquinha ok, coberta ok, Netflix tá ok, bota em #ModoAvião* e. Em sequência, há a presença da locução verbal *vai assistir*, seguida por *logo de*. Após, há a porção do discurso *uma vez*. Nesse caso, temos *logo de uma vez* formando um *chunk*. Sua função principal é a de indicar um convite para que seus seguidores assistam, sem demora e por completo, ao filme sugerido. Portanto, temos *logo* funcionando como ideia de totalidade ou completude, o que, nesse caso, representa assistir ao filme inteiro.

Figura 19 – Exemplo 3 de ocorrência da microconstrução 5



Fonte: X – antigo *Twitter* (2018)

Na última ocorrência representativa desse padrão, a locutora mostra uma foto do carro de um famoso, comentando que, embora o dono não a tenha visto, o carro sim. Abaixo, na seção de comentários, um seguidor, em tom humorístico, sugere que ela fure os pneus para ser notada pelo ídolo.

A função é evidenciada por [(porção do discurso) + V + LOGO (DE) + (porção do discurso)], em que a sentença se inicia com o verbo no imperativo *fura*, sendo seguida por *logo* e sendo sucedida pela porção do discurso esses *pneus* e *ele vai ficar sabendo já já quem é você, menina*.

A função é indicar a completude da ação de furar todos os pneus, pois, em *fura logo esses pneus*, deduz-se que se trata de todos eles, transmitindo a ideia de realizar a ação por completo até seu término. Novamente, podemos observar a versatilidade de *logo* quando coadunado a outros elementos para indicar, nesse caso, a totalidade ou completude de uma ação.

4.1.6 Padrão microconstrucional de indicação de encadeamento temporal

O sexto padrão identificado foi o de encadeamento temporal. Nesse sentido, foram identificadas quatro amostras deste padrão, o que representa 2,40% de todo o *corpus*. Sua função está em indicar uma ideia de encadeamento temporal entre duas orações, isto é, indicar que duas ações ou eventos acontecem de maneira muito próxima.

Quadro 9 – Descrição do pareamento forma-função da microconstrução de encadeamento temporal

Microconstrução 6 - Indicação de Encadeamento Temporal	
Forma	[LOGO (X) QUE oração 1 + oração 2 / oração 1 + LOGO (X) QUE oração 2]
Função	Indicar ideia de encadeamento temporal entre duas orações

Fonte: elaborado pela autora (2025)

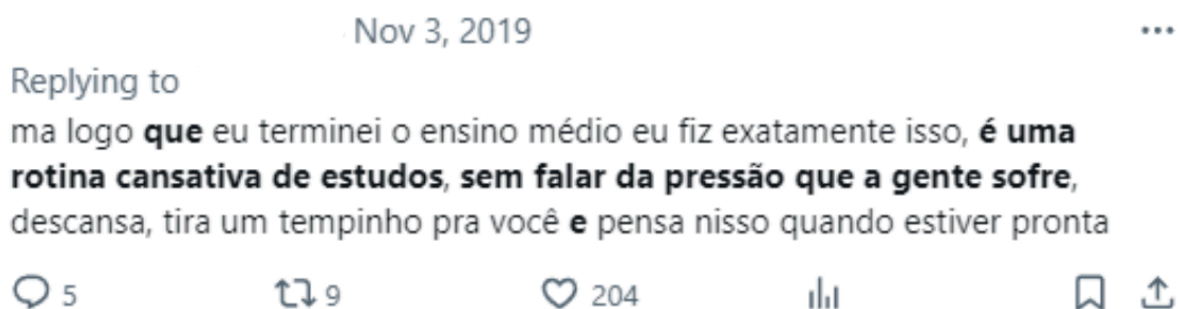
Como podemos observar no quadro acima, a forma pode ser evidenciada como em [LOGO (X) QUE oração 1 + oração 2], em que *logo* pode estar no início da oração, podendo ou não ser seguido por X, em que X é um *slot* que pode ser preenchido por outros elementos. Além disso, após a presença ou não de X, *logo* é sucedido por QUE. Portanto, temos a presença de QUE, com a oração 1 seguida pela oração 2. A forma pode também ser expressa como [oração 1 + LOGO (X) QUE oração 2].

A função indica ideia de encadeamento temporal entre duas orações, conforme podemos observar no quadro acima. Além disso, segundo Santos (2019), advérbios como *logo*, quando coadunados ao pronome relativo *que*, favorece o surgimento de microconstruções como em *logo que*, *uma vez que*, *assim que*, entre outras. Para a autora, sua base não tem origem temporal: ao coadunar elementos que preenchem o slot *X que*, seu valor passaria a ser temporal. Ademais, para Rocha Lima (2011), *logo que* seria uma conjunção subordinativa temporal, assim como *assim que*, *antes que*, *depois que*, *logo que*, *tanto que*, *etc.*. Portanto, de acordo com Santos (2019, p. 27),

[...] novas construções são licenciadas fundamentadas em outras mais antigas na língua. Consideramos que novas microconstruções surgiram após a formação das microconstruções analisadas, visto que novos elementos foram recrutados para preencherem o espaço da construção [*Xque*]CONNECT, assim como *logo que*, *desde que*, dentre outras.

Dessa forma, passemos à análise das três amostras representativas deste padrão.

Figura 20 – Exemplo 1 de ocorrência da microconstrução 6



Fonte: X – antigo *Twitter* (2019)

Na ocorrência acima, temos uma usuária da plataforma X respondendo a uma pessoa e dizendo que ela tirou um tempo entre o final do Ensino Médio e a entrada na faculdade, alegando que a rotina de estudos é cansativa, já que gera muita pressão no estudante, e aconselhando a pessoa a tirar um tempo para descansar.

A forma é evidenciada por [LOGO (X) QUE oração 1 + oração 2], sendo iniciada apenas por um vocativo. Diante disso, temos *logo que* + oração 1, expressa por *eu terminei o ensino médio*, com sucessão da oração 2, evidenciada por *eu fiz exatamente isso*. Já a função é indicar temporalmente que, assim que a locutora finalizou o Ensino Médio, ela teria tirado um tempo para descansar, evidenciado a natureza concomitante entre os dois eventos.

Figura 21 – Exemplo 2 de ocorrência da microconstrução 6



Fonte: X – antigo *Twitter* (2019)

A ocorrência acima expressa o locutor se lamentando por ter se esquecido do horário de sua sessão terapêutica, compartilhando com seus seguidores essa insatisfação. Além disso, o internauta enfatiza que, naquele momento, ele precisava muito do atendimento.

Sua forma é expressa por [LOGO (X) QUE oração 1 + oração 2], em que há, no início da postagem, *logo* seguido por *hoje*, que preenche o *slot X*, coadunado a *que*. A oração 1 é preenchida por *eu precisava da minha terapia mais que tudo*, seguida da oração 2, *eu perdi o horário*. Sua função é demonstrar temporalmente o encadeamento temporal entre os dois eventos, em *precisava da minha terapia mais que tudo* e *perdi o horário*, evidenciando o encadeamento temporal entre eles por meio da construção *logo hoje que*.

Figura 22 – Exemplo 3 de ocorrência da microconstrução 6

A @Eudora foi uma das primeiras marcas que eu trabalhei logo assim que saí da faculdade, na parte de planejamento digital laaaaa pra 2000 e uns quebrados e fico muito orgulhosa de ver a marca tomando esse caminho ❤️



12:53 AM · Jul 25, 2019 from Sao Paulo, Brazil

Fonte: X – antigo *Twitter* (2019)

Na última ocorrência representativa do sexto padrão, temos uma locutora expressando seu carinho pela marca de produtos de beleza *Eudora*, dizendo que ela trabalhou com a marca após ter saído da faculdade e mostrando um afeto pelo rumo que a empresa vem tomando no ramo dos cosméticos.

A forma é expressa por [oração 1 + LOGO (X) QUE + oração 2], em que a oração 1 é evidenciada por A @Eudora foi uma das primeiras marcas que eu

trabalhei, seguida de *logo X*, em que *X* é preenchido por *assim*, sucedido por *que*. Após, temos a oração 2 encabeçada por *saí da faculdade*.

A função é expressar que os dois eventos – a Eudora ser a primeira marca com que a locutora trabalhou e assim que ela saiu da faculdade – aconteceram quase que simultaneamente, evidenciando a proximidade entre os dois eventos. Como exposto anteriormente, para Santos (2019), alterações nos planos da estrutura e da forma favorecem o surgimento de novas microconstruções a partir de elementos preexistentes na língua. Nesse sentido, advérbios com *logo* e *assim*, por terem naturezas similares, compartilham essa transformação de maneira conjunta. Conforme proposto por Traugott e Trousdale (2013), essas transformações acontecem a partir da analogização, que é um mecanismo de mudança linguística em que novas formas ou usos são criados com base em modelos já existentes na língua, envolvendo o reconhecimento de padrões e a criação de novas construções por semelhança, o que permite a criação imediata de novos esquemas linguísticos a partir de estruturas previamente estabelecidas. Desse modo, podemos observar que a coadunação entre *logo*, *assim* e *que*, formando a construção *logo assim que*, pode ser um indicador de transformação no plano da sincronia atual que já está em processo por meio do uso pelos falantes.

4.1.7 Padrão microconstrucional de indicação de sucessão temporal

O sétimo padrão microconstrucional identificado foi o de sucessão temporal, indicando a sucessão temporal entre dois eventos em relação ao tempo. Para esse padrão, encontramos 10 ocorrências, as quais representam 5,99% dos dados. Abaixo, temos o quadro 9 que expressa sua forma e sua função.

Quadro 10 – Descrição do pareamento forma-função da microconstrução de sucessão temporal

Microconstrução 7 - Indicação de Sucessão Temporal	
Forma	[porção do discurso + LOGO (EM SEGUIDA) + porção do discurso]
Função	Indicar uma sucessão temporal entre dois eventos

Fonte: elaborado pela autora (2025)

De acordo com o quadro acima, diferentemente dos padrões analisados até aqui, as porções do discurso que antecedem e sucedem são obrigatórias – pois estão entre colchetes. Em relação à forma, temos também a presença de *logo*, que pode ser ou não sucedido por *em seguida*, ou seja, essa combinação pode estar presente ou não, mas, independentemente disso, o sentido é o mesmo. Diante disso, a forma é expressa por [porção do discurso + LOGO (EM SEGUIDA) + porção do discurso]. Além disso, a função é a de indicar uma sucessão temporal entre dois eventos, isto é, esse padrão expressa que um evento sucedido por outro na linha temporal.

Vejamos três ocorrências representativas deste padrão construcional.

Figura 23 – Exemplo 1 de ocorrência da microconstrução 7



Fonte: X – antigo *Twitter* (2017)

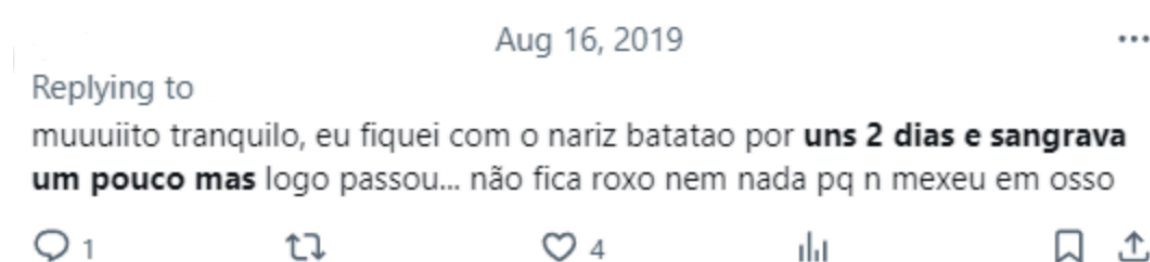
Nesta amostra, temos o locutor respondendo a um seguidor e expressando empatia pelo fato ocorrido. O locutor teria assistido a um show pensando que era sua amiga, mas, em seguida, percebeu que não era, pois o cachê não seria coberto.

Em relação à forma, podemos perceber que o elemento *em seguida* não esteve presente, pois *logo* manifestou-se sozinho. Temos a porção do discurso antecedente sendo representada por *mas*. Na sequência, temos *logo* seguido pela porção do discurso subsequente *percebi que eles não cobririam seu cachê amiga!*

Sua função exprime uma ideia de um evento ou ação que foi imediatamente sucedida por outra. Ao contrastar as ideias em *pensei que fosse você também mas logo percebi que eles não cobririam seu cachê*, temos a segunda porção do discurso sendo sucedida no tempo pela primeira. Dessa forma, *logo* apresenta-se com sentido próximo ao de *em seguida*, assim como *depois* aproxima-se de *imediatamente* em determinados contextos.

Textualmente falando, para Koch (2018), para a progressão ou sequenciação do texto fluir, devemos utilizar marcadores, que podem incluir conectores, pois eles funcionam como elementos que organizam a sucessão dos fatos no discurso, colaborando para a progressão temática e para a manutenção da coerência. Assim, a construção com *logo*, nesse caso, tem como função indicar uma sucessão temporal ou alocar temporalmente dois eventos, um em relação ao outro.

Figura 24 – Exemplo 2 de ocorrência da microconstrução 7

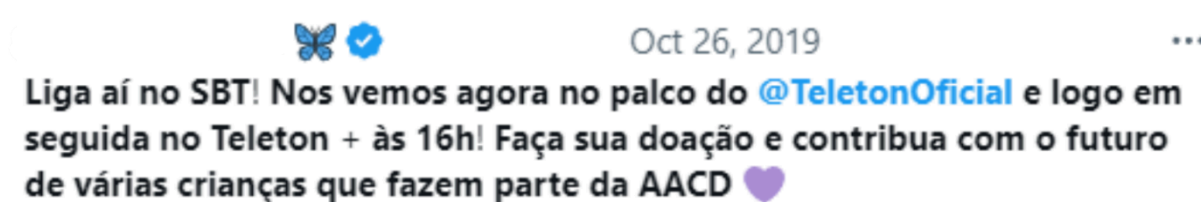


Fonte: X – antigo *Twitter* (2019)

Na segunda ocorrência representativa do padrão construcional em questão, temos o locutor respondendo a um seguidor após uma cirurgia que ele realizou. Apesar de o nariz ter ficado inchado e ter sangrado, isso teria durado apenas dois dias.

A forma é apresentada a partir da porção do discurso antecedente à construção *logo*, representada por *eu fiquei com o nariz batatao por uns 2 dias e sangrava um pouco mas*, em que se introduz a ideia inicial, comprovando a obrigatoriedade de se ter a porção do discurso antecedente. Após, temos *logo* sendo sucedido pelo verbo no passado *passou*. Sua função é responsável por indicar a rapidez com que os sintomas da cirurgia realizada pelo locutor não se prolongaram.

Figura 25 – Exemplo 3 de ocorrência da microconstrução 7



Fonte: X – antigo *Twitter* (2019)

Na terceira e última ocorrência representativa do sétimo padrão, temos o locutor convidando seus seguidores para assistir à sua aparição na emissora de televisão SBT no horário e dia marcados para a campanha de crianças com deficiência, a qual se intitula Teleton.

Em relação à forma, temos a porção do discurso antecedente expressa por *Nos vemos agora no palco do @TeletonOficial*, que é sucedida por *logo em seguida*. Nesse caso, *logo* não aparece sozinho, mas sim forma um *chunk* ao se coadunar a *em seguida*. Após *logo em seguida*, temos a segunda porção do discurso, expressa em *no Teleton + às 16h!*.

A função é exprimir a ideia de sucessão temporal entre a aparição do locutor no palco do Teleton e, depois, a exibição do programa em si. Nesse caso, *logo em seguida* expressa o sentido de sucessão de forma explícita ao coadunar-se a *em seguida*, que não ocorreu nos exemplos trazidos nas amostras anteriores. Dessa forma, podemos observar que *logo em seguida* forma um *chunk*, indicando sucessão de dois eventos temporalmente distintos.

4.1.8 Padrão microconstrucional de indicação de proximidade temporal

O oitavo padrão construcional identificado no *corpus* foi o de proximidade temporal. Para esse padrão, identificamos 49 ocorrências, representando, portanto, 29,34% dos dados totais do *corpus*, sendo esse o padrão mais frequente. Esse padrão tem por característica indicar uma proximidade temporal.

Quadro 11 – Descrição do pareamento forma-função da microconstrução de proximidade temporal

Microconstrução 8 - Indicação de Proximidade Temporal	
Forma	[(porção do discurso) + (V*) + LOGO + (V*) + (porção do discurso)] V*: verbo no futuro ou no presente do indicativo com projeção de futuridade
Função	Indicar proximidade temporal

Fonte: elaborado pela autora (2025)

De acordo com o quadro acima, a forma desse padrão é constituída por [(porção do discurso) + (V*) + LOGO + (V*) + (porção do discurso)], em que há a porção do discurso antecedendo ou precedendo a construção, podendo aparecer ou não, ou seja, não é de cunho obrigatório. A construção também pode ser antecedida ou precedida por um verbo no futuro ou no presente do indicativo com projeção de futuridade, não apresentando obrigatoriedade para tal. Em relação à função desempenhada por esse padrão microconstrucional, ela tem por finalidade a indicação de uma proximidade temporal, seja ela representada no discurso ou não. O sentido presente em todas as ocorrências identificadas é o de brevidade da ação, podendo ser entendido por outras expressões como “em breve”.

Em seguida, analisamos três amostras extraídas do *corpus*, com o objetivo de exemplificar a microconstrução em questão.

Figura 26 – Exemplo 1 de ocorrência da microconstrução 8

Esta foi a primeira noite que dormi no meu apto! A cama chegou e fui correndo comprar colchas e travesseiros todaaa empolgada hauahauh logo chega o tour pelo quarto 🇺🇦 #HouseOfFox
[instagram.com/p/ByMAvwlH5rL/...](https://www.instagram.com/p/ByMAvwlH5rL/)
[Translate post](#)

9:43 PM · Jun 1, 2019

Fonte: X – antigo *Twitter* (2019)

Na ocorrência acima, temos o locutor expressando sua empolgação em relação a sua nova moradia, demonstrando alegria por comprar objetos novos para deixar sua casa aconchegante. Ao final, o locutor se compromete a fazer um *tour pelo* seu quarto novo.

Em relação à forma, não temos a presença da porção do discurso antecedendo a construção, mas ela pode ser encontrada na posição precedente, em *o tour pelo quarto*, já que não é um elemento obrigatório. Tratando-se da construção propriamente dita, temos *logo chega*, em que *logo* está coadunado a um verbo no presente do indicativo, representado aqui por *chega*. Nesse caso, o verbo *chega*, embora esteja no presente, possui uma projeção de futuridade ao se coadunar a *logo*.

Em relação a sua função, podemos depreender que, *logo*, nesse exemplo, pode ser substituído por *em breve*, afinal, ele indica uma ação que está prevista para acontecer, e o locutor se compromete com a realização dela. Nesse sentido, *logo* ativa e adiciona a brevidade da ação, tornando-a mais intersubjetiva e expressiva, pois não chegará apenas o *tour* e, sim, *logo*, isto é, em breve, representando, portanto, uma proximidade temporal para a realização da ação em relação ao falante.

Figura 27 – Exemplo 2 de ocorrência da microconstrução 8

Nem precisava colocar na descrição “praieiro” pq foi a primeira coisa que imaginei! Certeza que logo abre um quiosque de açaí gourmet perto da praia!

[Translate post](#)



2:50 PM · Jan 9, 2019

Fonte: X – antigo *Twitter* (2019)

Na ocorrência acima, temos o locutor repostando e apontando sua impressão sobre o participante do programa *Big Brother* Brasil, da edição de 2019. O então participante, Alan, se diz ser praieiro, e o locutor principal responde a esse *post*, dizendo que não precisava colocar essa descrição, devido à maneira com que o participante se apresenta.

Em relação à forma dessa microconstrução, temos o enunciado *certeza que logo abre um quiosque de açaí gourmet*. Nessa oração, temos a porção do discurso antecedendo a construção pontualmente analisada. Após, temos a construção *logo abre*, sendo representada novamente por *logo* coadunado a um verbo no presente do indicativo com projeção de futuridade. Nesse caso, temos a segunda porção do discurso, encabeçada por *um quiosque de açaí gourmet*.

Ademais, em relação à função, nesse caso, quando analisamos toda a construção em seu contexto, em *certeza que logo abre um quiosque de açaí gourmet*, temos um caso de modalização epistêmica asseverativa. A modalidade se refere a um recurso que evidencia a maneira como os falantes expressam seus posicionamentos em relação a uma sentença, de maneira a salientar um grau de certeza, obrigação ou permissão e hipótese ou desejos. A modalidade epistêmica asseverativa é um tipo de modalidade.

Para Palmer (2001, p. 24), “[...] com a modalidade epistêmica, os falantes emitem julgamentos sobre o estatuto factual da proposição [...]”¹⁴, o que significa que o locutor em questão está fazendo um julgamento a respeito do participante da então edição do programa Big Brother Brasil, em que temos o participante dizendo que é praieiro. No vídeo em questão, ele possui uma vestimenta que remete ao estilo de vida praiano. Por fim, temos o locutor sendo irônico ao dizer que nem precisava dizer que ele era praiano, devido ao que se vê no vídeo de apresentação.

Dessa forma, o locutor está julgando, em tom de ironia e baseado em estereótipos, como se todo praiano vendesse açaí, o que é uma generalização estereotipada, ocorrendo, assim, a avaliação, baseada na crença pessoal.

Portanto, *logo*, coadunado ao verbo no presente do indicativo com projeção de futuridade *abre*, traz uma nova roupagem para o significado. Ao analisar o cotexto e a porção do discurso, podemos perceber que há uma projeção de uma certeza falsa, indicando proximidade temporal e remetendo a um tom humorístico para a fala do locutor.

¹⁴ Cf.: “[...] with epistemic modality speakers make judgments about the factual status of the proposition [...]” (Palmer, 2001, p.24).

Figura 28 – Exemplo 3 de ocorrência da microconstrução 8



Fonte: X – antigo *Twitter* (2020)

Na ocorrência acima, temos o locutor expressando sua impaciência em relação ao início do programa Big Brother Brasil, da edição de 2020.

No que tange à forma, temos a perífrase verbal *vamos começar*, no tempo presente, antecedendo *logo*, já que o verbo no futuro ou no presente com projeção de futuridade pode vir antes ou depois da construção. Nesse caso, sua projeção é de futuridade, sendo seguido por *logo*. Após, temos a segunda porção do discurso *esse paredão*. Sua função é mais prototípica em relação aos outros dois exemplos trazidos nesse padrão, afinal, o locutor está se referindo a um evento que está

prestes a acontecer, o que indica a proximidade temporal entre o momento da fala e o momento do evento em si.

4.1.9 Padrão microconstrucional de indicação de maior proximidade temporal

O nono padrão construcional encontrado no *corpus* foi o que indica maior proximidade temporal. Encontramos 11 ocorrências que representam 6,59% dos dados totais. Sua característica principal é ser mais intersubjetivo do que o padrão visto em 4.1.8, pois ele indica uma proximidade maior temporal e é formado pelo *chunk logo logo*.

Quadro 12 – Descrição do pareamento forma-função da microconstrução maior proximidade temporal

Microconstrução 9 - Indicação de Maior Proximidade Temporal	
Forma	[(porção do discurso) + [LOGO LOGO] + (porção do discurso)]
Função	Indicar uma maior proximidade temporal

Fonte: elaborado pela autora (2025)

Em relação à forma, esse padrão microconstrucional tem por característica apresentar a seguinte configuração: [(porção do discurso) + [LOGO LOGO] + (porção do discurso)]. Dessa forma, pode ser antecedido ou precedido por uma porção do discurso ou não, afinal, não é uma configuração obrigatória. A construção é formada pelo *chunk logo logo*.

Em relação à sua função, esse padrão tem por característica indicar uma maior proximidade temporal, configurando-se como mais intersubjetivo do que o uso individual de *logo*. Ao dizermos que *nos veremos logo logo*, por exemplo, estamos diante de uma indicação de uma maior proximidade no tempo para que o encontro aconteça.

Além disso, nesse padrão, podemos observar a presença do processo de metonimização, que, para Traugott e Dasher (2002) e Hopper e Traugott (2003), ocorre quando um elemento adquire novo significado baseado em uma relação de contiguidade ou de associação lógica com seu significado original. Para os autores, a metonimização é um processo conceptual e inferencial que ocorre dentro de um mesmo domínio. Ele se baseia em inferências sugeridas que servem de base para a criação de um novo pareamento. Somado a isso, ele é guiado por inferências sugeridas contextuais.

Dessa forma, quando o falante duplica o uso de *logo*, ele, com base nas inferências sugeridas e contextuais, cria uma associação temporal de que *logo* indica brevidade, no entanto, na busca de ser mais expressivo, há a duplicação, criando o *chunk logo logo*, que, além da forma, tem a função expandida de proximidade temporal para maior proximidade temporal.

Vejamos, a seguir, as três representações deste padrão micronstrucional.

Figura 29 – Exemplo 1 de ocorrência da microconstrução 9

Gente ela tá chorando pq ela vai embora do acampamento mas tipo, eles vão se ver logo logo KKKKKKKKK

[Translate post](#)

12:51 PM · Nov 10, 2019

14

8

804

1

Fonte: X – antigo *Twitter* (2019)

O *post* acima, representado pela figura 28, evidencia um comentário acerca de um filme ou uma novela em que o locutor expressa sua opinião em relação ao conteúdo do episódio em questão.

Sua forma é evidenciada por uma porção do discurso antecedente, representada pela oração *eles vão se ver*. Nesse caso, não há porção do discurso precedente. A construção seguida por *eles vão se ver* é caracterizada pelo *chunk logo logo*, ou seja, uma estrutura já consolidada no português brasileiro e muito utilizada na oralidade e em contextos midiáticos.

Sua função é manifestada a partir do uso de *logo logo*. Ao analisarmos o co-texto, podemos perceber que ele indica que a ação de eles se encontrarem irá acontecer muito em breve, não havendo necessidade, portanto, de drama, nem choro por parte da personagem do longa-metragem. Como pudemos observar no Capítulo I deste trabalho, o falante sempre busca ser mais expressivo. Na tentativa de dizer que a ação ocorrerá em um futuro muito próximo, teria havido, portanto, a duplicação de *logo*, indicando uma maior proximidade temporal.

Figura 30 – Exemplo 2 de ocorrência da microconstrução 9

E fiquem de olho nas minhas redes sociais, que vai ter mais novidade
logo logo. #FalaSerioMaeBH

[Translate post](#)

6:12 PM · Dec 4, 2017

Fonte: X – antigo *Twitter* (2017)

Na segunda ocorrência, podemos depreender que o locutor está anunciando alguma novidade em suas redes sociais em relação ao horário em que a mensagem foi postada, convidando os seus seguidores para acompanharem e verem qual novidade é essa.

Podemos observar que sua forma é muito similar à que foi analisada anteriormente, uma vez que há a porção do discurso antecedendo, que é ensejada por *que vai ter mais novidade*. Na sequência, temos a construção *logo logo*, não sendo, nesse caso, precedida por nenhuma porção do discurso.

No que tange à função, podemos depreender que o locutor busca ser mais expressivo, pois há maior presença da intersubjetividade, afinal, ao dizermos que *logo terá mais novidades* e *logo logo terá mais novidades*, estamos sendo mais expressivos a partir da segunda construção, porque queremos indicar uma maior proximidade temporal.

Figura 31 – Exemplo 3 de ocorrência da microconstrução 9

Gente, quanta mensagem fofa q eu recebi kkkkk, logo logo (quando chegar no hotel) eu conto tudo sobre meu voo aqui e nos stories ok?? Eu fiquei muito 🤗🤗🤗 com esse avião de 2 andares, até descí a escada pra conhecer tudo e tirei foto com o chapéu das comissárias da emirates

[Translate post](#)

4:05 PM · Dec 14, 2019

Fonte: X – antigo *Twitter* (2019)

Na última ocorrência representativa da microconstrução 9, temos o locutor demonstrando afeto a respeito da viagem que ele fez, expressando surpresa e alegria pelas experiências obtidas.

Em relação à forma, não há a porção do discurso antecedente. Após, temos *logo logo* e a porção do discurso posterior à construção, expressa por *(quando chegar no hotel) eu conto tudo sobre meu voo aqui e nos stories ok??*. No que tange a sua função, *logo logo* evidencia a ação de, *assim que chegar ao hotel*, contar tudo sobre a viagem. Nesse caso, o locutor teria usado os parênteses para mostrar a proximidade temporal entre a ação de chegar ao hotel e a ação de contar tudo sobre a viagem. Portanto, *logo logo* evidencia uma repetição enfática com ideia de brevidade.

4.1.10 Padrão microconstrucional de proximidade temporal envolvendo um descomprometimento do falante

O décimo padrão microconstrucional identificado é o de proximidade temporal que envolve um descomprometimento do falante. Esse padrão indica que a ação ocorrerá em breve, mas o falante não se compromete com a exatidão do momento exato em que ela acontecerá, refletindo um grau menor de precisão quanto ao tempo e realização da ação por parte do usuário da língua. Para este padrão, foram encontradas 12 ocorrências, representando 7,19% do *corpus* analisado.

Abaixo, temos a descrição da forma e da função deste padrão.

Quadro 13 – Descrição do pareamento forma-função da microconstrução proximidade temporal envolvendo um descomprometimento do falante

Microconstrução 10 - Proximidade temporal envolvendo um descomprometimento do falante	
Forma	[(porção do discurso) + (V) + LOGO MAIS + (V) + (porção do discurso)] V*: verbo no futuro ou no presente com projeção de futuridade
Função	Indicar proximidade temporal, envolvendo um descomprometimento do falante

Fonte: elaborado pela autora (2025)

Como podemos observar no quadro acima, a forma é expressa por [(porção do discurso) + (V) + LOGO MAIS + (V) + (porção do discurso)], em que V é um verbo no futuro ou no presente com projeção de futuridade. Dessa forma, há a porção do discurso que pode ser precedida ou sucedida por um verbo no futuro ou no presente com projeção de futuridade. Após, ocupando a posição central, temos a presença do *chunk logo mais*.

A função indica uma proximidade temporal entre o momento da enunciação em direção ao futuro, mas, nesse caso, o falante se descompromete em relação à certeza da realização daquela ação ou do evento, expressando, de forma generalizada, essa possibilidade. Castilho e Castilho (2002) analisaram os advérbios modalizadores a partir das expectativas do locutor acerca da proposição e, para além das categorias já expressas por eles, ainda existem subcategorias, como a modalização epistêmica quase-asseverativa.

Para Adelino e Nascimento (2018), os modalizadores quase-asseverativos consistem na apresentação do conteúdo da proposição como uma crença, isto é, uma hipótese passível de confirmação, algo que se aproxima da noção de “verdade”, mas que opera pragmaticamente como uma estratégia que permite ao enunciador transmitir uma informação ao interlocutor sem assumir pleno compromisso em relação ao que é dito.

Além disso, é importante mencionar a noção aspectual de futuridade envolvendo *irrealis* para a análise deste padrão, que frequentemente associada à expressão de situações não realizadas, hipotéticas ou futuras, a qual tem sido relacionada tanto ao modo verbal quanto à modalidade. Givón (1984, 1995) propõe que o *irrealis* se caracteriza por futuridade e incerteza epistêmica, marcando enunciados com baixa certeza e projeção para o futuro. Essas abordagens mostram que o *irrealis* é uma categoria mais ampla do que o subjuntivo, com função discursiva e pragmática.

Dessa forma, para ilustrar essa característica acerca do descomprometimento a partir das crenças e hipóteses levantadas pelos falantes, para expressar futuro, a partir da construção *logo mais*, analisamos abaixo três ocorrências representativas deste padrão.

Figura 32 – Exemplo 1 de ocorrência da microconstrução 10



Fonte: X – antigo *Twitter* (2018)

Na ocorrência acima, o locutor divulga o avatar da atriz Larissa Manoela, a LARIBABY, configurando uma apresentação exclusiva da arte que, em breve – à data da publicação –, seria compartilhada com os seguidores da atriz.

A forma consiste em [(porção do discurso) + (V) + LOGO MAIS + (V) + (porção do discurso)]. Nesse caso, há o *chunk logo mais* iniciando a sentença, seguida da porção do discurso representada por *pra vocês a bebezinha mais linda...LARIBABY*.

Sua função é indicar que o avatar da LARIBABY seria lançado em breve, a partir do momento da publicação do *post*. No entanto, não há menção a um horário exato para isso. A expressão evidenciada pelos elementos verbais, na arte do anúncio *em breve*, sugere proximidade temporal sem indicar, com precisão, a data do lançamento, mantendo os espectadores na expectativa. A partir dessa

imprecisão, podemos observar a projeção de futuridade *irrealis*, já que o locutor expressa baixa certeza quanto à realização do enunciado.

Figura 33 – Exemplo 2 de ocorrência da microconstrução 10



Fonte: X – antigo *Twitter* (2018)

No segundo exemplo desse padrão, o usuário informa a seus seguidores que, em breve, haverá novidades relacionadas às marcas com as quais realiza trabalhos publicitários.

A forma é composta por [(porção do discurso) + (V) + LOGO MAIS + (V) + (porção do discurso)], em que não há a primeira porção do discurso, ocorrendo, dessa forma, o *chunk logo mais* no início da sentença. Em sequência, temos verbo *tem*, no presente, com projeção de futuridade, sendo seguido pela porção do discurso encabeçada por *novidades em Studio Pier 88*.

A função é evidenciar a brevidade da ação, sem a indicação de datas exatas ou combinados previamente acordados entre o locutor e os seus seguidores, afinal, o falante pretende informar que, em um futuro próximo, haverá novidades sobre seus trabalhos, indicando que a ação ocorrerá, embora sem precisão quanto ao momento exato.

Exemplo 3 de ocorrência da microconstrução 10

*fiquem de olho nas redes sociais que logo mais teremos mais novidades!!*¹⁵

¹⁵ Como exposto no capítulo 3, alguns dados não foram possíveis de recuperar na plataforma X, pois os usuários podem desativar ou excluir suas contas ou, até mesmo, a própria postagem, o que dificulta encontrá-la depois, após anos. Além disso, o dado escrito também não é possível de recuperar a data de publicação do *post*.

Fonte: X – antigo *Twitter*

Como podemos observar, no exemplo acima, o locutor alerta seus seguidores para que fiquem atentos às suas redes sociais, nas quais serão divulgadas as novidades que estão por vir.

A forma é composta por [(porção do discurso) + LOGO MAIS + (V) + (porção do discurso)], em que a porção do discurso inicial é encabeçada por *fiquem de olho nas redes sociais que*. Em seguida, temos a presença do *chunk logo mais*, seguido pelo verbo *teremos* no futuro, com projeção de futuridade, sendo sucedido pela segunda porção do discurso representada por *mais novidades*.

A função é indicar que as novidades serão reveladas em um futuro próximo, justificando o convite aos seguidores para que acompanhem o perfil e não percam as atualizações, que podem ser divulgadas a qualquer momento. Novamente, temos o ponto em que o falante não estabelece precisamente quando as novidades serão compartilhadas, já que ele apenas limitou-se a dizer que elas serão divulgadas em breve, o que reforça a natureza do descomprometimento do falante em relação ao tempo exato expresso no enunciado.

É importante mencionar que os padrões 8, 9 e 10 possuem uma relação de metonimização entre eles, já que a metonimização é um processo de extensão semântica no qual um elemento linguístico passa a representar outro com o qual mantém uma relação contígua ou de proximidade, seja espacial, temporal ou causal, que nesse caso, é temporal. No caso dos três últimos padrões analisados, essa contiguidade se manifesta como proximidade temporal, podendo indicar maior proximidade temporal em relação a um evento ou, em certos contextos, uma proximidade temporal associada a um descomprometimento do falante, isto é, quando o elemento sugere que o evento ocorre sem um vínculo direto ou imediato com ele. Diferente da metáfora, que opera por analogia entre domínios distintos, a metonimização ocorre dentro de um mesmo domínio, permitindo que o falante expresse significados adicionais e nuances de atitude em relação à proposição. Assim, a metonimização contribui para a (inter)subjetivização, ampliando a expressividade e a carga interpessoal das construções linguísticas.

4.1.11 Padrão microconstrucional de conclusão

O décimo primeiro padrão encontrado foi o conclusivo, representando o uso mais comum abordado pelos compêndios da gramática tradicional e configurando, portanto, o uso mais popular de *logo* – popular quando expresso, por exemplo, em frases célebres, como "Penso, logo existo", atribuída ao filósofo René Descartes. Nesse sentido, ele tem por função conectar duas orações, sinalizando uma relação de conclusão, a qual exploraremos a seguir. Foram atestadas 4 ocorrências contabilizando 2,79% do *corpus*. Abaixo, temos a descrição do décimo primeiro padrão.

Quadro 14 – Descrição do pareamento forma-função da microconstrução conclusivo

Microconstrução 11 - Conclusão	
Forma	[oração 1 + LOGO + oração 2]
Função	Conectar duas orações sinalizando uma relação de conclusão

Fonte: elaborado pela autora (2025)

De acordo com o quadro acima, podemos depreender sua forma a partir da notação [oração 1 + LOGO + oração 2], em que temos duas orações conectadas por *logo*. A função, como mencionado anteriormente, é a de, através dessa conexão entre duas orações ligadas por *logo*, sinalizar uma relação de conclusão seja de pensamento, uma ideia ou ação.

Em primeira análise, é importante conceituarmos a noção de conclusão abordada nesse padrão. A conclusão, no âmbito das relações lógico-semânticas, deve ser compreendida não como uma consequência natural e automática entre proposições – relação de causa e efeito –, mas como o resultado de uma operação inferencial realizada pelo interlocutor. Segundo Koch e Travaglia (2001), a coerência textual não depende apenas das marcas linguísticas presentes na superfície do texto, mas também das inferências que o leitor ou ouvinte é capaz de realizar a partir do que é enunciado e de seu conhecimento de mundo.

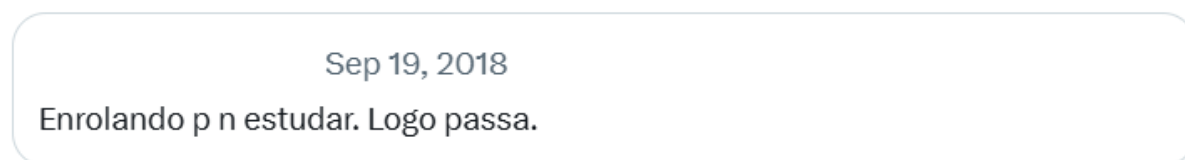
Nesse sentido, a conclusão não se impõe de forma objetiva ou linear: ela emerge da interpretação ativa do sujeito, que estabelece uma relação de sentido com base nas pistas textuais e nos contextos situacional e cognitivo. Assim, mesmo quando há uso de marcadores como *portanto*, *logo* ou *por isso*, é a inferência — e não a mera sequência de enunciados — que possibilita a construção do valor conclusivo. Essa abordagem destaca que a relação de conclusão é uma construção pragmática, e não apenas uma estrutura sintática, exigindo a participação ativa do interpretante na articulação do sentido textual.

Bechara (2019, p. 348) define *logo* como uma unidade adverbial, e não uma conjunção coordenativa conclusiva, como geralmente é definido. Isso porque o autor argumenta que, devido a uma proximidade semântica na tradição gramatical, há a inclusão de certos advérbios que estabelecem relações interacionais ou intertextuais. Afinal, na tradição gramatical, *logo* – e outros elementos classificados como adverbiais – é identificado como conjunção coordenativa conclusiva. No entanto, para o autor, *logo* e outros elementos de equivalência semântica “marcam relações textuais e não desempenham o papel conector das conjunções coordenativas, sem todavia influírem na ordenação das orações” (Bechara, 2019, p. 348).

O posicionamento do autor só demonstra a complexidade e a versatilidade que *logo* pode assumir do ponto de vista linguístico. Portanto, assumir a abordagem da LFCU pode nos ajudar a compreender melhor seu funcionamento, tendo em vista a sua forma e sua função. Nesse sentido, Bechara (2019) assume que *logo* é um advérbio que se comporta como conjunção coordenativa conclusiva, podendo ter funções diversas.

A seguir, apresentamos as três ocorrências representativas deste padrão.

Figura 34 – Exemplo 1 de ocorrência da microconstrução 11



5:54 PM · Sep 19, 2018

Fonte: X – antigo *Twitter* (2018)

Na primeira ocorrência, o interlocutor expressa um estado de procrastinação em relação aos estudos, afirmando que está enrolando para estudar, mas indicando que isso logo passaria.

Sua forma é expressa por [oração 1 + *logo* + oração 2], em que temos a oração 1 *Enrolando p n estudar*. Após, há a presença de *logo* e, depois, temos a oração 2, encabeçada por *Logo passa*.

Nesse contexto, a função de *logo* é conectar essas duas orações, estabelecendo entre elas uma relação de conclusão.

Exemplo 2 de ocorrência da microconstrução 11

sou gente, logo> [SOU] difícil também. no final todo mundo é complicado e é isso.

Fonte: X – antigo *Twitter*¹⁶

Na segunda ocorrência representativa desse padrão, temos o locutor expressando uma ideia quase que existencial acerca do comportamento humano, alegando que o fato de sermos humanos nos faz sermos complicados também e externando, portanto, uma generalização.

¹⁶ Não foi possível recuperar a captura deste *tweet* nem o ano de sua postagem.

A forma é composta por [oração 1 + LOGO + oração 2], em que a oração 1 é preenchida por *sou gente*. Após, temos *logo* sendo seguido pela oração 2, *sou difícil também*.

A função é a de expressar uma conclusão acerca de uma proposição ou generalização acerca da complicação humana e de seus anseios e peculiaridades. Nesse sentido, temos *logo* funcionando como marcador de conclusão entre duas orações. Além disso, o locutor parte da inferência de que ser humano implica, de forma generalizada, ser difícil. No entanto, essa não é uma característica inerente à condição humana, mas sim uma conclusão construída a partir do ponto de vista pragmático do locutor.

Figura 35 – Exemplo 3 de ocorrência da microconstrução 11

Terceiro e eu 0 preocupada com vestibular e viagem de formatura, logo, parece um ano qualquer.

[Translate post](#)

1:13 AM · Feb 4, 2019

Fonte: X – antigo *Twitter* (2019)

A última ocorrência representativa deste padrão conclusivo apresenta uma locutora expressando suas ideias acerca do final do Ensino Médio, destacando o ingresso na faculdade e na vida acadêmica. Para ela, estar no terceiro ano e não estar preocupada com vestibular e com viagem de formatura lhe faz parecer estar vivendo um ano qualquer, sem tais preocupações.

A forma é evidenciada por [oração 1 + LOGO + oração 2], em que temos a oração 1, preenchida por *Terceiro e eu 0 preocupada com vestibular e viagem de formatura*, sendo seguida por *logo*. Na sequência, temos a oração 2, que é *parece um ano qualquer*.

A função estabelece uma relação de conclusão de uma ideia ou pensamento – que é a de um ano parecer como outro qualquer –, pois não há a preocupação com afazeres de quem está nessa etapa da vida – encerramento do Ensino Médio

para ingresso na faculdade –, o que seria de se esperar de uma jovem nessa idade. Mas, por não estar acontecendo com ela, o ano lhe parece comum. Portanto, há uma relação de conclusão entre as duas ideias.

4.1.12 Padrão microconstrucional de contraexpectativa

O último padrão identificado no *corpus* foi o de contraexpectativa, em que há a quebra de uma expectativa almejada pelo falante. Para este padrão, identificamos 12 ocorrências, o que representa 4,58% de todo o *corpus*. Este padrão tem se tornado muito comum nos últimos anos, sendo sempre referenciado em tom humorístico ou de meme para quebrar uma expectativa criada pelas pessoas acerca de uma pessoa ou dela com ela mesma.

Abaixo, apresentamos o quadro descritivo deste padrão construcional.

Quadro 15 – Descrição do pareamento forma-função da microconstrução contraexpectativa

Microconstrução 12 - Contraexpectativa	
Forma	[LOGO (PRO) + porção do discurso]
Função	Indicar uma quebra de expectativa

Fonte: elaborado pela autora (2025).

De acordo com o quadro acima, podemos depreender que a forma deste padrão é formada por [LOGO (PRO) + porção do discurso], em que temos *logo* iniciando a sentença e sendo seguido por uma porção do discurso. A função é a de indicar uma quebra de expectativa gerada pela construção por meio de uso de *logo*, que vai contra o que é esperado de acordo com a postura, a personalidade ou as ações de uma pessoa.

Segundo Dias, Araújo e Pacheco (2020), esse tipo de construção possui um valor semântico temporal associado ao significado lexical de origem, passando para um valor semântico de contraste e indicando que o segundo segmento expressa uma relação de desigualdade em comparação com a informação anterior. Portanto,

para os autores, a construção *logo eu/tu* pode ser empregada para estabelecer contraste entre situações que, em um primeiro momento, comparam eventos distintos — inclusive por meio da negação — e, em um segundo plano, projetam um evento como possibilidade futura, embora essa realização não se concretize.

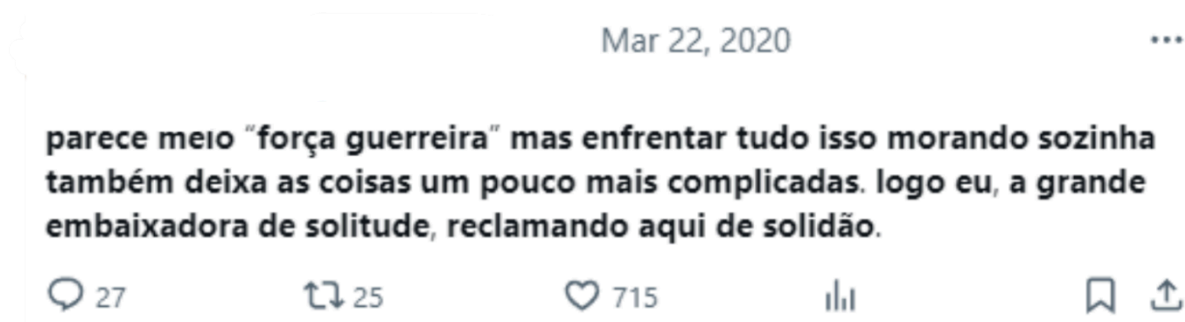
De acordo com White (2003), os falantes se posicionam avaliativamente em relação ao conteúdo da proposição e também sobre como tentam alinhar o leitor/ouvinte em relação à determinada posição ou atitude. Um ponto central nos estudos de White (2003) é a ideia de que o uso da língua envolve avaliar, assumir posicionamentos e negociar valores sociais e ideológicos com o interlocutor. Quando vemos construções como esta que abordamos nesta subseção, cuja forma é [LOGO + (PRO) + porção do discurso], indicando uma quebra de expectativa, o falante não apenas relata um estado emocional, mas se posiciona diante dele com surpresa, ironia ou até incredulidade — aspectos que contribuem para construir uma relação específica com o interlocutor.

No sistema de engajamento, de acordo com White (2003), esse tipo de construção representa um movimento dialógico que antecipa uma possível reação do interlocutor, ao mesmo tempo em que a controla: ao locutor, ao enunciar LOGO + (PRO) – *logo eu*, por exemplo –, marca a sua própria voz e expectativa, convidando o outro a compartilhar esse espanto ou essa quebra de padrão. Há, portanto, um posicionamento subjetivo e avaliativo, construído por meio de recursos linguísticos que carregam julgamentos e atitudes implícitas.

Além disso, no que tange à atitude do falante, pode-se dizer que essa construção expressa um julgamento de capacidade ou normalidade ("eu normalmente não sou assim") e também uma emoção, pois revela um estado de contraste com a autoimagem construída, a qual não é esperada. Assim, *logo* assume aqui uma função discursiva de ênfase avaliativa e envolvimento interpessoal.

Apresentamos, a seguir, as três ocorrências representativas deste padrão.

Figura 36 - Exemplo 1 de ocorrência da microconstrução 12



Fonte: X – antigo *Twitter* (2020)

Na primeira ocorrência representativa do décimo segundo padrão, temos a locutora compartilhando com seus seguidores, em forma de desabafo, um pouco sobre seus sentimentos em relação à solidão. Ela mostra que, apesar de ser considerada forte, independente e guerreira, às vezes, a solidão pode ser uma questão em sua vida.

A forma é expressa por [LOGO + (PRO) + porção do discurso], em que há *logo* no início da oração, seguido do pronome pessoal *eu*. Após, há a porção do discurso *a grande embaixadora de solitude, reclamando aqui de solidão*.

A função é a de contrastar duas ideias com uma quebra de expectativa da segunda ideia em relação à primeira estabelecida: a locutora reclamando da solidão, *logo* ela que é embaixadora da solitude. Isso quer dizer que ela se contradiz ao reclamar de estar sozinha, já que ela está sempre falando da importância de se levar uma vida dando lugar à solidão. Portanto, há uma contraexpectativa gerada a partir do que se espera inicialmente da locutora.

Figura 37 - Exemplo 2 de ocorrência da microconstrução 12

Logo ela ne,tão politizada, empoderada dona de si os cliques cheios de críticas ! Pra vc que não conhecemos ninguém mesmo!

[Translate post](#)

2:33 AM · Dec 5, 2017

Fonte: X – antigo *Twitter* (2017)

Na segunda ocorrência representativa deste padrão, temos o locutor demonstrando uma surpresa em relação a alguma artista, gerando uma decepção por algum comportamento que não era esperado da parte dela, já que o que era mostrado aos fãs era uma conotação diferente da ação que foi exibida a eles.

A forma é evidenciada por [LOGO + (PRO) + porção do discurso], em que há *logo* no início da sentença, sendo seguido pelo pronome pessoal *ela*, seguido, por sua vez, pela porção do discurso encabeçada por *né, tão politizada, empoderada, dona de si os clipes cheios de críticas!*

A função é gerar um contraste entre duas atitudes da artista, as quais seriam incoerentes de acordo com o locutor, gerando, portanto, uma quebra de expectativa entre o que se esperava dela e o que foi efetivamente entregue, o que resultou em críticas por parte do público.

Figura 38 - Exemplo 3 de ocorrência da microconstrução 12



Fonte: X – antigo *Twitter* (2018)

Na última ocorrência, temos a locutora respondendo a um seguidor por meio de uma postagem que dizia que sua maquiagem estava impecável em um momento específico. Após ser elogiada por tal habilidade, a locutora demonstra surpresa por isso, já que, de acordo com ela, sempre se encontrava com a maquiagem borrada em seus vídeos.

Sua forma consiste em [LOGO + (PRO) + porção do discurso], em que há *logo* no início da sentença, sendo seguido pelo pronome pessoal *eu*, que também é seguido pela porção do discurso *que sempre tava com a make borrada nos vídeos HAHAHA*.

A função também é a de contrastar duas ações opostas por parte da locutora: o fato de ter sido elogiada por sua maquiagem e o fato de ela considerar que nunca estava adequada o suficiente, alegando que estava sempre borrada. Novamente, temos a contraexpectativa gerada pela percepção do locutor sobre si e a imagem que seu seguidor tem dela, o que gera uma quebra de expectativa por parte da locutora, por considerar sua habilidade com as maquiagens de maneira diferente.

4.2 Conclusões do capítulo

O objetivo deste capítulo foi analisar os padrões microconstrucionais com *logo*, a partir do *corpus* escrito constituído por dados da rede social *X* – antigo *Twitter* – compilado por Martins (2021), à luz dos pressupostos da Linguística Funcional Centrada no Uso (Furtado da Cunha et al., 2013; Rosário; Oliveira, 2016; Bispo; Silva, 2016) e, mais especificamente, a partir da abordagem construcional da mudança (Traugott; Trousdale, 2013).

Nesse sentido, a análise qualitativa, aliada ao levantamento da frequência das ocorrências, permitiu verificar que a hipótese inicial se sustenta: a partir da análise realizada, conclui-se que as construções com *logo* no *corpus* refletem seu uso real e surgem de processos de expansão semântico-pragmática mediados pelo aumento de escopo. Observa-se que *logo* passa de significados mais espaciais, a sentidos mais discursivos. Esse processo evidencia como os falantes utilizam a língua não apenas para indicar tempo ou sequência, mas também para expressar atitudes e posicionamentos, mostrando que a construção evolui ao longo de um *continuum* de intersubjetividade que integra forma, significado e interação social. Assim, os resultados confirmam a hipótese inicial e demonstram a relevância do contexto e da experiência do falante para a emergência de novos padrões construcionais no português brasileiro.

Abaixo, apresentamos uma tabela que mostra, de forma detalhada, a frequência de cada um dos padrões microconstrucionais identificados e analisados.

Tabela 1 – Descrição das porcentagens dos padrões com *logo* no *corpus* analisado

Padrões microconstrucionais com <i>logo</i>	<i>Corpus</i> escrito	
	Nº de ocorrências	%
Proximidade Espacial	2	1,20
Demarcação de Ponto Inicial Temporal	4	2,20
Delimitação Temporal	16	9,58
Indicação de Tempo Imediato	38	22,75
Integralidade Temporal	9	5,39
Encadeamento Temporal	4	2,40
Sucessão Temporal	10	5,99
Proximidade temporal	49	29,34
Maior Proximidade Temporal	11	6,59
Proximidade Temporal Envolvendo um Descomprometimento do Falante	12	7,19
Conclusão	5	2,79
Contraexpectativa	8	4,58
Total	167	100

Fonte: elaborado pela autora (2025).

De acordo com a tabela acima, identificamos e mapeamos 12 padrões microconstrucionais com *logo* no *corpus* compilado da plataforma X – antigo *Twitter* (Martins, 2021). Nesse sentido, como mencionado anteriormente, podemos observar a gradação de funções mais ligadas ao espaço, que passa pelo tempo e caminha em direção ao texto e, conseqüentemente, ao discurso, delineando um processo de expansão semântico-pragmático, que percorre: espaço → tempo → texto → discurso.

O primeiro padrão microconstrucional identificado foi o de proximidade espacial, apresentando 2 ocorrências totais, representando 1,20% de todo o *corpus*. Buscamos demonstrar que esse padrão tem por função indicar uma proximidade espacial seja no mundo físico, seja no âmbito discursivo ou textual. Sua característica é a de, por meio de um advérbio de lugar ou de uma locução adverbial de lugar, demonstrar tal espacialidade. No que tange à espacialidade, esse foi o único padrão mapeado, o que indica sua baixa frequência de uso.

No âmbito da temporalidade, identificamos 9 padrões que possuem tal função, totalizando, juntos 91,43% de todo o *corpus*, o que indica alta frequência e produtividade de *logo* como atuante no quesito temporal. O primeiro deles, o segundo padrão, foi o de ponto inicial temporal, que indica o ponto inicial de um evento em relação ao tempo, configurando um aspecto incoativo. Esse padrão corresponde a 2,20% de todo o *corpus*, tendo também 4 ocorrências identificadas. Também no âmbito da temporalidade, temos o terceiro padrão, que é o de delimitação temporal, que instancia um evento em relação a outro, correspondendo a 9,58% de todo o *corpus*, com 16 ocorrências identificadas.

O quarto padrão mapeado foi o de indicação de tempo imediato, que, ao atuar como advérbio, modifica o verbo, revelando o desejo do falante de que algo se realize em um curto espaço de tempo. Esse padrão representa 22,75% do *corpus*, com 38 ocorrências, sendo altamente produtivo. O quinto padrão é o de integralidade temporal, havendo uma ideia de completude de uma ação, ideia ou evento, representando 5,39% do *corpus*, com 9 ocorrências.

Ainda no âmbito temporal, o sexto padrão é o de encadeamento temporal, o qual indica encadeamento quase que simultâneo e concomitante entre duas orações, dois eventos, representando 2,4% do *corpus*, com 4 ocorrências. O sétimo

padrão é o de sucessão temporal, que expressa uma sucessão temporal entre dois eventos no tempo e representando 5,99% dos dados encontrados, com 10 ocorrências identificadas.

Na sequência, temos o oitavo padrão que é o de proximidade temporal, que tem por função indicar temporalmente a proximidade entre dois eventos. Esse padrão foi o mais produtivo, com 49 ocorrências, representando 29,34% do *corpus* analisado, o que pode indicar um uso mais frequente de *logo* pelos falantes. O nono padrão é o de maior proximidade temporal, representado pelo *chunk logo logo*, sendo mais intersubjetivo que o anterior e indicando maior expressividade pelos falantes por meio de analogizações – analogia com base em modelos já existentes, como por exemplo, *logo* com indicação de proximidade temporal – e neoanálises – surgimento de *logo logo* como indicação de maior proximidade temporal. Nesse caso, foram atestadas 11 ocorrências, representando 6,59% do *corpus*.

O último padrão de cunho temporal analisado, o décimo, é o de proximidade temporal envolvendo um descomprometimento do falante, sendo esse padrão mais intersubjetivo que os dois anteriores, afinal, nesse caso, temos a noção de *irrealis* aplicada a uma projeção de futuridade, em que o falante não afirma com exatidão a realização da ação, o que, mais uma vez, corrobora a hipótese de que as construções com *logo* se organizam em um *continuum* de intersubjetividade. Para esse padrão, foram atestadas 12 ocorrências, representando 7,19% do *corpus*.

Dessa forma, no *continuum* de intersubjetividade, finalizamos os padrões em que *logo* possui função mais temporal, passando para funções textuais e discursivas. Nesse contexto, analisamos o padrão com sentido de conclusão, em que *logo* é responsável por conectar duas orações a partir da sinalização de uma relação de conclusão. Esse padrão representa 2,79% do *corpus*, com 5 ocorrências. Por fim, tivemos o décimo segundo e último padrão identificado, o qual expressa um sentido de contraexpectativa, indicando uma quebra de expectativa por parte do locutor. Esse padrão representa 4,58% do *corpus*, com 8 ocorrências identificadas.

Portanto, a partir da análise realizada neste capítulo, podemos concluir que, no *corpus* analisado, observamos tanto os padrões com menor grau de intersubjetividade quanto aqueles que são mais intersubjetivos. Supõe-se que esse *continuum* esteja relacionado à ampliação do uso de *logo* em contextos

progressivamente mais intersubjetivos, já que tais padrões ocorrem com frequência em discursos de natureza mais informal e coloquial. Considerando que os dados foram extraídos de uma plataforma de textos escritos com limitação de caracteres — 280 para usuários não *premium* —, é possível que essa restrição incentive o uso de *logo* como elemento temporal. Assim, os resultados observados podem refletir uma tendência específica da linguagem empregada nesse espaço virtual e talvez não se repitam em contextos mais formais ou menos restritos em termos de espaço textual.

Abaixo, apresentamos os 12 padrões distribuídos em um *continuum* de intersubjetividade.

Quadro 16 - Proposta de *continuum* de intersubjetividade dos padrões de *logo*

Padrões microconstrucionais com <i>logo</i>	Clines
Proximidade Espacial	Espaço
Demarcação de Ponto Inicial Temporal	Tempo
Delimitação Temporal	Tempo
Indicação de Tempo Imediato	Tempo
Integralidade Temporal	Tempo
Encadeamento Temporal	Tempo
Sucessão Temporal	Tempo
Proximidade temporal	Tempo
Maior Proximidade Temporal	Tempo
Proximidade Temporal Envolvendo um Descomprometimento do Falante	Tempo
Conclusão	Texto
Contraexpectativa	Discurso

Fonte: elaborado pela autora (2025)

A partir do quadro acima, é possível visualizar o *continuum* de intersubjetividade de *logo* proposto neste trabalho. Observa-se uma predominância de padrões temporais, o que pode ser explicado pelo *corpus* analisado, extraído de uma rede social em que os usuários precisam respeitar um limite de caracteres; dessa forma, o uso de *logo* com valor temporal se manifesta com maior frequência.

Por outro lado, os usos mais espaciais, textuais e discursivos aparecem de forma menos produtiva no *corpus*, possivelmente em função da informalidade característica da plataforma, mas poderiam se mostrar mais frequentes em outros *corpora* ou contextos comunicativos.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, nosso objetivo foi observar, descrever, analisar e apresentar os padrões microconstrucionais com *logo* no português brasileiro à luz da Linguística Funcional Centrada no Uso. Dessa forma, nossos objetivos específicos foram: (i) identificar os padrões microconstrucionais com *logo* no *corpus* compilado por Martins (2021); (ii) descrever a forma e a função de cada padrão identificado, evidenciando suas características formais e funcionais em um *continuum* de intersubjetividade.

Com o intuito de alcançar os objetivos delineados nesta pesquisa, partimos da hipótese de que as construções com *logo* refletem seu uso real e se distribuem ao longo de um *continuum* de intersubjetividade. Esse processo estaria vinculado a uma expansão semântico-pragmática motivada por um aumento de escopo, em que sentidos mais concretos e menos intersubjetivos passam a sentidos mais abstratos e intersubjetivos, conforme proposto por Traugott e Dasher (2005). Assim, *logo* tenderia a transitar de usos adverbiais para funções mais integradas ao texto e ao discurso, seguindo a direcionalidade espaço → tempo → texto → discurso.

As análises realizadas, ao longo do trabalho, permitiram confirmar essas hipóteses, conforme detalhado no capítulo anterior, reforçando a ideia de que o uso de *logo*, na rede social *X* – antigo *Twitter* – reflete dinâmicas de mudança linguística impulsionadas pelo uso cotidiano e intersubjetivo da língua.

Para a realização da análise, baseamo-nos no *corpus* sincrônico escrito compilado e organizado por Martins (2021), em que há a reunião de publicações feitas por usuários na rede social *X* – antigo *Twitter* –, abrangendo os anos de 2017, 2018, 2019 e 2020 e totalizando 1.677.627 palavras. Após, utilizamo-nos do *software Antconc*, amplamente utilizado em pesquisas linguísticas para a investigação de padrões léxico-gramaticais em grandes volumes de dados textuais, como é o nosso caso, uma vez que o *corpus* analisado é robusto. Em sequência, organizamos os padrões por similaridade de forma e de função e construímos a descrição de cada padrão identificado.

Com base nas análises realizadas, observamos que as microconstruções com *logo* distribuem-se ao longo de um *continuum* de intersubjetividade, que vai desde

usos com menor grau de intersubjetividade até empregos mais intersubjetivos e abstratos, como, por exemplo, o padrão construcional de *proximidade espacial*, que, como vimos, é um dos usos mais fundamentais catalogados de *logo*, em que seu sentido vem do latim *locus*, espaço ou lugar em português, que pode ser físico ou não, envolvendo também um sentido menos abstrato. Já o padrão de *contraexpectativa*, por exemplo, indica uma quebra de expectativa por parte do locutor sobre si e sobre os outros, tendo pouco a ver com o padrão *proximidade temporal* e sendo, por sua vez, mais intersubjetivo e mais abstrato. Nesse sentido, construções que envolvem sentidos mais espaciais e temporais seriam menos intersubjetivas, ao passo que construções que indicam conclusão e *contraexpectativa*, por exemplo, seriam mais intersubjetivas.

Além disso, a partir da análise realizada, ressaltamos que a produtividade de *logo* se mostra significativa, confirmando a hipótese inicial deste trabalho. Afinal, podemos verificar que, no *corpus* escrito utilizado neste trabalho, identificamos 167 ocorrências em um total de 12 microconstruções, o que quer dizer que foram 12 *types* e 167 *tokens*. Como trabalhamos apenas com o *corpus* escrito, não temos outros métodos de comparação, mas expressamos aqui nossa sugestão para pesquisas futuras a partir da utilização também de *corpora* orais para atestar a produtividade e a frequência de *logo* em outros ambientes discursivos.

Diante dessas conclusões e de outras que foram sendo delineadas ao longo do desenvolvimento deste estudo, consideramos que esta pesquisa oferece contribuições significativas para investigações futuras sobre construções com *logo*, principalmente no que tange à investigação em outros ambientes discursivos, como a oralidade ou a demarcação de um contraste com *logo* em outras línguas em que os elementos possuem funções similares e, de forma mais ampla, para os estudos voltados à construcionalização gramatical. Cabe destacar, portanto, que a análise aqui desenvolvida apresenta limitações, restando ainda diversos aspectos a serem explorados no tocante às construções envolvendo *logo*.

De modo particular, no que se refere às possibilidades de investigações decorrentes deste estudo, consideramos pertinentes algumas questões, tais como: (i) expansão do *corpus* escrito para que haja um olhar mais holístico e pormenorizado de *logo*, utilizando-se de mais perfis da mesma rede social, de anos mais recentes; (ii) uso de *corpus* oral para que se obtenha uma noção mais abrangente de construções com *logo* na língua falada, tendo, portanto, uso de

corpora mais robustos; (iii) utilização de programas e/ou recursos que permitam a análise da prosódia nos dados da modalidade oral, a fim de aprimorar e detalhar as análises realizadas; (iv) contraste de *logo* com elementos de outras línguas cujas funções sejam similares para que haja um contraste entre ambos; (v) estudos e investigações diacrônicas – visto que, nossa perspectiva foi sincrônica – de *logo*; (vi) ampliação e estabelecimento dos outros níveis esquemáticos propostos por Traugott e Trousdale (2013) – esquema e subesquema – com o objetivo de propor uma rede construcional para as construções com *logo*.

REFERÊNCIAS

- ADELINO, F. J. da S.; NASCIMENTO, E. P. O funcionamento semântico-argumentativo da modalização epistêmica quase-asseverativa. *Revista do GELNE*, [S. l.], v. 20, n. 2, p. 98–110, 2019. DOI: 10.21680/1517-7874.2018v20n2ID14191. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/14191>. Acesso em: 28 mai. 2025.
- ALI, S. *Gramática histórica da língua portuguesa*. 8. ed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Editora, 1971.
- ARAUJO, J. A. R. *Quis me dar exemplos prontos, logo eu que estudo a língua em uso: um estudo da construção com LOGO X*. 2021. Tese de Doutorado). Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2021.
- ARENA, A. B.; SÁ, É. C. I. No ano passado, a “vakinha” ganhou um ponto fixo. Desde então...: uma análise funcionalista de circunstanciadores temporais. *Revista (Con)Textos Linguísticos*, Vitória, v. 14, n. 28, p. 77-98, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos>. Acesso em: 26 maio 2025.
- BECHARA, E.. *Moderna gramática portuguesa*. 38. ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019, p. 348.
- BISPO, E. B.; SILVA, J. R. Variação linguística, mudança linguística e construcionalização. In: XXI Seminário do Grupo de Estudos Discurso & Gramática e VIII Seminário Internacional do Grupo de Estudos Discurso & Gramática. Rio de Janeiro: UFRJ, 2016.
- BRYMAN, A. Quantitative and qualitative research strategies in knowing the social world. In: MAY, T.; WILLIAMS, M. (eds.). *Knowing the social world*. Philadelphia: Open University Press, 1998.
- BYBEE, J. L. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- _____. Mechanisms of change in grammaticalization: the role of frequency. In: JOSEPH, B. D.; JANDA, J. (eds.). *The handbook of Historical Linguistics*. Oxford: Blackwell, 2003.
- _____. Usage-based theory and grammaticalization. In: NARROG, H.; HEINE, B. (eds.). *The Oxford handbook of grammaticalization*. New York: Oxford University Press, 2011.
- CASTILHO, Antonio T.; CASTILHO, C. M. M. de. Advérbios modalizadores. In: ILARI, Rodolfo (Org.). *Gramática do português falado*. 2. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2002.
- CROFT, W. *Radical construction grammar: syntactic theory in typological perspective*. New York: Oxford University Press, 2001.

CUNHA, A. G. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Lexicon, FAPERJ, 2010.

CUNHA, C.; CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo*. 7. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2016.

CUNHA LACERDA, P. F. A. O papel do método misto na análise de processos de mudança em uma abordagem construcional: reflexões e propostas. *Revista Linguística*, Rio de Janeiro: UFRJ, 2016, vol. especial, p. 83-101.

CUTY, E. A.; GUIMARÃES, A. M. de M. Uso do advérbio de lugar nas narrativas infantis. *Cadernos do IL*, Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, n. 14, dez. 1995.

DE SÁ, É. I.; CEZARIO, M. M. *Usos de circunstanciais temporais e aspectuais em jornais em português do Brasil e em francês*. 2022.

DIEHL, A. A. *Pesquisa em ciências sociais aplicadas: métodos e técnicas*. São Paulo: Prentice Hall, 2004.

DIAS, N. B.; ARAÚJO, J. A. R.; PACHECO, P. H. Construções contrastivas acontece que e logo eu. *Revista (Con)Textos Linguísticos*, Vitória, v. 14, n. 27, p. 297-316, 2020. e-ISSN 1982-291X. Disponível em: periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos. Acesso em: 26 mai. 2025.

DURÇO, Ana Paula Gonçalves. *Mapeamento de microconstruções com então: uma proposta de rede construcional*. Tese de Doutorado. Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, 2019.

FERNANDES, Fernanda Faria. *Mapeamento de microconstruções com assim*. Dissertação de Mestrado. Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, 2025.

FISCHER, O. Grammaticalization as analogically driven change? In: NARROG, H.; HEINE, B. (eds.). *The Oxford handbook of grammaticalization*. New York: Oxford University Press, 2011.

FISCHER, O. Grammaticalization as analogically driven change? *Vienna English Working Papers*, v. 18, n. 2, p. 3-23, 2009.

FLORET, F. M. *A trajetória das construções conclusivas com portanto, por isso, logo e então*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2022.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; BISPO, E. B.; SILVA, J. R. Linguística funcional centrada no uso: conceitos básicos e categorias analíticas. In: CEZÁRIO, M. M.; FURTADO DA CUNHA, M. A.; BISPO, E. B.; SILVA, J. R. Linguística funcional centrada no uso: conceitos básicos e categorias analíticas. In: CEZÁRIO, M. M.; FURTADO DA CUNHA, M. A. (orgs.). *Linguística centrada no uso: uma homenagem a Mário Martelotta*. Rio de Janeiro: Mauad, 2013.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; CUNHA LACERDA, P. F. A. Gramática de Construções: princípios básicos e contribuições. In: OLIVEIRA, M. R.; CEZÁRIO, M. M. *Funcionalismo linguístico: vertentes e diálogos*. UFF: EDUFF, 2016.

GIVÓN, Talmy. *Syntax: A functional-typological introduction. Volume I.* Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1984.

GIVÓN, T. *Functionalism and Grammar.* Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1995.

GOFFMAN, E. *Interaction Ritual.* New York: Doubleday, 1967.

GOLDBERG, A. E. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure.* Chicago: University Press, 1995.

_____. *Constructions at work: the nature of generalization in language.* Oxford: University Press, 2006.

_____. Constructionist Approaches. In: HOFFMANN, T.; TROUSDALE, G. *The Oxford handbook of construction grammar.* New York: Oxford University Press, 2013, p. 15-31.

_____. *Constructionist approach to language.* In: Workshop em XXI Seminário do Grupo de Estudos Discurso & Gramática e VIII Seminário Internacional do Grupo de Estudos Discurso & Gramática, 2016.

GONÇALVES, S. *et al. (orgs.). Introdução à gramaticalização.* São Paulo: Parábola, 2007.

HEINE, B.; KUTEVA, T. *Gramaticalização.* Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

HOFFMANN, T.; TROUSDALE, G. (org.). *The Oxford handbook of construction grammar.* Oxford: Oxford University Press, 2013.

KOCH, Ingedore Villaça; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *A coerência textual.* 12. ed. São Paulo: Contexto, 2001. (Repensando a Língua Portuguesa).

KOCH, I. G. V. *A inter-ação pela linguagem.* 8. ed. São Paulo: Contexto, 2003.

_____. *Argumentação e linguagem.* 12. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

_____. *Desvendando os segredos do texto.* 7. ed. São Paulo: Cortez, 2018.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metáforas da vida cotidiana.* Tradução do Grupo de Estudos da Indeterminação e da Metáfora (GEIM), sob coordenação de Mara Sophia Zanotto e pela tradutora Vera Maluf. 1. ed. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

LAKOFF, G. *Women, fire, and dangerous things: what categories reveal about the mind.* Chicago: The University of Chicago Press, 1987.

LANGACKER, R. W. *Cognitive Grammar.* New York: Oxford University Press, 2008.

_____. *Foundations of cognitive grammar: theoretical prerequisites.* Stanford: Stanford University Press, 1987.

_____. Syntactic Reanalysis. In: LI, C. N. (ed.). *Mechanisms of Syntactic Change.* Austin: University of Texas Press, 1977.

LOPES, Ana Cristina Macário. *Contributos para uma análise dos valores temporais e discursivos de logo*. In: LINDLEY CINTRA. Homenagem ao Homem, ao Mestre e ao Cidadão. Coimbra: Edição Cosmos, 1999. Disponível em: <https://hdl.handle.net/10316/47903>. Acesso em: 14 jul. 2025.

MARTELLOTA, M. E. T. *Os circunstanciadores temporais e sua ordenação: uma visão funcional*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1993.

MARTINS DALL'ORTO, Lauriê Ferreira; DURÇO, Ana Paula Gonçalves; LACERDA, Patrícia Fabiane Amaral da Cunha. *Variação e mudança linguística: evidências a partir da perspectiva da construcionalização gramatical sincrônica*. Revista (Con)Textos Linguísticos, Vitória, v. 14, n. 28, p. 99-119, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos>. Acesso em: 18 ago. 2025.

MARTINS, S. C. *Construções avaliativas com verbos denominais: uma proposta de rede construcional*. Dissertação de Mestrado. Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, 2021.

NEVES, M. H. de M. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____. *Gramática de usos do português*. São Paulo: UNESP, 2011.

OLIVEIRA, M. R. de; ARENA, A. B. *Arquitetura construcional e competição pelo uso*. In: XXI Seminário do Grupo de Estudos Discurso & Gramática e VIII Seminário Internacional do Grupo de Estudos Discurso & Gramática. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2016.

PALMER, F. R. *Mood and modality*. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

ROCHA LIMA, C. H. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 49. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.

ROSÁRIO, I. C.; OLIVEIRA, M. R. Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. *Revista de Linguística*, v. 60, 2016.

ROSÁRIO, I. da C. do (org.). *Introdução à linguística funcional centrada no uso: teoria, método e aplicação*. Niterói: EdUFF, 2022.

SANTOS, D. R. *O uso do diminutivo no contexto da abordagem construcional da mudança*. 2023. Dissertação de Mestrado. Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, 2023.

SANTOS, K. R. C. dos; ANTONIO, J. D. Uma investigação funcionalista da relação retórica de conclusão no português falado. *Revista de Letras*, Fortaleza, n. 38, v. 2, jul./dez. 2019.

SANTOS, M. P. K. dos. *A formação das microconstruções uma vez que, já que e assim que: uma abordagem cognitivo-funcional*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2019.

SILVÉRIO, G. P.; REGINA PANTE, M. LOGO: sua gramaticalização e seu semantismo em textos midiáticos. *Línguas & Letras*, [S. l.], v. 15, n. 31, 2015, p. 2.

Disponível em: <https://saber.unioeste.br/index.php/linguaseletras/article/view/10358>. Acesso em: 26 mai. 2025.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *O aspecto verbal no português: a categoria e sua expressão*. 5. ed. Uberlândia: EDUFU, 2014.

TRAUGOTT, E. C. *Toward a coherent account of grammatical constructionalization*. Slightly revised version of PowerPoint presentation at Societas Linguistica Europea (SLE) 44, Spain, September 8th-11th, 2011c.

_____. (Inter)subjectivity and (Inter)subjectification: A Reassessment. In: DAVIDSE, K.; VANDELANOTTE, L.; CUYCKENS, H. (eds.) *Subjectification, Intersubjectification and Grammaticalization*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1515/9783110226102.1.29>. Acesso em: 26 mai. 2025.

_____; TROUSDALE, G. *Construcionalization and Constructional Changes*. New York: Oxford University Press, 2013.

_____; DASHER, R. *Regularity in semantic change*. New York: Cambridge University Press, 2005.

TRAVAGLIA, L. C. *O aspecto verbal no português: a categoria e sua expressão*. Uberlândia: EDUFU, 2014.

WHITE, P. *An introductory tour through Appraisal Theory*, 2003. Disponível em: <http://www.grammatix.com/appraisal/appraisaloutline/framed/frame.htm>. Acesso em: 14 mai. 2024.